

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

FABÍOLA DE CARVALHO COELHO

**Mulheres “em conserva”:
Os sentidos de envelhecimento em revistas femininas**

BELO HORIZONTE

2010

FABÍOLA DE CARVALHO COELHO

**Mulheres “em conserva”:
Os sentidos de envelhecimento em revistas femininas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como parte integrante dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingrid Faria Gianordoli Nascimento

BELO HORIZONTE

2010

150 Coelho, Fabíola de Carvalho
C672m Mulheres “em conserva” [manuscrito] : os sentidos de
2010 envelhecimento em revistas femininas / Fabíola de Carvalho
Coelho. -2010.

161 f.

Orientador : Ingrid Faria Gianordolli Nascimento
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicologia – Teses. 2. Envelhecimento - Teses 3. Mulheres -
Teses. 4. Estética – Teses. I. Nascimento, Ingrid Faria Gianordolli.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas. III. Título



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia

A Dissertação “*Mulheres em Conserva’: Os sentidos de envelhecimento em revistas femininas.*”

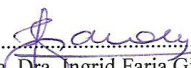
elaborada por **Fabiola de Carvalho Coelho**


e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de


MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 22 de junho de 2010.

BANCA EXAMINADORA


.....
Profa. Dra. Ingrid Faria Gianordolli Nascimento
(Orientadora)


.....
Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento


.....
Profa. Dra. Zeidi Araújo Trindade



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO “ *Mulheres em Conserva’*: Os sentidos de envelhecimento em revistas femininas.”

Aos vinte e dois dias do mês de junho do ano de dois mil e dez, perante a Comissão Examinadora constituída pelos professores: Dra. Ingrid Faria Gianordoli Nascimento (orientadora), Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento e Dra. Zeidi Araújo Trindade; a aluna **Fabiola de Carvalho Coelho**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, submeteu-se à defesa de sua dissertação intitulada “ *Mulheres em Conserva’*: Os sentidos de envelhecimento em revistas femininas.” e, de acordo com os dispositivos regimentais, obteve aprovação de todos os membros da Comissão Examinadora. Do que para constar, lavrou-se a presente ata, que será assinada pela Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 22 de junho de 2010. xxx

Ingrid Faria Gianordoli Nascimento

Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Zeidi Araújo Trindade

 /

DEDICATÓRIA

Ao meu saudoso avô Píndaro Carvalho, com quem aprendi, desde pequenina, o valor das letras, dos livros, das artes e do conhecimento como forma de melhoria do ser humano e de busca do verdadeiro sentido da Vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela Bênção da Vida e pelo alimento da minha Alma.

Aos meus pais e irmãos pela força, incentivo e amor durante este período de tanto estudo e trabalho.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes nesta jornada.

À minha Orientadora Ingrid, pelo apoio ao meu projeto e dedicação na sua realização.

À Prof. Sandra Azeredo, pelo carinho e inspiração durante o Seminário de Gênero e por acreditar neste projeto.

RESUMO

Coelho, F. C (2010). *Mulheres “em conserva”*: Os sentidos de envelhecimento em revistas femininas. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A questão do crescimento da população de idosos no Brasil tem ocupado um grande espaço nas discussões dos impactos do envelhecimento, num contexto social pautado pela crescente importância dada à aparência da juventude, disseminados pelos meios de comunicação. A presente pesquisa teve por objetivo apreender os sentidos atualmente divulgados em revistas femininas sobre o envelhecimento da mulher. Tal escolha foi feita a partir do entendimento de que, em nossa sociedade, muitos sentidos socialmente construídos são intermediados pelos veículos midiáticos, dentre eles as revistas femininas que, por representarem uma publicação definida sociologicamente para um segmento específico da sociedade, no caso, a mulher, apresenta um relevante universo discursivo com a pulverização de determinados ‘saberes’ a despeito das temáticas femininas. Por meio de pesquisa documental foram analisadas 13 números da revista *Cláudia* e 12 números da revista *Tpm*, num total de 107 matérias ambas publicadas no período de julho de 2008 a julho de 2009. A análise de conteúdo do material permitiu cotejar a presença de três núcleos básicos de sentido, respectivamente relacionados à beleza, ao trabalho e à funcionalidade. Verificou-se, ainda, que foram os fatores relacionados à beleza e ao corpo os mais relevantes na construção das representações sobre o envelhecimento da mulher, especialmente associados às premissas da cultura de consumo que identificam, na juventude, o corolário da beleza e, na política de normatização do corpo, o enfoque ‘medicalizado’ da beleza. Paralelamente aos elementos normativos, na esfera estética, outros sentidos são traçados para o envelhecimento, especificamente no âmbito laborativo, associando-o à manutenção da capacidade produtiva, e no domínio funcional, caracterizando a competência homeostática desta fase da vida, em continuidade às etapas anteriormente vividas. Ademais, a análise dos conteúdos veiculados nas páginas de *Tpm* sobre os sinais de envelhecimento, evidencia uma diferenciação em relação aos conteúdos veiculados nas páginas da revista *Claudia*, acerca dos procedimentos. Se nestas, os procedimentos estéticos de combate às rugas, por exemplo, são naturalizados, indicados para as leitoras, muitas vezes sem questionamento, já em *Tpm* estão relacionados a aspectos positivos que remetem as experiências vividas e a manutenção das características pessoais naturais.

Palavras-chave: Envelhecimento. Corpo. Beleza.

ABSTRACT

Coelho, F. C (2010). *Women “in preserves”*: *The depiction of aging in feminine magazines*. Master's Dissertation, Department of Psychology, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The issue on the growing elderly population in Brazil has resulted in heavy discussion over the impact of aging in a social context due to the growing importance given to younger looks by most communication channels. The aim of this research is to learn the senses presently exposed in women's magazines on feminine aging. Such a choice was made due to the understanding that, in our society many socially constructed senses are conveyed through media channels, and amongst these, women's magazines which, by representing a sociologically defined publication for a specific segment of society; in this case women, presents a relevant discursive universe with the pulverization of determined “knowledges” in regards to female themes. By means of documental research, 13 issues of *Cláudia* magazine and 12 issues of *Tpm*, were analyzed, reaching a total of 107 articles both published during the periods of July 2008 and July 2009. The content analysis permitted for awareness of three basic nucleuses of sense, related to beauty, work, and functionality, respectively. It was also noted that the factors related to beauty and the body were most relevant in the construction of representations of women's aging; especially those associated to the premises of shopping culture, which identifies in youth the corollary of beauty, and in policies of body shaping the medical focus of beauty. Parallel to the elements of the norm in the aesthetics sphere, other senses are linked to aging, mainly in the labor area, associating itself to the maintenance of work capacity, and in the functional domain characterizing the homeostatic competence of this life stage in continuity to previous life stages. Furthermore, the analysis of subject material in the pages of *Tpm* on the signs of aging shows a clear differentiation when compared to the content published on the pages of *Claudia*, in regards to procedures. If in the latter the aesthetic procedures to combat wrinkles for example, are naturalized and indicated to female readers often without questioning, the former depicts positive aspects which relate to life experiences and the maintenance of personal natural characteristics.

Keywords: Aging. Body. Beauty.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Revista <i>Claudia</i> (Junho 2009, p.4).....	64
Figura 2 Revista <i>Claudia</i> (Julho, 2008).....	66
Figura 3 Revista <i>Claudia</i> (Novembro 2008, p.96).....	69
Figura 4 Revista <i>Claudia</i> (Maio 2009, p.59).....	79
Figura 5 Revista <i>Claudia</i> (Maio 2009, p. 207).....	80
Figura 6 Revista <i>Claudia</i> (Maio 2009, p. 221).....	80
Figura 7 Revista <i>Claudia</i> (Maio 2009, p. 80).....	80
Figura 8 Revista <i>Claudia</i> (Maio 2009, p. 92).....	80
Figura 9 Revista <i>Claudia</i> (Junho, 2009).....	87
Figura 10 - Revista <i>Claudia</i> (Junho 2009, p.156-157).....	90
Figura 11 - Revista <i>Claudia</i> (Junho 2009, p.158).....	90
Figura 12 - Revista <i>Claudia</i> , Junho de 2009, p.161.....	90
Figura 13 - Revista <i>Claudia</i> (Agosto 2008, p.118).....	92
Figura 14 - Revista <i>Claudia</i> , nº9, Ano47, p.42-43.....	104
Figura 15 - Revista <i>TPM</i> (Julho 2009, p.12).....	113
Figura 16 - Revista <i>TPM</i> (Abril 2009, p.107).....	115
Figura 17 - Coluna Semana de moda, Revista <i>TPM</i> (Julho 2008, p.80-81).....	116
Figura 18 - Coluna Beleza - Revista <i>TPM</i> (Fevereiro 2009, p.88).....	116
Figura 19 - Revista <i>Tpm</i> , Fevereiro 2009, p.21.....	133
Figura 20 - Revista <i>Tpm</i> , Julho 2009, p.20.....	133
Figura 21 - Revista <i>Tpm</i> , Julho 2008, p.51.....	134
Figura 22 - Revista <i>Tpm</i> , Julho 2008, p.55.....	134
Figura 23 - Revista <i>Tpm</i> (Dez/2008, Jan/2009, p.74-7).....	136
Figura 24 - Revista <i>Tpm</i> , Agosto 2008, p. 52-53.....	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Padrões de beleza vigentes nos períodos históricos.....	42
Quadro 2 - Número de matérias encontradas na seção “Imagem não é tudo” sobre Envelhecimento.....	118
Quadro 3 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção Magazine Beleza.....	120
Quadro 4 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção Pra fechar.....	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de matérias encontradas por seção da revista Claudia referentes ao envelhecimento (N=81).....	71
Tabela 2 - N° de matérias sobre envelhecimento na seção Reportagens de capa (N=29).....	72
Tabela 3 - N° de matérias sobre envelhecimento na seção Atualidades de gente (N=12).....	73
Tabela 4 - N° de matérias sobre envelhecimento na seção Beleza e Saúde (N=32)....	73
Tabela 5 - N° de matérias sobre envelhecimento na seção Sempre em CLAUDIA (N=08).....	73
Tabela 6 - Distribuição de freqüência de rugas por seções da CLAUDIA (N=40).....	74
Tabela 7 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento por seção da revista Tpm (N=341).....	118
Tabela 8 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção Páginas Vermelhas (N=06).....	119
Tabela 9 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção Perfil (N=03).....	120
Tabela 10 - Distribuição por temáticas na seção Badulaque sobre envelhecimento (N=08).....	121

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1	A construção sócio-histórica sobre envelhecimento no Ocidente: repaginando o presente.	15
2.1.1	Corpo e envelhecimento: do fenômeno do culto ao corpo ao banimento do velho corpo.....	18
2.2	Diferenças de gênero: a mulher e as preconizações sociais a partir do corpo.....	28
2.2.1	Marcas da história: O Corpo feminino e seus aprisionamentos na beleza e na moda.....	34
2.3	Da passagem do tempo à busca pela juventude: o processo de envelhecimento x a ditadura da beleza na mídia impressa feminina.....	42
2.3.1	Impressões imprecisas da velhice: mulher, corpo e juventude na mídia impressa feminina.....	50
3	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	56
3.1	Caracterização das revistas.....	58
3.2	Procedimento de coleta.....	58
3.2.1	Instrumento de coleta.....	60
3.2.2	Procedimento de Análise.....	60
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	63
4.1	Folheando a revista <i>Claudia</i>	63
4.1.1	Apresentando a revista: conhecendo as seções de <i>CLAUDIA</i>	66
4.1.2	O Envelhecimento nas páginas da revista: a classificação das matérias.....	70
4.1.3	O envelhecimento em revista.....	71

4.2	Sentidos de envelhecimento na revista <i>Claudia</i>	75
4.2.1	Mulheres em conserva	75
4.2.1.2	Questão de pele.....	76
4.2.1.3	Juventude-Beleza: O envelhecimento e a lógica de consumo.....	86
4.2.1.4	Beleza natural X Beleza produzida.....	91
4.2.1.5	Rugas, assustadoras rugas.....	98
4.2.2	Envelhecimento e produtividade.....	103
4.3	Revista <i>Tpm</i> : a irmã caçula.....	110
4.3.1	Apresentando a revista.....	112
4.3.1.1	Envelhecimento nas páginas da <i>TPM</i>	117
4.3.2	Velhice e envelhecimento nas páginas da <i>Tpm</i> : um contraponto com as representações da revista <i>Claudia</i>	122
4.3.2.1	Mulheres em conserva: corpos de plástico.....	123
4.3.2.2	Histórias de vida, memórias da vida.....	135
4.4	Sentidos de envelhecimento.....	140
4.4.1	Tecnologia X envelhecimento.....	140
4.4.1.1	Nas profundezas das rugas.....	141
4.4.2	O Envelhecimento como Desgaste Natural.....	142
4.4.2.1	O Envelhecimento X Funcionalidade.....	144
4.4.3	O envelhecimento como produtividade.....	144
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
	REFERÊNCIAS	150
	ANEXO 1 – Ficha de Pesquisa	161

1 INTRODUÇÃO

Este mundo é feito para os magros, jovens, brancos, caucasianos e sem nenhum tipo de deficiência física. Quem não pertencer a um desses grupos, com certeza ficará à margem sofrendo inúmeros preconceitos. (Novaes & Vilhena, 2006, p. 1)

A relevância do envelhecimento populacional para a sociedade brasileira parece incontestável, pois, conforme projeções estatísticas, no período de 1950 a 2025, o grupo de idosos brasileiros deverá ter aumentado 13 vezes, o que significa um contingente de aproximadamente 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009), o número de pessoas com mais de 60 anos em 2008 somava cerca de 21 milhões, ou seja, 11,1% da população total do país. Visto como um fenômeno mundial, para a Organização Mundial de Saúde (2002), o envelhecimento da população apresenta características diferentes conforme as sociedades nas quais se manifesta, sendo que, nos países desenvolvidos, sua velocidade de crescimento ocorre de modo mais lento, acompanhado pelo crescimento econômico e pela elevação do nível de bem-estar. Já nos países em desenvolvimento, como o Brasil, tal processo tem ocorrido de maneira mais abrupta. O IBGE (2009) considera idosas as pessoas com 60 anos ou mais, mesmo limite de idade considerado pela OMS (2002) para os países em desenvolvimento.

O critério utilizado em medições de caráter essencialmente numérico, através da utilização da idade como referencial unívoco de um determinado grupo, parece-nos, no mínimo, insuficiente e arbitrária. Primeiramente porque pessoas da mesma idade cronológica apresentam estágios completamente diferentes de envelhecimento e ademais, uma das grandes dificuldades seria a de se precisar, objetivamente, o começo do processo de envelhecimento que, para autores como Bookstein et al. (1993), iniciaria muito antes de ser percebido, em algumas instâncias, já desde o nascimento. Identificar o envelhecimento como processo, entretanto, por si só já é uma tentativa conceitual, caracterizada por uma sucessão de mudanças gradativas, desenvolvidas ao longo do tempo, de forma contínua (Kastenbaum, 1979). No entanto, a utilização de termos como envelhecimento ou velhice pressupõe distinções conceituais conforme as áreas de conhecimento à qual se articulam.

Para a Antropologia, a definição de categorias de idade, bem como as caracterizações dos grupos etários são dados relevantes nas pesquisas atinentes aos modos como se processam os construtos e as reproduções da vida. A pesquisa sobre envelhecimento suscita, a priori, algumas dificuldades tangenciadas por discursos paradoxais que, num legado histórico do pensamento cartesiano dualista, tentam circunscrever o evento humano do envelhecimento, ora em padrões cunhados por ‘determinismos biológicos’, nos quais as premissas biológicas conferem o escopo explicativo do evento, ora por ‘determinismos sociais’ justificando que toda e qualquer manifestação do evento pode ser esclarecida no âmbito cultural e sociológico (Featherstone, 1998). O autor em comento argumenta, entretanto, que os conhecimentos pertinentes ao envelhecimento desencadeiam uma série de discursos a respeito do corpo, palco de interlocuções de matrizes biológicas e culturais inscritas historicamente por diferentes épocas, culturas e grupos sociais que serão abordadas ainda neste capítulo.

Apesar de o presente trabalho se constituir a partir da premissa de que as etapas da vida se constituem na medida em que são atravessadas por investimentos culturais, não podemos nos abster das considerações biológicas do evento. Autores como Comfort (1979) consideram-no como um conjunto sistêmico de fenômenos que levam à redução da capacidade de adaptação a sobrecargas funcionais numa alusão à chamada *senescência*. Também conhecida como envelhecimento saudável, caracteriza-se como um fenômeno dotado de um certo equilíbrio homeostático, nas quais as mudanças nos subsistemas fisiológicos seriam paulatinas, com certas possibilidades de compensações, ou seja, certas perdas, no âmbito fisiológico, por exemplo, poderiam ser compensadas por ganhos adquiridos ao longo do tempo, através da chamada experiência vivencial. A *senilidade*, por outro lado, também conhecida como envelhecimento patológico, seria caracterizada, segundo Neto (1998), pelo conjunto de mudanças funcionais que acontecem de modo muito acelerado, acarretando um comprometimento abrupto e, por vezes devastador, das funções cognitivas, de juízo crítico, de orientação têmporo-espacial e de reações psicossociais. Krassoievitch (2000), numa visão menos biológica e mais integradora, define o envelhecimento como um inevitável processo de sucessão de mudanças que se desenvolvem em decorrência do tempo e que modificam a forma, as condições internas e as funções de tudo que existe, ocorrendo em um campo material e subjetivo, regido pelas relações do organismo com o meio, enquanto Mercadante (1998) apresenta a necessidade de localização histórica do processo

que, segundo ele, assume contornos específicos, conforme a sociedade, a cultura e o contexto histórico no qual está inserido.

O entendimento da velhice, em seu caráter conceitual, contudo, remete-nos, também, a uma discussão das práticas discursivas como institucionalizadoras de sentido. Sobre este tema, Couto (2004) argumenta:

Querer apreender a concepção de velhice de forma pura e essencial é como pegar o vazio. A velhice que investigamos se constitui num termo sem significação em si mesmo. É uma forma significante aberta a significados baseados num sistema de convenções inserido numa cultura. Cultura é aqui entendida como fenômeno de linguagem, conforme abordagem de Ortiz (1986) ou, melhor dizendo, como universo simbólico que ordena a história da humanidade. (p.2)

Sendo assim, pode-se aferir que o aparecimento e a utilização de determinados termos como “envelhecimento”, “velhice”, “idoso” e “velho” para designar os efeitos da passagem do tempo na experiência humana, todavia pressupõem conotações valorativas inscritas em determinados contextos históricos. Para Silva (2008) a diferenciação da velhice como uma etapa da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX principalmente em detrimento de dois fatores: “a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias” (p. 158).

Cabe-nos esclarecer, entretanto, que o objetivo inicial da pesquisa era o de apreensão dos sentidos sobre envelhecimento feminino sob todos os seus aspectos, todavia, como os dados encontrados evidenciaram a supremacia do aspecto corporal do envelhecimento foi necessária uma revisão temática sobre o corpo a partir de uma perspectiva histórica.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A construção sócio - histórica sobre envelhecimento no ocidente: repaginando o presente

Peixoto (2000) explica a utilização dos termos “velho” e “idoso”, no contexto francês do século XIX, a partir da sua associação com o estado de pobreza. Segundo a autora, o emprego da expressão “velho” era restrito àquelas pessoas com mais de 60 anos, desprovidas de estatuto social, sem posses, que “não podiam assegurar seu futuro financeiramente” (p.71). Outras figuras mais abastadas, inclusive políticos, empresários de idade avançada eram chamados de idosos (*personne âgée*). Com o crescimento acelerado da classe operária, fruto da industrialização e da expansão do sistema capitalista de trabalho, a realidade histórica do final do século XIX abarcava uma situação cujas estatísticas apontavam para o fato de que mais da metade da população urbana com mais de 60 anos era destituída de qualquer salário ou pensão, vivendo sob a dependência dos filhos ou de instituições financeiras. No entanto, progressivamente, a velhice passou a ser tratada como uma questão social merecedora de atenção e de legitimação, no campo das preocupações sociais, ensejando a criação de instituições específicas, como as caixas de aposentadoria que, por sua vez, trouxeram pelo menos três conseqüências: a criação de agentes especializados na gestão da velhice; a transferência de responsabilização das famílias para esses novos agentes; e a solidificação da velhice enquanto categoria etária (Silva, 2008).

Para a autora, uma outra associação, ainda presente na atualidade, refere-se à vinculação do termo “velhice” à aceção de padrões doentios, patológicos. Historicamente esta insígnia pode ser esclarecida com o advento da Medicina Moderna, ocorrida nos séculos XVIII e XIX, que a partir de uma série de mudanças ocorridas no campo da Medicina, inclusive com a inauguração do saber pré-geriátrico, passaram a pesquisar a velhice e o processo de envelhecimento como “problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis” (Silva, 2008, p.158):

Remontando às transformações ocorridas na medicina nos séculos XVIII e XIX descritas por Foucault (1998) em *O nascimento da clínica*, Katz indica o aparecimento de uma forma de compreender a doença que toma o corpo como alvo do olhar médico e como sede das transformações que caracterizam a patologia. O resultado é a determinação do corpo envelhecido. Gradualmente a velhice passa a ser entendida como um estado fisiológico específico, cujas principais características se agrupam sob o signo da senescência. (Silva, 2008, p.158)

Ou seja, a partir do século XVIII os discursos médicos passam a definir as características do chamado ‘corpo envelhecido’ e a inclusão da disciplina geriátrica, já na primeira década do século XX, por conseguinte institui, gradativamente, a pregnância valorativa da velhice ao conceito de doença.

Outro aspecto presente nos séculos XVIII e XIX refere-se à freqüente utilização do termo “velho” numa referência alusiva à decadência e à incapacidade produtiva, todavia, a instauração da aposentadoria trouxe a instalação de uma nova categoria: a dos aposentados que, se por um lado eram apregoadas características concernentes à incapacitação e invalidez para o trabalho, por outro lado legitimava-os como detentores de privilégios sociais. Tidos como sujeitos de direito, com possibilidades de reivindicação de benefícios em nome de uma categoria já estabelecida, a partir da segunda metade do século XX, a reformulação de novas políticas sociais, para a velhice, aumentou o valor das pensões pagas, levando, conseqüentemente à elevação da consideração social positiva dos aposentados. A utilização do termo “velho” deixou de ser usual, sendo substituída por “idoso”, com características valorativas de mais respeitabilidade e menos depreciação, culminando em melhorias da imagem das pessoas envelhecidas (Silva, 2008; Peixoto, 2000).

O direito à inatividade remunerada, determinada ou pela idade biológica ou pelo tempo de serviço, trouxe conseqüências importantes para as mudanças conceituais acerca do envelhecimento. A transformação de fundos de pensão em agências financeiras fomentou a concorrência entre estes grupos financeiros (Debert, 2004a) que passaram a oferecer, além do rendimento mensal aos aposentados, outros serviços e benefícios, contribuindo para a invenção da chamada terceira idade. Se até então a aposentadoria estava associada a valores depreciativos de incapacidade, com a liberação da cadeia produtiva, a partir desta época surge, principalmente para o novo grupo de aposentados, novas práticas voltadas para o lazer e para serviços especiais de saúde. A emergente possibilidade de ressignificação do tempo ocioso inaugura, desta forma, a

transformação da aposentadoria em ‘idade do lazer’, através da oportunidade de realização de antigos sonhos, representando uma importante mudança social na determinação dos atributos associados à idade:

O surgimento da categoria 'terceira idade' é considerado, pela literatura especializada, uma das maiores transformações por que passou a história da velhice. De fato, a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, *hobbies* e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. (Silva, 2008, p. 161)

Sendo assim, a nova nomenclatura “terceira idade”, se por um lado inaugura a tendência contemporânea de ressignificação do envelhecimento como uma experiência bem sucedida e uma fase profícua de realização pessoal, por outro lado passa a designar o período existente entre a maturidade e a velhice avançada, afirmando uma espécie de separação conceitual entre velhos e indivíduos da terceira idade. Para os primeiros, conforme Gomes e Pereira (2002) a manutenção é a de uma lógica assistencialista e de marginalização, através das imagens das casas de asilo e leitos de hospital, já para os indivíduos da terceira idade viceja a imagem do velho jovem, pois “quem regressa à vida ativa não é o velho, mas um Outro, rejuvenescido, conceitual e fisicamente” (p. 223).

O novo modelo de envelhecimento, segundo Debert (2004a), apresenta três atores: 1) o saber especializado; 2) os próprios sujeitos e 3) a mídia. O primeiro deles se faz presente através dos discursos da gerontologia, pela propagação da qualidade de vida como uma das marcas do novo envelhecimento que são materializados através da elaboração e execução de programas voltados para o público com faixa etária acima de 60 anos e pelas “tecnologias de rejuvenescimento” (p.16), transformando a velhice em uma questão social relevante. O segundo agente, personificado pelos próprios indivíduos usuários destes programas, passa a redesenhar e ocupar novos espaços para a experiência do envelhecimento e, finalmente a mídia, que não somente visibiliza os debates entre os dois agentes anteriormente descritos, como também “abre campos para novas demandas políticas e para a formação de novos mercados de consumo” (p.16). A crescente importância da mídia nos processos de transformações sociais, inclusive na redefinição de papéis para os indivíduos de faixas etárias distintas, outrossim, estabelece, ainda, segundo Debert (2004a), referências atuais vinculadas à expansão do capital e às reelaborações

sobre as concepções de corpo e saúde que, por sua vez, passam a ser consideradas no âmbito individual, ou seja, cabendo a cada um o cuidado com o próprio corpo e com a própria saúde. Como consequência o tratamento dos problemas da velhice, no âmbito conceitual, passam da esfera social para a pessoal, e o que antes era tido como uma questão de “todos” passa a ser, abordado como responsabilidade do indivíduo.

Featherstone (1998) alega ainda que, nos sentidos concernentes ao envelhecimento, nas sociedades ocidentais contemporâneas, há uma crescente ostentação da aparência física, da imagem visual do corpo como parte da cultura de consumo que, através dos veículos midiáticos disseminam imagens da velhice cada vez mais próximas da juventude. Por conseguinte, os discursos alusivos aos cuidados do corpo, como forma de manutenção da saúde, preconizam, na esfera do envelhecimento, uma espécie de negação do próprio fenômeno ao passo em que legitimam a juventude como um bem, um valor, uma categoria transtetária:

Quando a velhice está em questão dificilmente poderíamos supor que há uma democratização das relações e uma tolerância maior com o corpo envelhecido. O rejuvenescimento é um mercado de consumo em que há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. A oferta constante de oportunidades para a renovação do corpo, das identidades e auto-imagens encobre os problemas próprios do avanço da idade. O declínio inevitável do corpo, o corpo ingovernável que não responde às demandas da vontade individual é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade. (Debert, 2004b, p. 22)

2.1.1 Corpo e envelhecimento: Do fenômeno do culto ao corpo ao banimento do velho corpo

As tentativas de conhecimento do corpo são, por excelência, históricas, provisórias e os muitos saberes a seu respeito refletem, por vezes, os progressos e limites referentes aos intentos de desvendá-lo numa busca pela definição da vida. O resgate da história do corpo, através das diversas formas pelas quais é representado, constitui um importante recurso para a compreensão das características da organização societal, da ação recíproca entre o meio social e a condição humana. Como argumenta Le Breton (2007) “qualquer questionamento sobre o corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende” (p.24), ou seja, conceituá-lo como algo generalizável, uma espécie de natureza incontestada e objetiva seria

restringi-lo ao obscurecimento. Objeto de estudo da medicina, das ciências humanas, da teologia, das artes, suas versões são historicizadas, ou seja, produzidas em sociedades e contextos específicos, por saberes específicos, notadamente demonstrando a inexistência de um corpo único, mas sim a multiplicidade de suas representações proferidas por diferentes discursos (Le Breton, 2007).

No campo das Ciências Sociais, a partir do século XX, descobertas importantes foram feitas sobre a temática corporal, que até então apareciam no discurso sociológico de maneira implícita, sobretudo no tratamento da “degenerescência” do corpo em populações mais pobres, da classe operária como é o caso dos estudos de Marx, Engels e Villermé ou das antropometrias tratadas por Quetelet (Le Breton, 2007, p.12). Todavia, a partir da segunda metade do século XX, houve um crescimento em estudos sistemáticos concernentes à relação entre o corpo e a sociedade na perspectiva das Ciências Sociais.

Para Montagner (2006), tanto Marcel Mauss quanto Pierre Bourdieu “tomaram o corpo como mediador prático entre o simbólico e o social” (p.520). Mauss (1974), um dos precursores na abordagem dos aspectos socioculturais na constituição do corpo humano, apontou a necessidade de observação do modo como cada sociedade inflige ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo, cujas diferentes formas de usos do corpo humano foram denominadas pelo autor como “técnicas corporais”, entendidas como ações tradicionais eficazes, com intentos de uma finalidade precisa, sejam elas com fins práticos ou simbólicos, abrangendo uma multiplicidade de detalhes corporais, aparentemente insignificantes, porém dotados de uma significação relevante na apreensão socializada do corpo. As análises desenvolvidas por Mauss (2003) destacariam, ademais, que as “técnicas do corpo” (p.407) seriam aprendidas por meio da “imitação prestigiosa” observada tanto na criança que aprende com o adulto, como nos adultos que continuam a realizar esta prática tendo como referência mimética os atos daqueles que são considerados socialmente em situação de prestígio. Nesse sentido depreende-se que, para o autor, o corpo, mesmo na aquisição de habilidades supostamente inatas, não poderia ser concebido como algo dado somente pelas condições biológicas, mas construído, também, a partir das interações biológicas com as condições socialmente operantes tecnicamente. Sendo assim, o corpo seria “... o primeiro e mais natural instrumento do homem” (Mauss, 2003, p.407), ao mesmo tempo “o objeto da técnica, um meio técnico e a origem subjetiva da técnica” (Csordas, 2008, p. 109).

Para além do componente social na aquisição de habilidades e usos do corpo por meio da técnica, Bourdieu (1979) vislumbra a dimensão corporal como o local de distinções sociais. Todavia, para que possamos compreender a articulação conceitual de corpo às pertencas sociais de classe, faz-se necessária uma breve elucidação daquilo que o autor chamaria de *habitus*. Mauss (2003) já utilizara o termo para designar uma coletânea de práticas e padrões culturais sobre os usos do corpo, entretanto, Bonnewitz (2003), baseando-se em Bourdieu, localiza o tema da seguinte forma:

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis, dispostas a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e representações, que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los; objetivamente reguladas e regulares, sem ser em nada o produto da obediência às regras e sendo tudo isso coletivamente orquestrado sem ser o produto da ação organizadora de um maestro”. (Bonnewitz, 2003, p. 76-77)

E como mediação universalizante estaria imbuído de duas funções: uma delas em relação às estruturas objetivas, através do qual funcionaria como “princípio gerador de práticas” (Bourdieu, 1977, p. 77), e na sua relação com um repertório amplo de práticas sociais funcionaria como o “princípio unificador” (Bourdieu, 1977, p. 83). O reflexo do *habitus* no corpo, o autor chamaria de *hexis corporal*, termo utilizado para designar uma espécie de esquema corporal abrangendo não só a dimensão aparente do corpo, personificada nos cuidados com um determinado senso de beleza e estética, como também toda uma gama de hábitos de postura, de higiene, rituais e interdições referentes ao corpo e relacionados ao grupo de pertença social do indivíduo. O corpo, para o autor, assim como para Mauss, seria culturalmente investido, locus por excelência da produção e efeito de signos¹ socialmente percebidos, inscrição dos elementos culturais presentes nas experiências que os sujeitos humanos vivem ao longo de sua existência e local de distinção social. Ou seja, os esquemas montados para a percepção corporal comporiam parte das estratégias de posicionamento dos diferentes grupos dentro do

¹ Os signos são transmissores de noções para as mentes humanas, relativamente autônomos, “têm sentido por si mesmos, mas consistem em designar algo alheio- as formas sociais e, finalmente a educação, entendida como aquilo que acontece quando a atividade espontânea se incorporou nas formas da cultura” (Mora, 1994, p. 1152).

espaço social, o que possibilita inferir que, na abordagem de Bourdieu (1977), o capital econômico se converteria em um capital cultural.

O estudo sistematizado das práticas e apreços culturais demonstraria que o corpo expõe, através de inúmeros componentes materializados, seja nos cuidados com a estética, com a beleza, com a apresentação de si pela escolha das indumentárias, a associação entre as condições sociais (econômicas e educacionais) de existência e o aspecto exterior apresentado pelo indivíduo, refletindo a interiorização de seu grupo social de pertença.

Na perspectiva histórica de Sant'Anna (2004a), de modo genérico, são identificados dois modos distintos de conhecimento e tratamento do corpo ao longo do tempo: o primeiro deles agruparia os preceitos da medicina hipocrática e de “algumas tendências de inspiração naturalista e cristã” (p. 5), apregoando a submissão do corpo “às regras morais, ou à ordem considerada natural e cosmológica” (p.5). Já o segundo modelo, datado da época contemporânea, inscreve o controle dos corpos por meio da tentativa crescente de descolar seus sentidos de referências morais, religiosas e étnicas.

Le Breton (2007), por sua vez, distingue duas representações de corpo observadas em pesquisas sociológicas, cujas distinções estão associadas a certos elementos históricos e etnológicos. A primeira delas refere-se ao conhecimento médico de maneira geral, cujo objetivo é o de “dar um corpo ao homem” (p.2), pautando-se na distinção epistemológica entre o homem e o corpo. A teorização biomédica desta representação, típica da anatomofisiologia e da medicina moderna, caracteriza o corpo como um objeto em si, uma realidade objetiva, naturalizada, caracterizada por elementos fixos e definíveis, por argumentos aparentemente irrefutáveis, abalizados pelo saber 'científico' numa tentativa de legitimação de uma certa chancela da verdade. Todavia, para o autor, este seria um dos possíveis discursos acerca do corpo. Ou seja, a tentativa de circunscrição da dimensão corporal às asserções médicas seria, no mínimo ingênuo, pois tal termo designa e abarca significados que vão muito além dos limites biológicos, desencadeando tensões entre o que é preconizado como natural ou cultural (Le Breton, 2007; Sant'Anna, 2000).

Embora constituído por elementos biológicos, ater-se à sua materialidade carnal somente, segundo Le Breton (2007), pressupõe uma “falsa evidência” (p.26), um processo de naturalização paradoxalmente imbuído por construtos concernentes à própria história da medicina, cuja diversidade da formação dos saberes e práticas médicas, apresentam versões

distintas sobre o 'corpo' ao longo do tempo. A segunda representação apresentada pelo autor em comentário, não distingue o homem de seu corpo, ao contrário, vincula o homem a uma totalidade cósmica, coincidindo com o primeiro grupo descrito por Sant'Anna (2004a). Nesta perspectiva, “o corpo é similar a um campo de força em ressonância com os processos de vida que o cercam” (Le Breton, 2007, p.26), típico das tradições populares, bem como de algumas sociedades orientais que o representam de modo integrado. Totalmente “inserido numa rede complexa de correspondências entre a condição humana e a natureza”, as prerrogativas são concernentes à idéia de que a natureza é uma referência essencial ao conhecimento e ao cuidado dos corpos. O controle do corpo, por sua vez, opera muito mais no sentido de tentar mantê-lo em harmonia com o meio ambiente e o cosmo do que a sua autonomia em relação à Natureza, enquanto força (Sant'Anna, 2004a, p.6).

Se para as ciências sociais o corpo apresenta-se como objeto de estudo polissêmico, também a história da medicina, como campo de saber e prática milenar, tampouco demonstra um modelo único de corpo. Muitas são as suas representações, por vezes opostas, pertencentes às elaborações sócio-culturais historicizadas, num claro efeito de mutações das dimensões simbólicas.

O corpo do período hipocrático, por exemplo, datado de aproximadamente 500 anos antes de Cristo, difere em muito daquele preconizado pela medicina medieval que, por sua vez, também se distingue do estabelecido pela medicina moderna, no qual predomina a concepção biológica e anatomofisiológica. Igualmente este modelo apresenta diferenças proeminentes se considerarmos o recorte histórico do século XX e XXI:

Deve-se notar que a medicina do início do século XX trabalhava com uma corporeidade mais integrada e aplicava sobre os corpos um conjunto de práticas igualmente mais integradas do que as da medicina contemporânea, que trabalha com uma corporeidade bastante fragmentada e fragmentária (...). O século XX e esta passagem ao XXI nos mostram que, à medida que o campo do saber médico se diversifica, fragmenta e superespecializa, o corpo, que é objeto correlato de suas intervenções concretas e das suas práticas históricas de produção de conhecimento, fragmenta-se a ponto de perguntarmos hoje por sua “unidade”, uma vez que este é um enunciado básico ligado a certa “independência” homeostática e fisiológica que caracteriza a individualidade dos corpos: seus ritmos particulares, suas taxas, necessidades, respostas e comportamentos singulares. (Prado & Trisotto, 2008, p.117)

Contudo, antes de adentrarmos na concepção vigente sobre o corpo, no campo da medicina, há de se considerar que as construções de discursos eleitos, pelo saber médico,

apresentaram aspectos relevantes associados à construção teológica do corpo e que ainda hoje encontram ecos de suas construções. Perpassada pela tradição judaica-cristã, especialmente no que se refere ao âmbito da sexualidade do corpo e aos discursos morais relacionando-o à dimensão pecaminosa (Wandermurem, 2006), os construtos teológicos do corpo exerceram grande influência sobre as concepções médicas, principalmente até o estabelecimento da Medicina moderna², através de processos de simbolizações e evocações sacralizadas relativas ao corpo.

Datam do século XIV, segundo Silva (2001), as primeiras dissecações do corpo humano realizadas com a aquiescência das autoridades eclesiásticas e legais, “concedidas unicamente para o esclarecimento de assassinatos” (p. 12). Na Idade Média, a medicina era vista de certo modo como uma prática condenável. A anatomia era considerada inumana, uma prática pagã na medida em que a dissecação do corpo humano representava desrespeito, uma espécie de violação a Deus, pois o corpo do homem, segundo a Igreja, representava a imagem do corpo de Cristo.

Para Wandermurem (2006), durante a Idade Média, um dos fatores fundamentais para o estabelecimento dos muitos discursos concernentes ao corpo, caracterizados pela excessiva rigidez dos valores morais e de sua segregação em relação à alma, principalmente em questões valorativas, explica-se pela associação entre a Igreja e o sistema monárquico na manutenção do poder social. O enaltecimento da alma em detrimento do corpo, exacerbando a necessidade da busca do bem da alma, através das suas necessidades espirituais, em contraposição à satisfação dos desejos e prazeres do corpo, posicionava este último como lócus do mal e, conseqüentemente, alvo de restrições, disciplinas e purificações. Todavia, para Sant’Anna (2004a) o cristianismo promoveu uma inovação em relação às perspectivas anteriores, com inspiração naturalista, na medida em que estabeleceu certa distinção entre homem e natureza:

(...) para o cristianismo o homem é destinado a se tornar independente da natureza na medida em que ele deve caminhar em direção a Deus. Assim, a natureza não é eterna e o homem não é um ser *na* natureza, mas um ser *diant*e dela. (Sant’ Anna, 2004a, p. 12)

Sendo assim, para o pensamento cristão, há um processo de dicotomia, pois apesar da natureza ser concebida como obra de Deus, dela se separa o homem que, por ser dotado de uma

² A Era Moderna pode ser delimitada entre os séculos XV e XVIII. O período é de grande transformação também nas idéias que a Europa passa a produzir e valorizar. Inicia-se um processo de ascensão do conhecimento racional sobre o religioso (Heer, 1968).

alma eterna, acaba por transcender a própria natureza, resultando num movimento de relativa independência em relação ao cosmo. Por conseguinte, a partir desse pensamento, a crença de aproximação de Deus, através da alma se ratifica e também a percepção de que o corpo representaria o obstáculo a esta aproximação e à descoberta da verdade e da salvação:

Enquanto a alma é concebida em termos positivos e dotada de imortalidade, o corpo permanece mortal, aquilo que impede o homem de conquistar uma contemplação serena da vida. Considerado seu duplo vergonhoso, o corpo padece e está fadado a padecer, pois, diferentemente da alma, está submetido aos ciclos naturais, às flutuações do desejo, aos perigos da corrupção. Afirma-se uma concepção, que atravessará os séculos, na qual o humano tem um destino original em relação à natureza, graças a sua alma imortal: homem e natureza, tanto quanto alma e corpo, se afirmam como termos opostos (Sant' Anna, 2004a, p.13).

O investimento das sociedades sobre a produção dos corpos, por sua vez, conforme delata Foucault (2008), implicou numa multiplicidade de relações de forças, impondo-lhes limitações, proibições ou obrigações nos quais seu uso e valor estariam sempre associados a certas prescrições, investidas pelas redes de poder. Na Idade Média o poder real era publicamente ratificado através da destruição, em praça pública, dos corpos daqueles considerados culpados ou insubordinados ao édito real. Sendo assim, através do espetáculo do suplício dos corpos, materializava-se, exemplarmente, a legitimação do poder real e a desvalorização do corpo em oposição à alma.

Todavia, no campo da medicina, gradativamente o interesse inusitado pelo corpo humano, a partir das dissecações, tornou esta prática mais freqüente e, por conseguinte, operaram-se transformações nas representações de ser humano e de mundo. Ou seja, a partir das observações provenientes das dissecações anatômicas, muitas dúvidas surgiram de modo a confrontar as explicações, até então dadas pelo cunho religioso. Um profundo questionamento do modelo sacralizado foi transformando o corpo em fonte de conhecimento, medição e dominação. Data desta época o surgimento da idéia de corpo individual, de corpo como construção humana, passando a ser objeto, passível de estudos e intervenções:

A dessacralização do corpo aponta para sua ambigüidade no interior da cultura ocidental: é importante enquanto fonte de experiência, mas, é, também, o corpo que se desvaloriza na medida em que se pode mexer nele e alterá-lo. É, talvez aqui que se pode localizar o início do corpo como construção humana, gênese que chega a seu auge, atualmente, com a engenharia genética e a medicina estética. (Silva, 2001, p.12)

O fim da era feudal, o surgimento do capitalismo, a ascensão do Estado-nação, o crescimento das cidades inauguram a era moderna e a crescente valorização do pensamento racional em detrimento do religioso. Com a ascensão de uma ciência positiva, separada dos valores religiosos e do espaço da moralidade, muitas foram as mudanças nas concepções corporais: no lugar de expiações corporais, os corpos passam a ser investidos de modo a atender aos preceitos da produtividade e controlados por normatividades de cunho científico:

(...) o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (Foucault, 1979, p. 80)

Desta forma, para Foucault (1979), o surgimento do corpo enquanto objeto científico é expoente das implicações do capitalismo que, em suas práticas e valores, privilegiam uma concepção totalmente racional e instrumental, estabelecendo, na modernidade, a perspectiva do controle através do exercício do biopoder³, investindo e produzindo sobre os corpos dos indivíduos “uma ordem moral, social, política, produtiva e normativa capitalista-burguesa” (Prado & Trisotto, 2008, p.117-118). Nesse ínterim, a soberania dos discursos médicos dotados de autoridade científica, funcionaria como instância indicadora de uma série de prescrições atreladas a taxas, índices, padrões, normas e estatísticas diversas, de modo a controlar, ‘disciplinar’ e ‘docilizar’ os corpos, num sistema de sujeição que cria um “saber” sobre o corpo para a norma e para o capital:

(...) que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que não é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e este controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. (Foucault, 2008, p. 26)

A filosofia do Positivismo, especialmente com a hegemonia que conquista no âmbito das ciências biomédicas vai respaldar as ações que serão desenvolvidas, a partir do século XIX, no

³ O biopoder pode ser genericamente explicitado com a produção e utilização de práticas, hábitos e exercícios físicos que conduzem a uma normalização do uso do corpo (Prado & Trisotto, 2008).

âmbito do corpo, seja ele individual ou social. O cuidado com o corpo passa a ser considerado no limite de uma exigência construída a partir do desenvolvimento da ciência e das tecnologias, da expansão do mercado de produtos e serviços; da substituição da higiene pelo prazer e da identificação da personalidade com a aparência. Diferentemente das épocas antecedentes, nas quais o corpo ocupava uma posição marginal, ao passo em que deveria ser respeitado em sua natureza, sem que houvesse a possibilidade de intervenção, na visão moderna das sociedades ocidentais, um novo valor relacionado ao corpo passa a vigorar e, enquanto objeto do saber científico, passa a ser submetido a uma outra liturgia – a da prática médica.

Todavia, novos investimentos sobre o corpo ultrapassaram a esfera das ciências biomédicas abrangendo, de forma significativa, o âmbito cultural, social, político e econômico. No século XX, o ser humano passa a estar mais conectado à técnica e à tecnologia. O surgimento da fotografia, por exemplo, e conseqüentemente a contemplação estética do corpo, que até então estava limitada à pintura e à escultura, participam do processo de democratização do corpo (Sant’Anna, 2001). As novas tecnologias, com suas inúmeras práticas contemporâneas validadas, sobretudo pelos saberes científicos, estabeleceram, paradoxalmente, duas relações com o corpo: valorizando-o com tantos investimentos na esfera da tecnociência, buscando a superação de seu limite enquanto materialidade humana e desqualificando-o, a partir de sua “coisificação”:

A coisificação do corpo foi um processo em que foi negada sua natureza e ele foi subsumido ao ordenamento da razão. Por sua vez, a razão também se tornou coisa ao se desvincular do corpo e assumir princípios independentes do ser humano — a necessidade lógica não é a necessidade de uma pessoa, mas um imperativo da razão. Nesse sentido, o corpo-objeto, a coisa extensa, é um objeto da razão instrumental conformado por ela, constituído pelo pensamento utilitário. Assim, o corpo participa do mundo objetivo das trocas como qualquer outro ser, e sua realidade é determinada pelos interesses do sistema social. A fragmentação permite que o corpo se transforme em uma mercadoria como qualquer outra. O corpo pode ser força de trabalho — conceito extensamente tratado pelo marxismo — e objeto de consumo. (Melani, 2004, p. 1)

Sendo assim, pode-se apreender que, com o desenvolvimento do capitalismo, caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico e pelo desenvolvimento de signos que se transformam em mercadoria, a aparência corporal (imagem corporal que engloba a moda e os cuidados com corpo) passa a representar um elemento de destaque na sociedade contemporânea, especialmente a partir da segunda metade do século XX, juntamente com outros códigos externos, como, por exemplo, as vestimentas:

Entretanto, para Goldenberg (2007), a chamada “glorificação” (p.24) dos corpos surge a partir do fim do século XX e início do XXI, sobretudo nos grandes centros urbanos, caracterizada por uma ênfase crescente na exibição pública do corpo.

Para a autora, a escalada da importância do corpo, por vezes associada ao âmbito da saúde e da beleza, se, por um lado aparentemente valoriza a dimensão corporal, devido ao “afrouxamento moral” e à “aparente libertação física e sexual” (Goldenberg, 2007, p.25), paradoxalmente, por outro lado, intensifica uma nova moralidade, através da obrigatoriedade da conformidade a um determinado padrão estético, praticamente inalcançável (Sabino, 2007). Ou seja, a aparente valorização do corpo falseia, de certa forma, a sua aceitação. Não se trata mais de aceitá-lo como é, mas sim de transformá-lo, corrigi-lo, por meio de intervenções médicas, estéticas. O corpo *real*, com todos os efeitos degradantes do tempo e imperfeições naturais, passa a ser abominado: na crescente valorização do corpo, crescem também as exclusões do corpo. O indivíduo passa a ser responsabilizado pelo seu corpo, que deve estar sempre em “boa forma”, todavia a exigência da boa forma preconiza um modelo de corpo praticamente inacessível.

A propaganda inicial de atenção à saúde, através de uma série de cuidados e investimentos dedicados ao corpo, transforma-se, gradativamente em culto, *corpolatria*, termo utilizado para designar uma espécie de idolatria da forma física, articulada a um processo de alienação e narcisismo semelhantes aos ritos de uma religião. Ora, se na religião milagres exigem sacrifícios, na *corpolatria* o mesmo pode ser percebido por meio das penitências representadas pelas inúmeras horas seguidas diante do espelho, pelos exaustivos exercícios físicos, pela contagem de calorias, além das práticas sacrificiais como dores pós-cirúrgicas, provenientes das intervenções plásticas (Codo & Senne, 1986, p. 13-14).

Aquiescente ao modelo da corpolatria, Goldenberg (2007) argumenta que o “culto à beleza e à forma física é transmitido como um evangelho”, passando o corpo a ser tomado como “objeto de salvação” em substituição à alma, através de uma função moral e ideológica, numa espécie de ressacralização (p.33).

Também Sant’Anna (2000) questiona a contrapartida das exigências e normas subjacentes à crescente ênfase no corpo, presentes na contemporaneidade. Até a primeira metade do século XX o corpo deveria ser “obra da Natureza Divina” (Goldenberg, 2007, p. 31) e qualquer intervenção era considerada perigosa ou imoral. Contudo, o que a história tem mostrado é que a aparente liberação do corpo, quanto aos preceitos religiosos que limitavam não só sua

exibição, mas, também, qualificavam-no como inferior à alma, foi substituída pela imposição de outras exigências, dentre elas, a ditadura da juventude, a necessidade de ser jovem. Ou seja, de etapa da vida a juventude passa a ser um estilo, uma necessidade, um dever, uma categoria transetária.

Apesar da tentativa de preservação da juventude ser uma preocupação antiga, a atual luta pela “boa forma” enseja coerções estéticas imperativas de apagamento dos sinais da idade e do banimento do corpo envelhecido:

Pode-se dizer que, sob a moral da boa forma, um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que mesmo sem roupas está decentemente vestido. (Goldenberg, 2007, p. 29)

Nesse sentido, as marcas do envelhecimento corporais passam a designar a insígnia da feiúra, da exclusão e da desvalorização social. Sendo assim, se anteriormente os corpos encontravam-se presos a uma normatividade sustentada por argumentos religiosos, posteriormente a argumentos científicos e instrumentais, na contemporaneidade uma nova ordem estética é quem cerceia, vigia e normatiza os indivíduos.

2.2 Diferenças de gênero: a mulher e as preconizações sociais a partir do corpo

Diferentes formas de controle são observadas em diferentes tempos históricos em relação aos corpos, entretanto, o que é preconizado como normativo para as mulheres difere muito daquilo que seria atribuído aos homens. Para as ciências sociais, os estudos de gênero transcendem a determinação biológica de homem e mulher, mais do que isso, problematizam todo e qualquer tipo de perspectiva essencializante, ou seja, que fixe atribuições advindas de características inatas, relacionadas a um ou outro sexo como derivado da biologia. Para Kofes (1992) “gênero seria um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual” (p. 28-29) e as categorias “mulher” ou “homem” estariam em um campo epistêmico mais limitado do que as categorias “masculino” e “feminino”, como se as primeiras fossem elementos das segundas.

Apesar de serem numerosos os estudos e conceitos de gênero, vamos nos ater, em linhas gerais, sobre a conceituação preconizada pela historiadora Joan Scott (1990). A autora problematiza a necessidade de abranger o aspecto sócio-relacional do conceito a partir de uma perspectiva que aprecie duas premissas: 1) a de gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (p. 14); 2) e como “o primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (p. 16).

Para a autora, o primeiro aspecto remeteria à concepção de gênero na ordem de um saber atinente às diferenças sexuais, no âmbito das acepções das diferenças corpóreas. Saber este que se faz sempre incompleto, nunca irrestrito ou exato, mas sempre relativo. Entendido, ainda, como a compreensão das formas inscritas sobre as relações humanas não a partir da biologia, mas produzidas pelas sociedades, por meio dos elementos culturais acessíveis, ou seja, representações simbólicas, historicamente construídas pelo conjunto de estruturas institucionais de instâncias religiosas; ordenamentos jurídicos; doutrinas educativas ou políticas; com as conseqüentes práticas cotidianas que determinam oposições binárias e, aparentemente incontestes relativas ao feminino e ao masculino. Nesse sentido, a primeira perspectiva conceitual teria como objetivo o exame crítico dos significados sócio-culturais que são dados às distinções sexuais em termos relacionais, analisando as definições construídas para mulheres e/ou homens, a partir de sua complementaridade. O segundo aspecto abordado demonstra a preocupação em tratar as relações entre mulheres e homens a partir de uma ótica que trate os usos e significados dessas concepções por meio das relações de poder – de dominação e de subordinação.

Torrão (2005) enfatiza, ao citar a importância dos estudos de gênero para a história, que a proposição teórica de Scott sobre o conceito de gênero (1990) abarca tanto a construção de um saber quanto as relações de poder:

A partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos; o seu estudo é um meio “de decodificar e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana”.¹⁹ Para Joan Scott, muitas relações de dominação da história, na Revolução Francesa, nos regimes autoritários, no conceito de classe estão ancoradas e se constituem na categoria do gênero, e para entendê-las é necessário entender o gênero (Torrão, 2005, p. 136)

Ainda segundo Torrão (2005), o conceito de gênero como categoria histórica, preconizado por Scott, possibilita a visibilidade tanto da história das mulheres, como também a

dos homens, além das interações entre homens e mulheres, dos homens entre si, das mulheres entre si, além de propiciar uma análise profícua das desigualdades e das hierarquias sociais. A visão de Rocha-Coutinho (1994), sobre a proliferação dos Estudos de Gênero, aponta o seu papel relevante na desestabilização de modelos considerados naturalizados, fixados como atributos naturais em detrimento da diferença biológica, para as concepções legitimadas concernentes às mulheres e aos homens:

Os Estudos de Gênero ao questionarem a visão convencional dos atributos masculinos e femininos, segundo a qual a sociedade era caracterizada por uma divisão do trabalho - que situava o homem no espaço público e confinava a mulher no espaço privado do lar-, levaram à visão de que estes atributos e esta divisão não são resultado de forças naturais, mas, antes, são parte de todo um complexo de fenômeno cultural e historicamente determinados. (Rocha-Coutinho, 1994, p. 16)

Desde a Antiguidade, a demarcação de ocupação dos espaços revelava a desigualdade hierárquica considerada natural no que se refere ao tratamento de homens e mulheres. O pensamento aristotélico evidenciava a produção da diferença social na forma de distribuição de papéis, através da separação do mundo público-político e do mundo privado-apolítico. O âmbito público, caracterizado como espaço dos governantes, era qualificado como o lócus privilegiado do poder e da possibilidade de realização das virtudes morais e deveria ser ocupado, estritamente pelos homens. Já o espaço privado do lar, considerado um espaço menor, deveria ser destinado às mulheres que, assim como as crianças e os escravos, recebiam o estatuto de governados, ou seja, em posição de inferioridade e submetidos ao poder, à proteção e à dominação de um homem (Sant'Anna, 2004b; Rocha-Coutinho, 1994).

Nesse cenário, a mulher era considerada passiva por definição e submetida ao destino da fecundidade. A passividade feminina revelava o seu estatuto subserviente e destituído de honra. A oposição passivo/ativo, personificada na figura mulher-homem, designava o sistema de valores de várias culturas da Antiguidade, cuja distribuição desigual era considerada natural e, durante muitos séculos, serviu de argumentação para a manutenção das diferenças de tratamento a homens e mulheres (Sant'Anna, 2004b; Rocha-Coutinho, 1994).

A desigualdade no tratamento às mulheres data de longa data. Desde a mitologia judaica, preconizada com a perda do paraíso, a mulher é assinalada como o lado negativo do corpo e da sexualidade, símbolo da tentação, do pecado da carne, do desejo do sexo, representante da

desobediência e conseqüentemente responsável pelo desassossego dos homens (Wandermurem, 2006).

No Brasil do período colonial, pregadores da Igreja católica e médicos da época (que apresentavam grande desconhecimento sobre o corpo feminino) associavam doença e magia, numa perspectiva pautada por interpretações de natureza altamente misóginas (Del Priore, 2008). Para eles, qualquer doença no corpo feminino era ou sinal da “ira celestial contra pecados cometidos ou sinal demoníaco ou feitiço diabólico” (p.78):

O desconhecimento anatômico, a ignorância fisiológica e as fantasias sobre o corpo feminino acabavam abrindo espaço para que a ciência médica construísse um saber masculino e um discurso de desconfiança em relação à mulher. A misoginia do período a empurrava para um território onde o controle era exercido pelo médico, pai ou marido. Para estes a concepção e a gravidez eram remédio para todos os achaques femininos. E, uma vez que o macho era a “causa eficiente” da vida na compreensão de Aristóteles, o homem ocupava lugar essencial na saúde da mulher, dele dependendo, exclusivamente a procriação. (Del Priore, 2008, p. 84)

A autora ressalta que a autonomia do corpo feminino desde há muito não cabia à mulher, mas aos homens que a cercavam como pais, irmãos mais velhos, maridos, padres e depois médicos. Sua função era exclusivamente a de perpetuação da espécie. O útero era conhecido como “madre” e, mediante os desconhecimentos médicos da época, inúmeros argumentos sobre o seu funcionamento foram produzidos, de modo a ratificar a inferioridade da consideração do corpo feminino. Muitos documentos históricos demonstravam o imenso interesse pelo órgão, por seu funcionamento, com inúmeras conjecturas relacionando-o a toda sorte de interpretações místicas e à moral feminina. Entretanto, sua valorização nos estudos médicos desdobrava-se numa valorização da sexualidade feminina, “mas não no sentido de sua realização e sim no de sua disciplina” (Del Priore, 2008, p. 83), implicando em cerceamento do direito ao próprio corpo.

No âmbito educacional, até o século XIX, o direito à educação para mulheres era somente outorgado àquelas de famílias ricas, educadas nas próprias residências por “preceptores estrangeiros”, mesmo assim somente até o ensino elementar (Rocha-Coutinho, 1994, p.79). Com o advento da República, junto com o ideal libertário, propagou-se a idéia, no século XIX, de que o país precisava avançar, ultrapassando o antigo paradigma de país inculto e incivilizado, criando, desta forma, a demanda por escolas. Todavia a educação era distinta para meninos e meninas. A idéia de escolarização feminina foi, gradativamente, sendo adicionada à mais antiga

educação doméstica, desta forma, além do ensino da culinária, da costura e dos bordados, as escolas primárias femininas passaram a ensinar as gramáticas portuguesa e francesa, a música, o canto e a dança. Apesar de muitas mulheres sonharem com a continuidade dos estudos, a grande maioria parava de estudar aos 13, 14 anos, em virtude do casamento. Contudo, os programas educacionais do século XIX destinados às meninas da elite eram mais para educá-las do que instruí-las. A estrutura de ensino considerada necessária não preconizava uma instrução além do objetivo de preparação para o casamento, para que as mulheres fossem ‘refinadas’ donas de casa. No entanto, para aquelas de menor poder aquisitivo, a alfabetização representava uma possibilidade de profissionalização.

Mesmo a atividade docente era estritamente masculina, no início exercida por religiosos, sobretudo jesuítas, posteriormente por professores (Louro 2008). Até mesmo as freiras só passaram a exercer a profissão, no campo da educação, no fim do século XIX. Data deste período o incômodo da Igreja Católica com o crescimento do protestantismo e da educação laica e, recebendo apoio do governo, já na segunda metade do século XIX os colégios católicos representavam mais da metade das escolas secundárias existentes:

Além disso, a possibilidade de acederem às instâncias formais da educação, sobretudo para as mulheres do interior do país, deveu-se em grande parte às escolas católicas. Também à criação de instituições de assistência aos doentes, às crianças e aos velhos constituiu a ocasião para muitas mulheres alargarem seu campo de atividades. Assim, consciente ou inconscientemente, as religiosas prepararam outras mulheres para contestarem o lugar que lhes era tradicionalmente atribuído na sociedade, ainda que continuassem a veicular em seu discurso religioso uma visão tradicional do papel social feminino. (Nunes, 2008, p. 494)

As primeiras escolas normais queriam preparar moças e rapazes para o magistério, no entanto, paulatinamente passaram a receber muito mais mulheres e o trabalho do Magistério, diferentemente do esperado, transformou-se em trabalho feminino. O crescimento das Escolas Normais no Brasil, em meados do século XIX, abria o magistério para as mulheres. Para muitos, no entanto, esta nova realidade era motivo de críticas:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão *natural* era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças. (Louro, 2008, p. 450)

Por outro lado, outros argumentos associavam o magistério a determinadas características tidas como ‘naturalmente femininas’ como a doação, o amor e o instinto maternal. Tal concepção ganhou força e o magistério passou a ser visto como função primordialmente feminina, exigindo devoção e sacrifício. No entanto, muitas foram as tentativas sociais de manutenção das mulheres no espaço doméstico:

(...) Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade. (Louro, 2008, p. 453)

Como já descrito anteriormente, o trabalho e o estudo femininos não eram socialmente valorizados. Via de regra, as aspirações femininas deveriam limitar-se ao arranjo de um bom casamento e aos limites do lar. Através do casamento a mulher realizaria sua verdadeira missão feminina de esposa e mãe (Rocha-Coutinho, 1994; Louro, 2008). O discurso higienista da época, preconizado na figura do médico, reiterava a regulação dos papéis sociais esperados tanto para os homens como para as mulheres. Nesta fase, observamos a conversão quase completa da figura sentimental da mulher à personagem da mãe. Nesse contexto, o trabalho feminino representava, mais uma vez, a temeridade ao bom desempenho de sua primordial função: a de boa mãe, boa esposa. O corpo feminino era visto como o depositário da maternidade destinado a ser o lugar divino da procriação.

Baseando-se na ciência da época que atribuía uma “natureza” distinta à mulher - mais intuitiva, mais frágil, delicada e afetiva, incapaz de qualquer atividade intelectual - os médicos passaram a defender a não participação da mulher na vida pública e a defini-la em sua relação com a família e a maternidade. (Rocha-Coutinho, 1994, p. 90)

Havia uma distinção fortemente marcada para homens e mulheres: o espaço privado era destinado para a mulher e o espaço público para os homens. O trabalho fora de casa era moralmente condenado, uma deturpação da verdadeira ‘natureza feminina’, caracterizada por princípios de doçura, meiguice, fragilidade e vocação maternal que deveriam ser destinados ao exercício da administração do lar no cuidado da casa e dos filhos. As mulheres de classes mais abastadas, da área urbana ou rural, eram treinadas para desempenhar exclusivamente o papel de

esposa e mãe. Já outras, menos ‘afortunadas’, trabalhavam para completar a renda da família fazendo doces, flores, dando aulas de piano e solfejo. Tais atividades, no entanto, eram vistas com ressalvas, pois a relação entre mulher e trabalho era socialmente desvalorizada e, nestes casos, somente denunciava a decadência econômica da família, a incapacidade do marido em prover a família ou a “incapacidade” da mulher em conseguir um casamento (Falci, 2008). Muitos discursos da época ressaltavam que o trabalho da mulher fora de casa ameaçava a sua honra, representando uma temeridade para as suas funções sociais legitimadas de esposa, mãe e dona de casa.

A participação feminina no mercado de trabalho, por sua vez, estava condicionada pelas necessidades do capital, ou seja, as mulheres representavam uma espécie de exército industrial de reserva, cujos períodos de fluxo e refluxo serviam aos interesses do estado (Pena, 1981; Rocha-Coutinho, 1994). Os períodos de guerra ilustram bem esta situação, pois quando o número de homens em postos de trabalho diminuía, a requisição pelas mulheres aumentava. Sendo assim, a concepção de trabalho fora de casa estava relacionada sempre a uma ocupação temporária, a qual deveria ser abandonada caso se estabelecesse a verdadeira “carreira” da mulher: o casamento. Entretanto, para tal intento, a mulher deveria apresentar certas qualidades, dentre elas a de ser bela, beleza esta preconizada pelos modelos sociais que, por sua vez, encerravam coerções sobre o corpo feminino.

2.2.1 Marcas da história: O Corpo feminino e seus aprisionamentos na beleza e na moda

O estudo sobre a história das transformações do corpo feminino, desde o Brasil colônia, demonstra que a temática beleza esteve presente na vida cotidiana das brasileiras, apesar dos interditos da religião:

Numa época em que o dimorfismo sexual era lei, a figura feminina era marcada nas partes baixas do corpo, pelas curvas, e no rosto pelos signos da feminilidade. Apesar da pobreza material que caracterizava a vida diária no Brasil colônia, a preocupação feminina com a aparência não era pequena. Só que ela era controlada pela Igreja. A mulher perigosa por sua beleza, por sua sexualidade, por sua associação com a natureza, inspirava toda sorte de preocupações dos pregadores católicos. Não foram poucos os

que fustigaram o corpo feminino, associando-o, conforme a teologia cristã, com um instrumento do pecado e das forças obscuras e diabólicas. (Del Priore, 2000, p. 24)

A beleza feminina e o pecado estavam diretamente associados ao uso do corpo e da sexualidade. Os artifícios utilizados para o embelezamento, através da cosmética caseira, confundiam-se, muitas vezes, com receitas medicinais para curar males. Sendo assim, as modificações na aparência com objetivo exclusivo de embelezamento representavam uma inclinação pecaminosa e um desrespeito à obra do Criador. Entretanto, conforme relata a autora, mesmo com as advertências provenientes da Igreja as mulheres utilizavam dispositivos de embelezamento, especialmente para o rosto (Del Priore, 2000).

Segundo a autora, no século XIX, a marca dos espartilhos desenhava o padrão da beleza feminina no chamado corpo-ampulheta: a elegância estava nas cinturas muito finas, na proeminência dos seios e das nádegas (ressaltados pelas chamadas “anquinhas”⁴). Os espartilhos torturavam os corpos das mulheres comprimindo ventres e costas. A avaliação do rosto era feita, por sua vez, pela moda da fisionomia: “arte de conhecer através dos traços dos rostos, o caráter das pessoas” (Del Priore, 2000, p. 59-60). A beleza feminina, alvo de julgamentos morais associados aos ideais estéticos, subordinava-se aos ditames e convenções de uma época cuja palavra suprema era controle, mínimos gestos eram julgados e a espontaneidade poderia significar desmazelo e deselegância, características nada belas para uma mulher da época.

Durante o século XIX, no Brasil, entretanto, a demarcação dos espaços manteve-se inalterada através do “confinamento da mulher à esfera doméstica-casa, marido e filhos” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 27). Todavia, a consolidação do capitalismo, bem como o crescimento das cidades e a ascensão da burguesia, promoveram o surgimento de uma *mentalidade burguesa* com significativas implicações na esfera familiar. As vivências domésticas passaram por reorganizações, surgindo um novo tipo de contrato matrimonial: o matrimônio por amor. A partir desta época o ambiente familiar passa a ser valorizado como local de intimidade e acolhimento, inaugurando uma espécie de processo de privatização da família, decorrentes do desenvolvimento das cidades e da vida burguesa e também de uma nova configuração das residências que deixaram mais nítidas as distâncias sociais entre a classe burguesa e o povo (D’Incao, 2008). Além deste aspecto observa-se, também, a emergência de uma revolução sentimental, fomentada pelas idéias de igualdade e felicidade individual disseminadas pelo

⁴ “espécie de enchimento artificial capaz de valorizar o baixo corporal feminino” (Del Priore, 2000, p.58)

Iluminismo, colaborando para uma nova configuração da família burguesa, caracterizada pela premissa do amor e afeição familiar, bem como da maior intimidade entre pais e filhos, redefinindo o papel feminino e o novo estatuto da mulher- mãe:

Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas de encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável a cuidar do comportamento da prole. (D’Incao, 2008, p. 230)

A segunda metade do século XIX, contudo, caracterizou-se pelo romantismo nas artes e literatura e o padrão de beleza para as mulheres apresentou dois movimentos: o primeiro deles aproximava a mulher ao ideal de uma heroína romântica, de olhar doce, lânguido e sedutor. A tez pálida simbolizava fragilidade, feminilidade, nobreza, ao contrário das peles bronzeadas que eram associadas à vulgaridade, à exposição ao sol e ao trabalho braçal denotando, também no corpo, a distinção social de classes. Por outro lado, um novo movimento de valorização dos exercícios físicos que começava a surgir, através da exaltação das atividades esportivas pelos médicos e higienistas, inaugurava um novo modelo de beleza para as mulheres com vantagens físicas e morais, acenando, desta forma, para uma espécie de início da “soltura” do corpo feminino que, por sua vez, era mal visto, inclusive pelas revistas femininas da época (Del Priore, 2000).

No âmbito da moda, a divulgação dos esportes e de seus benefícios trouxe modificações no volume das indumentárias femininas “[...] assim, por exemplo, saias longas e mangas bufantes eram incompatíveis com o ciclismo, pois resistiam ao ar e prejudicavam movimentos de braços e de pernas” (Durand, 1988, p. 28). Todavia, a história mostra que mesmo o desmonte de um modelo aprisionador do corpo feminino tendo iniciado, muitas ainda eram as restrições.

No cenário brasileiro do séc. XIX, no campo ou nas cidades, a presença feminina no mercado de trabalho existia, sobretudo, nas classes mais pobres. O crescimento da industrialização demandou um número crescente de trabalhadores, dentre eles homens e mulheres, estas em sua maioria solteiras ou viúvas, tendo recebido permissão para o trabalho nas fábricas com intuito de auto-sustento ou ajuda no sustento da família (Aquino, Menezes & Marinho, 1995; Rocha-Coutinho, 1994; Lima & Gonçalves, 2008).

Segundo Durand (1988), como resultado das mudanças sociais e dos novos espaços conquistados pelas mulheres, o padrão de elegância vigente no século XIX entrou em processo

de modificação. A roupa feminina tornou-se mais prática, confortável, adequada ao trabalho fora do lar.

Em 1913 ocorreu outra mudança surpreendente. Os vestidos já não traziam golas que chegavam até as orelhas; em seu lugar havia o decote em V. Este criou uma agitação extraordinária. Foi denunciado ao púlpito como exibição indecente e pelos médicos como um perigo à saúde. Uma blusa com uma abertura triangular muito tímida na frente era chamada de “blusa pneumonia”, mas, apesar de todos esses protestos o decote em V logo foi aceito. (Laver, 1989, p. 226-227)

Até o início do século XX, as líderes da moda eram as matronas senhoras de meia idade e corpulentas, todavia, gradativamente, foram substituídas “pela jovem emancipada, esbelta e longilínea, quase sem peitos e quadris” (Trinca, 2008, p. 85). A beleza da silhueta feminina era semelhante à da letra S⁵, todavia, data desta época, o começo da valorização da magreza como virtude estética (Vigarello, 2006; Samarão, 2007; Del Priore, 2000). As formas gradualmente tornaram-se afiladas, “as mulheres começaram até a usar ‘achatadores’⁶ a fim de se adaptarem à moda” (Laver, 1989, p. 230); as formas arredondadas de outrora foram substituídas por formas longuilíneas. “Alguns médicos rebelavam-se contra a moda de tendência masculina que associavam às idéias feministas e ao desprezo da maternidade” (Del Priore, 2000, p.68). Se antes a beleza era uma preocupação que não podia ser explicitada pelas mulheres, agora era ela a palavra da moda.

Desde a primeira década do século XX no Brasil, houve uma maior inserção de mulheres das classes média e alta desempenhando funções nas áreas de escritório, comércio ou serviço social e, a partir da década de 1930, as mulheres tem acesso à formação superior. No entanto, a preocupação com a moralidade feminina e sua “aptidão natural” para o âmbito doméstico e para a maternidade, também faziam-se presentes (Besse, 1999).

Neste contexto surgem os concursos de beleza e a indústria fonográfica recém-inventada estimula a exposição corporal. Produtos cosméticos com imagens de mulheres passam a ser veiculados pela imprensa “para preservar não somente a saúde, mas também a frescura da tez, a pele saudável, o corpo firme e jovem” (Del Priore, 2000, p. 72). A beleza tida como benção natural, passa a ser também uma conquista e, com o crescimento da indústria de cosméticos, populariza-se o uso de maquiagens, inclusive os *rouges* e batons.

⁵ A referência ao formato em S diz da peculiar postura obtida com os espartilhos que “tornavam o corpo rigidamente ereto na frente, levantando o busto e jogando os quadris para trás” (Laver, 1989, p.213).

⁶ Os achatadores eram faixas que comprimiam os seios de modo a diminuir o seu volume (Del Priore, 2000).

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança radical do modo de justificativa das práticas cosméticas. A beleza tornou-se um reino autônomo, livre da influência de médicos, moralistas e reformadores públicos. Foi nesta época que a cultura norte-americana começou a exercer influência crescente sobre os brasileiros, em parte por meio da popularidade dos filmes de Hollywood e das revistas que retratavam estrelas com suas receitas de beleza. (Sabino, 2007, p.214)

Eco (2004) retrata bem essa passagem do sentido da beleza no século XX, mostrando como o cinema e a mídia construíram personagens emblemáticos a serem seguidos como referência de beleza e padrão de estética, que ainda ilustram os ideais sociais femininos. Nesse sentido, é o *mass-média*⁷ que propõe e veicula um modelo a ser seguido, de maneira que as pessoas se vestem, se maquiam e se comportam a partir de modelos midiáticos. Para Eco (2004) esse século é marcado por dois modelos de beleza: um é o cinematográfico, personalizado na imagem de Dóris Day ou Claudette Colbert, no estilo ‘a mocinha da casa ao lado’ e, a ‘mulher fatal’ eternizada na imagem de Greta Garbo e Rita Hayworth; o outro acaba por dividir o século em dois momentos: até os primeiros sessenta anos e o que veio posteriormente. As mulheres retratadas nas publicidades dos anos 20 e 30 são aquelas remetidas à idéia do Art Decó, do liberty e do floral. A partir dos anos 70 o *mass-média* apresenta uma variedade de modelos de beleza que vão acompanhando os ícones construídos pelo cinema e pelos ditames da moda que, por sua vez, personificam à sua forma algumas das exigências aludidas pelos movimentos sociais que buscam a diversidade e a igualdade de espaço no meio social. Nesse sentido, o autor exemplifica a beleza negra de Naomi Campbell e a nórdica de Claudia Schiffer; a ‘mocinha romântica’ personificadas em Cameron Diaz e Júlia Roberts e a ‘mulher fatal’ estilo “blade runner”.

⁷ “Os *mass media* representam uma época em que o fluxo de comunicação é unívoco, pois o receptor das mensagens limita-se precisamente a esse papel, pertencendo a uma massa informe, sem capacidade de resposta. A interactividade é inexistente. O emissor - os *mass media* - é todo-poderoso, onipotente. Estes *media* são pois formas de comunicação através das quais usamos o tempo de utilização com carácter imutável: eles são unilineares. Os *mass media* são estruturas altamente organizadas; pretendem satisfazer as preferências e as exigências dos sectores do público que representam a maior fatia no mercado. Só assim eles podem manter um equilíbrio econômico, visto que dependem das receitas provenientes da publicidade. Esta lógica é impossível de contrariar: temos de seguir a maioria” (Câmara, 1999)- Acessado em 23 de abril de 2010 em www.citi.pt/estudos_multi/ana_cristina_camara/mass_media.

Não podemos deixar de mencionar aqui que os padrões de beleza discutidos priorizam e valorizam uma beleza padronizada e dominante, na qual as questões étnicas ficaram por muito tempo à margem de uma consideração. No que tange à realidade brasileira, até a década de 1990, o corpo negro aparecia na mídia quando direcionado especificamente para os negros, geralmente associados a elementos que remetem ao embranquecimento e a aspectos negativos. Até esse período, “o ambiente midiático de um modo geral e, talvez, ainda mais especificamente, o meio publicitário, não apenas não demonstrava nenhum interesse pelo uso desses profissionais, como lhe era, muitas vezes, francamente hostil” (Strozenberg, 2006, p. 1). Em pesquisa realizada por Strozenberg (2006) sobre a cor das propagandas brasileiras, a autora enfatiza que até então no mercado publicitário os negros só apareciam em imagens subalternas ou com conotações depreciativas:

(...)anúncios dirigidos especificamente para negros, principalmente cosméticos e fortificantes. Estes, no entanto, só fazem reforçar uma imagem do corpo negro como feio e precário, um corpo, enfim, cuja natureza deve ser melhorada e corrigida. É o caso dos anúncios de *hené*, que torna liso e ‘bom’ o cabelo crespo e ‘ruim’ (...). (p. 1)

Segundo a autora, o principal argumento até esse momento era de que o discurso da propaganda deveria provocar, no público consumidor, uma identidade positiva, e não se alcançava esse efeito com a imagem do negro, além de se somar a essa justificativa discriminatória a associação entre cor da pele e condição sócio-econômica, tão presente no meio social.

(...) Assim, na medida em que, no Brasil, predominava o ideal de beleza branco europeu – cabelos lisos, de preferência louros, olhos claros, traços finos – o uso de negros não só desvalorizaria o produto como provocaria um sentimento de rejeição, tanto por parte de consumidores brancos quanto dos próprios negros, na medida em que, entre esses, prevalecia o ideal de embranquecimento”. (Strozenberg, 2006, p. 1)

Entretanto, ao que parece, o contexto atual apresenta algumas flexibilizações, inclusive com a presença de negros nos veículos midiáticos para vender produtos e serviços os mais diversos. Ou seja, se anteriormente a sua aparição estava relacionada a características preponderantemente associadas a uma desqualificação social, hoje os mesmos aparecem em campanhas publicitárias, por vezes como protagonistas ou mesmo inseridos num grupo de pessoas híbridas em termos étnicos e “os corpos dos modelos negros já não apontam

necessariamente para uma condição de inferioridade de qualquer ordem” (Strozenberg, 2006, p. 1). Outro aspecto a ser considerado refere-se ao aparecimento de um “novo mercado de produtos cosméticos ‘étnicos’ – cremes, shampoos, sabonetes – destinados especificamente às ‘pessoas de cor’.” (Strozenberg, 2006, p. 1) que, se por um lado reflete modificações da indústria cultural, transformando as informações estéticas em mercadoria, por outro afiniza-se com as ações identitárias da “beleza negra” (Gomes, 2006, p.31), ressignificando as características étnicas em símbolo de afirmação racial e estética, contrariamente à universalização do modelo ariano de beleza.

Todavia, ao lado de algumas mudanças, atinentes à cor da pele como definidora de um modelo estético privilegiado, outras também se sucederam, especialmente no que tange à mudança de mentalidade em relação ao binômio envelhecimento-beleza.

Hollander (1996) revela que a indústria de cosméticos suscitou a prerrogativa da beleza física não só para a mulher jovem, mas para todas as faixas etárias, ensejando, desta forma, o embelezamento independentemente da idade: “[...] assim como todos os corpos podiam ser lisonjeados pela moda moderna, todos os tipos de rosto podiam ser realçados com a maquiagem” (p. 187). Historicamente, o século XX marca o “banimento de cena da mulher velha”:

Se até o século XIX matronas pesadas e vestidas de negro enfeitavam álbuns de família e retratos a óleo, nas salas de jantar das casas patricias, no século XX, elas tendem a desaparecer da vida pública. Envelhecer começa a ser associado à perda de prestígio e ao afastamento do convívio social. Associa-se gordura diretamente a velhice. (Del Priore, 2000, p. 75)

As mudanças históricas quanto ao estatuto de importância da juventude feminina como corolário da beleza são discutidas por Sant’Anna (2004b) em *Do culto ao corpo às condutas éticas*, através da explicitação do recurso literário:

No livro escrito por Jorge Amado, intitulado “Tereza Batista cansada de guerra”, há uma nordestina, que passa a ser mal vista devido à possível cirurgia plástica realizada. Segundo uma conhecida dela, chamada Ponciana, dona Beatriz cometera uma blasfêmia: “*rosto da pele lisa, estirada, sem rugas nem papo, corpo esbelto, seios altos, aparentando não mais de trinta fogosas primaveras, valha-nos Deus com tanto descaramento*”... para Ponciana, Beatriz era “*a glorificação ambulante da medicina moderna*.” Cultuar o corpo desse modo indicava uma anormalidade e a “*cirurgia plástica era um crime contra a religião e os bons costumes. Mudar a cara que Deus nos deu, cortar a pele, coser os peitos e quem sabe o que mais, vade retro*”, exclama Ponciana. Para Ponciana, Beatriz, que havia passado dos quarenta, não tinha o direito de

modificar as formas de seu corpo. E ela é virulenta ao dizer que, assim, toda esticada, Beatriz ficara "com cara de mocinha e ainda por cima chinesa....". (Sant'Anna, 2004b, p. 1)

Podemos apreender que a referência de beleza está permeada pelas referências históricas e sociais sobre o lugar social da mulher e que acompanha as mudanças sociais de cada período histórico, conforme aponta Eco (2004). Segundo o autor, a beleza pode e deve ser acompanhada pela produção artística de cada período que, sem dúvida, apresenta a indicação dos ideais de beleza e estabelece ícones para esses ideais. O que sugere que os ideais de beleza são permeados pela cultura e pelos processos históricos, de forma que vários modelos possam coexistir em um mesmo tempo e espaço, não sendo de forma alguma imutáveis e absolutos.

Lopes (2005, p. 43), com base no trabalho de Covalitti (2004), descreve em um quadro os padrões de beleza vigentes nos períodos históricos.

QUADRO 1 - Padrões de beleza vigentes nos períodos históricos.

ÉPOCA	PADRÃO DE BELEZA
Idade Média	Mulher jovem, pele branca, testa grande e redonda, sobrancelhas finas e separadas. Boca pequena e vermelha e queixo com covinha. Cabelo louro e muito longo representava sinal de nobreza. Corpo esguio e delicado. Ombros ligeiramente caídos, bustos compridos, membros longos, quadris arrebitados, ventre arredondado e proeminente e cintura fina.
Renascimento	Rosto oval com traços regulares, testa alta, nariz reto e delicado e boca pequena. Olhos, cílios e sobrancelhas escuros. Mãos, pele e dentes são brancos, Lábios, faces e unhas são vermelhos. Beleza do corpo é retratada em curvas e redondezas. Abundância de carne era sinal de opulência e ócio e, por isso, ombros e quadris deveriam ser volumosos. Seios fartos, coxas grossas, flancos exagerados e papada remetiam à maternidade e aumentavam a sensualidade da mulher.
Romantismo	Palidez esverdeada, olheiras, cabelo longo e negro, aparência de fragilidade e doença é o retrato da musa romântica da primeira metade do século XIX. Para atingir essa imagem, as mulheres cobriam o rosto com preparados de açafão ou tinta azul, bebiam vinagre, limão e jejuavam, a ponto de desmaiar e eliminar qualquer traço de saúde na aparência.
1920	O livro "La Garçonne" tornou-se o símbolo da mulher desta época, que usava cabelos curtos e fumava em público, despreocupada com o respeito aos bons costumes. A roupa passou a ser mais funcional menos ornamentada: silhueta tubular, cintura baixa, peito mínimo, saias na altura do joelho. Essa liberdade impôs a magreza total. Cintas e maiôs elásticos achatavam os seios para fazê-los desaparecer e as curvas do corpo também eram disfarçadas.
1950	Dois arquétipos distintos coexistiam como ideal da década: a dona de casa perfeita com seus cabelos armados com laquê, delineador e unhas vermelhas; e as ingênuas, com sobrancelhas levemente sublinhadas, lábios claros, cabelos emoldurando o rosto.

1970	Cabelos livres, volumosos, pele bronzada, corpo esguio e lábios brilhantes de <i>gloss</i> . Surgiram os primeiros trajes de banhos com seios parcialmente à mostra, e, com eles a preocupação em cultivar o corpo para poder mostrá-lo sem complexos. Começa a proliferar regimes de emagrecimento e exercícios de musculação.
1980	Lábios muito vermelhos, sombras esfumadas, <i>blush</i> cor de tijolo, <i>gloss</i> de cores metálicas, cílios com rímel à prova d'água. O corpo deveria ser perfeito e malhado, para não fazer feio nos <i>tailleurs</i> acinturados e <i>legging</i> .
1990	Início da era das supermodelos onde prevalece a ditadura da magreza. Tatuagem é o novo emblema da feminilidade. Em contraste com os excessos dos anos 80, a ordem é o minimalismo: saias no joelho, cores neutras, cabelos curtos e maquiagem invisível. A aeróbica cede lugar à yoga.
Início do século XXI	A ditadura da magreza permanece. Mulheres fazem dieta da moda e lipoaspiração. A única concessão são os seios volumosos, a nova obsessão das mulheres, que se utilizam das próteses de silicone para alcançar o objetivo. Para manter a pele jovem, livre de rugas e marcas, as mulheres lançam mão de uma série de tratamentos, como cirurgia plástica, <i>peelings</i> e toxina botulínica.

Fonte: Colavitti (2004 p. 34-37)

Como sabemos, a regulação social dos padrões estéticos sofreu variações históricas em torno dos ideais de beleza de algumas décadas atrás, até à atualidade, no qual seu imperativo exige a perfeição das formas conseguida por meio de inúmeras intervenções corporais e cujo exemplo mais representativo são as modelos e atrizes. Todo esse percurso histórico deixa bastante clara a ênfase que vem sendo dada, cada vez mais, às práticas de culto ao corpo, bem como às técnicas de aperfeiçoamento da imagem corporal. As interferências, transformações e todos os métodos de disciplinização do corpo, acompanhados da moralização da beleza, buscam esse caráter de permanência do belo corporal (Novaes & Vilhena, 2006, p. 1).

2.3 Da passagem do tempo à busca pela juventude: o processo de envelhecimento x a ditadura da beleza na mídia impressa feminina

Todavia para Novaes (2008) atualmente existem duas características presentes no discurso feminino: “o sonho da juventude eterna, do corpo que não envelhece e/ou adoce, e a busca por uma aparência que, ainda que singular, não as diferencie dos padrões estéticos vigentes: Um corpo magro, saudável e definido” (p.148). A insígnia de velhice passa a ser a de feiúra e a mulher, face às inúmeras prescrições de atendimento a uma demanda social que supervaloriza o corpo magro e jovem, acaba por estabelecer uma relação “desprazerosa e persecutória” com o próprio corpo (p.147). Desta forma, para a mulher, a perspectiva do

envelhecimento passa a ser vivenciada através do medo, ou seja, os padrões estéticos de beleza atuais insistem no formato rígido composto pela tríade: juventude, magreza e saúde:

O que é normativo para a mulher contemporânea não é o fato de os modelos de beleza serem impostos, uma vez que o discurso sempre foi esse, tampouco o fato de se dizer que ela deve ser bela, mas o fato de afirmar-se, sem cessar, que ela pode ser bela, se assim o quiser. Se, historicamente, as mulheres preocupavam-se com sua beleza, hoje são responsáveis por ela. De dever social (“se conseguir, melhor”), a beleza tornou-se um dever moral (“se realmente quiser, eu consigo”). O fracasso não se deve mais a uma impossibilidade mais ampla, mas a uma incapacidade individual - aquilo que Baudrillard (1981) denominou moralização do corpo feminino. (Novaes, 2008, p.146)

O alcance da moda para várias camadas sociais, numa espécie de processo de democratização, contribuiu para a expansão da chamada ‘boa forma corporal’ como condição. Ou seja, a indústria da beleza e a indústria da moda, ambas relacionadas à produção da indústria cultural e sua criação de ídolos, celebridades e heróis, aliaram-se à produção técnico-científica, de modo a participarem da consolidação de um corpo estandardizado.

Segundo Del Priore (2000) o novo discurso da aparência mascara a “transformação do corpo feminino em objeto fetichista, ou seja, um objeto passivo de consumo” (p. 75). A partir do final do século XX e início do XXI, os investimentos sobre o corpo foram multiplicados na esfera social, manifestando-se na necessidade explícita de que o corpo seja esteticamente belo, dentro de padrões rígidos:

Na segunda metade do século XX o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com a abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com o rosto e com o corpo: a combinação de todos esses fenômenos funda a idéia de um novo movimento da história da beleza feminina e, em menor grau, masculino (Goldenberg, 2007, p. 8).

À medida que a cultura midiática foi tornando-se hegemônica, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, a aparência do corpo tornou-se instrumento central nos processos de sociabilidade em nossa cultura e a mulher, antes alvo de restrições indumentárias, submeteu-se a coerções sociais redobradas em valores morais quanto à beleza estética. Diferentemente das ordenações sociais dos séculos anteriores, quando as modificações no corpo, a serviço da vaidade feminina, eram mal vistas pelos preceitos religiosos e sociais, na contemporaneidade, essas transformações passaram a ser legitimadas como uma espécie de virtude e obrigação.

Segundo Ariza D (2004), embora nas primeiras décadas do século XX tenham surgido modificações no mundo da moda que exaltaram o corpo de modo distinto dos séculos antecedentes, foi a partir da década de 1980 que houve um grande movimento de exacerbação das referências corporais na esfera do consumo.

Cada vez mais os corpos “ideais e perfeitos” foram atrelados à indústria da moda e ao modo de produção capitalista. Ao longo do século XX, a fabricação de roupas e o mercado da moda e do embelezamento acompanharam o desenvolvimento do capitalismo, contribuindo para a propagação de um modelo caracterizado pela excessiva preocupação com os cuidados corporais. Sendo assim, no fim do século XX, assistimos ao superinvestimento no âmbito corporal e dos cuidados com a beleza (Sabino, 2007), aliados ao crescente modelo técnico no qual são prescritos procedimentos estéticos ou cirúrgicos buscando a ‘saúde perfeita’ e a eternização da juventude:

As técnicas de reversão do processo de envelhecimento nos remetem ao tão sonhado projeto evolucionista do corpo. Atingida a sua maturidade, o corpo estaria livre de todas as enfermidades e intempéries –, o corpo anseia por não mais fenecer. A tentativa pós-moderna parece ser a subversão da condição humana de mortal. Não se trata, certamente, de negar os avanços da ciência e, sim, de estar atento à dimensão de controle e regulação de nossos corpos (...). (Novaes & Vilhena, 2006)

A crescente preocupação com a aparência e com o superinvestimento no corpo, juntamente com a medicina atual, o poder midiático e as tendências da moda funcionam como dispositivos de poder responsáveis pela produção do atual modelo de ‘corpo belo’, que responsabiliza o sujeito pelos fracassos sociais e pessoais que sofre por não ter, ou não obter, esse modelo de beleza:

Sem caráter, sem força de vontade e vistas como desleixadas, a anatomia feminina deixou de ser um destino para ser uma questão de disciplina: se não conseguimos agenciar nossos corpos, como seremos capazes de agenciar nossas vidas ou nossos empregos? Recente pesquisa feita pelo *New York Times* aponta para uma enorme diferença salarial (quando são contratadas!) entre mulheres bonitas e feias. A *moralização do corpo feminino*, como aponta Baudrillard em seu livro *A sociedade de consumo*, nos leva a encarar a ditadura da beleza, da magreza e da saúde como se fosse algo da ordem de uma escolha pessoal. Deixam-se de lado todos os mecanismos de regulação social presentes em nossa sociedade, que transformam o corpo, cada vez mais, em uma prisão ou em um inimigo a ser constantemente domado. (Novaes & Vilhena, 2006, p. 1)

Wolf (1992), entretanto, alerta para a ‘cilada’ do mito da beleza, que não apresenta nenhum respaldo de natureza biológica ou histórica a não ser pela tentativa de manutenção de modelos que subestimam as mulheres, novamente através de seus corpos, porém atualmente por meio de outras ‘engrenagens’, tais como as dos discursos prescritivos acerca do processo de envelhecimento, caracterizando-o como contrário à beleza.

Desta forma, a problemática que envolve o modo como as mulheres estão envelhecendo deve ser discutida criticamente no âmbito social, uma vez que estamos vivendo a exaltação dos valores referentes à juventude, aos padrões estéticos jovens, que atingem diretamente a mulher na construção de sua subjetividade.

Nesse sentido, acreditamos que a mídia parece ser um meio de propagação desses valores, se tornando uma importante fonte de análise sobre os sentidos de envelhecimento e de sua ingerência para a vivência feminina. A questão que se coloca é a do risco da perpetuação de um discurso preconceituoso acerca das mulheres utilizando, na atualidade, o processo de envelhecimento como objeto mantenedor de desvalorização. Se muitas abordagens atuais, que ocupadas em desvelar as referências contemporâneas de significação do envelhecimento, suscitam a relevância da análise dos discursos propagados na mídia, por outro lado também se faz necessária a pesquisa da experiência da velhice sob a distinção de gênero, que diferencia a experiência da passagem do tempo para homens e mulheres.

O entendimento da mídia como uma produção cultural e como prática discursiva leva-nos a refletir sobre seus desdobramentos: “Podemos definir, assim, práticas discursivas como linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (Spink, 1999, p. 45). A autora descreve os elementos constitutivos das práticas discursivas como sendo a dinâmica, as formas e os conteúdos. Ao refletir sobre o papel da mídia, Medrado (1999) argumenta que “a mídia introduziu práticas discursivas cotidianas” (p.245), ou seja, os assuntos que ganham destaque na mídia são, em menor ou maior grau, discutidos nos lares, nos bares, nas inúmeras interações rotineiras do tecido social, produzindo sentidos sobre os fenômenos sociais. Todavia a escolha dos repertórios midiáticos (os conteúdos das práticas discursivas) está diretamente relacionada à visibilidade de alguns fenômenos e à opacidade de outros, pois, na medida em que os diversos veículos midiáticos (a televisão, as revistas em geral, os jornais, a internet, etc) escolhem, selecionam, filtram e apresentam determinados repertórios, através de suas imagens ou textos, deixam de

apresentar outros, caracterizando a parcialidade da mídia. Contudo, o que é veiculado, muitas vezes, é apresentado como sendo a representação da totalidade e não a parcialidade de uma escolha que, ao eleger determinados conteúdos, acaba desprezando outros:

As possíveis verdades produzidas pela mídia e que naturalizam os objetos sobre os quais fala, remete-nos a pensar que a verdade deve ser entendida como algo produzido na forma de *discursos* sobre as coisas do mundo, resultantes de epistemes situadas e datadas e de efeitos de relações de poder. (Guareschi & Medeiros 2008, p. 3)

Medrado (1999) utiliza a abordagem de John B. Thompson (1998) para explicar as três formas de interação que permitem o intercâmbio de símbolos (que serão convertidos em conhecimento) entre as pessoas. A primeira delas seria a interação face a face, a típica conversa cotidiana entre duas ou mais pessoas, sem a existência de barreira temporal ou espacial. O segundo nível de interação seria denominado de interação mediada, no qual dois seres humanos interagem com a ajuda de um meio técnico (como por exemplo, as conversas pelo telefone, ou a troca de cartas pelo correio). Com o advento da mídia impressa no século XIX, surge um novo tipo de interação, a específica dos meios de comunicação de massa e denominada de “quase-interação mediada”. A interação por esta via ocorre unilateralmente, “nesse tipo de interação, os participantes não dispõem de troca direta, havendo uma expressiva lacuna temporal entre a emissão e a recepção” (p.246), além disso, “a comunicação não é dirigida especificamente a uma pessoa (mas a um outro generalizado)” (Medrado, 1999, p. 246).

Dada a larga difusão dos meios de comunicação de massa, o autor diz que é cada vez maior a emergência de produções de sentido a partir deste tipo de interação. Matos e Lopes (2008) acrescentam que “os saberes circulantes na mídia estão implicados na construção e expressão dos discursos sociais existentes em uma sociedade, apontando assim para o caráter de interação e integração desses saberes” (p. 74).

A partir das considerações feitas, voltamos a refletir sobre a importância da análise dos discursos midiáticos no estabelecimento da ‘ditadura da aparência’ (Lipovetsky, 2002) para a mulher contemporânea. Segundo Swain (2001) a mídia reflete, em seu modo de produção industrial, de massa, através de discursos convincentes, muitas vezes respaldados pelos discursos científicos, os aspectos de determinados grupos sociais, e nesse sentido, funciona como um dispositivo de poder:

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (Foucault, 1979, p. 244).

A sua ação reforça, em grande escala, determinados “valores”, fazendo-os parecer os “verdadeiros valores”. Os textos e imagens jornalísticos e publicitários veiculados, na mídia, atuam, muitas vezes, na criação de novas categorias ou mesmo na reiteração de determinadas categorias já estabelecidas. Segundo Vianna (1992) uma dessas categorias é a juventude, que ganha destaque na produção do discurso midiático:

Juventude é um complexo de representações na mídia, cujos signos e símbolos são manipulados no domínio do consumo e introjetados por cada pessoa, que lhes dá um sentido específico. A pessoa será sempre jovem enquanto estiver existencialmente em formação, atenta à dinâmica do mercado e aberta para as inovações e transformações que se dão no mundo. Juventude está associada a um padrão de beleza e isso envolve um aumento progressivo de cuidados com o corpo, cuidados que, em geral, tendem a atenuar e dissimular a idade sócio-biológica e causar a impressão de vitalidade perene. Além disso, envolve toda uma preocupação em seguir modas de vestuário e praticar certos tipos de atividades. Juventude, então, significa uma "idade mídia", isto é: uma categoria trans-etária, incorporada pela cultura de massa como mito da "eterna juventude", que reforça o estigma da velhice em nossa sociedade. (p.2)

Camargo e Hoff (2002) argumentam que surge, também, na esfera do corpo feminino, outro produto midiático resultado de estratégias tecnológicas: o corpo-mídia:

O corpo veiculado nos meios de comunicação de massa não é o corpo de natureza, nem exatamente o de cultura na sua dimensão de expressão de corpo humano: é imagem, texto não-verbal que representa um ideal. É o que denominamos corpo-mídia: construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas. São também os meios de comunicação de massa que lhes atribui significados, na medida em que o inserem nas relações comerciais, valorizam-no enquanto imagem ideal a ser perseguida e transformam-no numa referência hegemônica, capaz de suplantar a diversidade das características físicas dos corpos de carne e osso. O corpo-mídia apresenta-se como prótese, corrige as imperfeições do corpo natural e o torna refém de sua perfeição. É o Ideal a ser perseguido, não no que se refere à essência, mas à aparência. Trata-se de um corpo com natureza signica, editado por meio de programas de computador: não tem equivalente natural na realidade. (p.26-27)

Swain (2001) discute a relevância do corpo construído pela tecnologia presente no discurso de duas revistas femininas *Nova* e *Marie Claire*, analisadas em sua pesquisa:

Em ambas as revistas o corpo é central, pois é a partir de sua capacidade de sedução que os demais elementos da rede discursiva se integram. O *cyborg* analisado por Donna

Haraway, o corpo tecnológico, é evocado pelo discurso sobre o transplante, do qual se trocam as peças na luta contra a morte; a plástica na barriga e as publicidades de cosméticos e cremes rejuvenescedores apelam à eterna juventude, ao corpo produzido: o modelo corporal está finalmente ao alcance de todas, na luta contra o tempo e as imperfeições. Com a cosmetologia, nenhuma mulher precisa ser feia, uma vez que a beleza é condição *sinequa non* para o romance e a felicidade. (p.72)

E complementa:

O corpo tecnológico é o corpo moderno da mulher e o envelhecimento pode ser driblado em novos estágios de sedução, renovação do dispositivo da sexualidade em novas práticas, em desdobramentos da indústria da beleza e da juventude eterna: médica, cirúrgica, farmacêutica, cosmética. Essa construção discursiva dos corpos, fraturados em hierarquias de idade, volume, altura e classificados pelo olhar paradigmático que define a possibilidade de sedução, *performance*, realização pessoal, cristaliza-se em práticas delimitadoras de um sexo biológico atreladas às representações do gênero feminino. (p.78)

Sibília (2004) destaca que “a atual obsessão pela beleza dos corpos parece fazer parte das tendências virtualizantes da tecnociência contemporânea” (p. 1). Segundo a autora, a tendência atual na edição de imagens prima pela limpeza daquilo que seria considerado como defeitos dos corpos. Desta forma, as fotografias que são publicadas, nos veículos midiáticos, passam por um processo de plástica através dos “bisturis de software” (p. 1), eliminando instantaneamente adiposidades indesejadas bem como manchas, rugas, celulites ou quaisquer outros sinais delatadores da humanidade, ou seja, “tudo aquilo que a natureza costuma recusar aos organismos vivos, e também aquilo que as duras práticas *neoscéticas* (cirurgias, dietas, tratamentos estéticos, musculação) não conseguem produzir” (Sibília, 2004, p. 1).

A autora acrescenta que esses modelos digitalizados saem de suas telas de computador, tv e das páginas das revistas e invadem o imaginário e as subjetividades, visto que as imagens assim editadas se convertem em objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne:

Trata-se de uma redefinição radical da sensualidade, que pretende abandonar todo vínculo com a matéria em um processo de fixação e bidimensionalização dos corpos (embora com polidos efeitos 3D), e a emergência de um padrão de beleza tão asséptico como descarnado (e descarnante, digitalizante). Pois esses “corpos perfeitos” são desenhados como objetos estáticos e meramente visuais: para serem exibidos e observados; isto é: apenas consumidos visualmente. Com a crescente moralização destas práticas e crenças, aumentam também as suas implicações éticas, políticas, econômicas e sócio-culturais, que merecem ser indagadas e questionadas. (Sibília, 2004, p. 1)

Nesse sentido os corpos digitais, criados pelas novas tecnologias de imagens que nos cercam em meio à publicidade, jornais, revistas, televisão, Internet, constituem o modelo preconizado como ideal na sociedade contemporânea.

Sendo assim, a mulher passa a perseguir um corpo impossível, travando uma luta perdida contra o tempo e contra os recursos tecnológicos. Um dos perigos deste corpo editado pelas tecnologias, altamente erotizado e sexualizado, está no fato de que o corpo perfeito esteticamente, prescrito pela mídia e visualmente investido é um corpo sem capacidade de interação com outros seres humanos, um corpo que não encontra adequação na vivência real das pessoas, que serve somente para ser olhado, encontrando, na mulher, a superfície estética para sua visibilidade.

Nas décadas de 1960 e 1970 as imagens publicitárias, consideradas sexistas, retratavam uma mulher que se realizaria enquanto pessoa, apresentando-se como bela e atraente para o sexo masculino, uma espécie de modelo constituído por uma combinação de objeto sexual, esposa e mãe, com cenas tipicamente domésticas, inclusive com a figura explícita do marido, ou seja, a imagem da mulher estava vinculada às suas atribuições concernentes às de uma 'rainha do lar'. Nos últimos anos, a imagem da mulher atrelada a uma aparente independência, segura de sua sexualidade, entretanto, camufla a tendência atual de circunscrição das mulheres a determinados papéis, ressaltando a sua identificação apenas com um corpo esteticamente agradável, uma espécie de superfície estética desenquadrada e artificial (Mota-Ribeiro, 2005).

Não há como negar que, ao produzir o corpo ideal, a poderosa indústria da beleza que vende a alto preço a eterna juventude desvaloriza e desqualifica a velhice e dentre as muitas instituições implicadas na elaboração do culto ao corpo, a mídia é, indubitavelmente, um relevante agente difusor dos ideais de beleza atuais, assegurando a manutenção desta temática na vida cotidiana:

Fonte singular de informação e entretenimento, a imprensa assume, então, um importante papel educador/formador: mostra, exhibe, propaga como o leitor (espectador/ouvinte/internauta) deve se comportar como consumidor de produtos, idéias, comportamentos, modas. Como dispositivo de poder a serviço de uma comunicação baseada em fórmulas de mercado, a mídia atualiza constantemente as práticas coercitivas que atuam explicitamente sobre a materialidade do corpo. (Siqueira e Faria, 2006, p.07)

Nesse sentido, o discurso midiático, agindo como um interlocutor da indústria de beleza pode acabar exercendo um papel opressor, na medida em que reproduz a rigidez dos padrões estéticos, reafirmando a busca pela juventude eterna.

2.3.1 Impressões imprecisas da velhice: mulher, corpo e juventude na mídia impressa feminina

Historicamente, a presença da mulher na imprensa se deu a partir de sua busca pela ruptura do modelo feminino vigente. Exemplo disto são as muitas escritoras que travaram lutas para conquistarem o direito à escrita, à carreira de letras, utilizando-as como meio para lutas libertárias. Apesar de excluídas da historiografia literária⁸, as escritoras do século XIX desbravaram, no passado, caminhos até então tidos como totalmente vetados, datando desta época a pulverização de muitos periódicos femininos, escritos por mulheres e para as mulheres que tinham por objetivo rever a condição feminina e apontar caminhos, principalmente por meio da educação, para uma nova consciência feminina. “O Jornal das Senhoras”, editado em 1852 na cidade do Rio de Janeiro foi um destes periódicos cuja palavra impressa objetivava exprimir outras diretrizes relativas à condição das mulheres (Garcia, 2004).

Josefina Álvares de Azevedo, abolicionista e republicana, fundou em 1888, inicialmente em São Paulo, mais tarde transferido para o Rio, o folhetim “*A Família*”, desenvolvendo “intensa campanha pela emancipação da mulher” (Telles, 2008, p. 427). O periódico circulou de 1888 a 1897, por quase dez anos, através da co-participação de muitas feministas (Telles, 2008; Muzart, 2003):

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta. O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de freqüentar escolas, daí decorrendo o

⁸ A produção literária feminina do século XIX, apesar de enorme, foi subestimada, esquecida como parte de um processo de apagamento da capacidade intelectual feminina e reiteração de desigualdade de tratamento em relação às mulheres. Muitas mulheres, dentre elas, donas-de-casa, esposas e mães foram também jornalistas, poetas, dramaturgas, ensaístas. No entanto, a pressão social da época preconizava a delimitação acirrada da divisão do trabalho entre os sexos: a vida pública era destinada exclusivamente aos homens e o universo doméstico às mulheres. Durante muito tempo a história de produtividade das escritoras brasileiras foi olvidada. Num verdadeiro trabalho de “arqueologia” literária um grupo de pesquisadoras dedicou-se, durante anos, à recuperação da memória literária das mulheres do século XIX resgatando para a contemporaneidade a visibilidade do tema através da obra “Escritoras brasileiras do século XIX: Antologia” organizada por Zahidé Lupinacci Muzart.

direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto. (Muzart, 2003, p. 1)

Segundo Muzart (2003), as escritoras feministas mais atuantes, como Ana Aurora do Amaral Lisboa, Ildefonsa Laura César e Maria Firmina dos Rorques foram intencionalmente esquecidas, uma espécie de esquecimento político, antagônico às idéias difundidas por escritoras que lutavam contra a manutenção da opressão masculina, reivindicando direitos. Outra autora de destaque foi Maria Benedita Bormann, cujo pseudônimo era Délia que, assim como as demais feministas militantes, foi apagada da historiografia. Era uma escritora de idéias muito mais livres, uma das primeiras a escrever sobre a necessidade da educação sexual e da afirmação da sexualidade feminina, inclusive na defesa ao divórcio. Já Júlia Lopes de Almeida, “mulher de vida impecável, para quem a literatura ficava em segundo plano depois do atendimento ao marido e aos filhos, a casa, o jardim” (Muzart, 2003, p. 1) foi a única escritora de sua época a conseguir retorno financeiro com o seu trabalho (Telles, 2008). Jornalista e escritora de livros, apesar de inicialmente ter encontrado grande oposição, posteriormente adquiriu grande prestígio sendo respeitada e louvada. Uma das explicações para tal fato deve-se à conciliação desta escritora ao modelo vigente de mãe e esposa dedicada, pois, apesar de defender o direito à educação para as mulheres e à participação em assuntos de interesse da vida pública não se posicionava como uma feminista militante.

A atuação das escritoras inaugurou a presença feminina num território eminentemente masculino, desbravando papéis até então inéditos para a mulher, entretanto, o crescimento da imprensa e da mídia como veículo de comunicação de massa ensejou novas formas de produção cultural, modificando, significativamente, a experiência da vida cotidiana, tanto para mulheres como para homens.

O surgimento da imprensa brasileira, na primeira metade do século XIX, marcou o início da era da comunicação de massa, através da edição dos primeiros jornais impressos a circularem regularmente. Com os avanços tecnológicos, os jornais evoluíram para o formato atual sendo que a partir do final do século XIX, também se iniciou a organização em larga escala de livros e revistas, sendo que o provável primeiro periódico feminino brasileiro data de 1827 (Buitoni, 2009). A autora, em seu estudo sobre a imprensa feminina a partir do século XX, aborda a

importância deste veículo midiático na difusão, reiteração e “uniformização” (p.12) de representações da mulher ao longo do tempo.

Em outras palavras, buscamos a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. Ou ainda, os significados desse conceito -mulher - que também é a razão de ser de todos esses veículos. Que estereótipos, modas, modelos, modismos, estrangeirismos, nacionalismos, enfim, qual ideologia foi transmitida em mais de um século, período de grandes transformações em nossa sociedade? Em que medida a imprensa, como fator cultural, difundiu conteúdos que influíram na formação da consciência da mulher brasileira? (Buitoni, 2009, p.23)

Buitoni (1981) explica a relevância das revistas femininas como um canal de mediação entre sociedade e a vida cotidiana das mulheres. Segundo ela, a imprensa feminina propicia uma relação mais próxima com as leitoras, caracterizada por uma linguagem intimista, informal, semelhante à de uma amiga com a qual é possível um debate sobre as questões rotineiras da vida. Ademais as revistas femininas são prescritivas, fornecendo conselhos e dicas para vida diária da leitora; o formato *revista* requer, no ato da leitura, mais tranquilidade e concentração, diferentemente de outros meios de comunicação áudio-visuais tipicamente velozes. Costa (2005) acrescenta:

As revistas femininas são produtos históricos que refletem, à sua maneira, a história do desenvolvimento capitalista da nossa economia, ao reduzir muitas vezes a participação das mulheres à simples consumidoras de produtos ligados à indústria do lar e do corpo. São produtos culturais destinados a um público específico que aparecem construído e concretizado nas páginas do periódico veiculando concepções sobre os papéis sexuais da família e da relação entre os sexos. (p.04)

Se aparentemente os assuntos tratados nos periódicos femininos envolvendo temáticas relativas à beleza, ao âmbito doméstico, às esferas amorosas tais como conselhos de produtos cosméticos, receitas culinárias, dicas de moda são revestidos por uma suposta neutralidade, para a autora em comento, o estudo exploratório do conteúdo da imprensa feminina revela a sua função ideológica; “instrumento de coesão social e legitimação política” (p.208). Ou seja, consubstancia sentidos aos papéis femininos. “A imprensa feminina informa pouco, mas forma demais. Antes de tudo, é uma imprensa de convencimento” (Buitoni, 2009, p.208).

O papel da mídia impressa, especificamente os editoriais femininos, é amplamente pesquisado na construção e reiteração de modelos e ideais prescritos para a mulher:

Amplamente discutido no plano acadêmico, o corpo encontra na mídia um espaço onde representações a seu respeito são largamente construídas e reproduzidas. Anúncios publicitários, textos jornalísticos, fotos e ilustrações na televisão, na Internet e na mídia impressa veiculam discursos, vozes sobre o corpo e sobre como ele é visto, desejado, vendido. Na mídia impressa, as capas de revistas são síntese de representações, de imaginários, explorando largamente o corpo feminino. Reprodutoras, divulgadoras, formadoras de conceitos de corpo saudável, as revistas femininas estampam em suas capas há décadas “modelos” de mulheres, exemplos a serem seguidos para alcançar um objetivo: o corpo ideal de cada época. Por trás da idéia de corpo, no entanto, alojam-se vários outros ideais de comportamento, valores. (Siqueira & Faria, 2006, p. 2)

Parece-nos que tais aspectos fazem com que a imprensa feminina, para qualquer faixa etária, tenha sido um importante campo de pesquisa ao longo do tempo em diversos países. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, por exemplo, as análises dos conteúdos de tais periódicos teve início na década de 1960 e continuam sendo importantes fontes de dados sobre estudos direcionados ao tema *Ser mulher* ou ao processo de *tornar-se mulher*, temas explorados também em revistas femininas voltadas para a adolescência (Durham, 1995; Currier, 1999). Já no Brasil, o tema *Ser mulher* também tem sido bastante explorado nas revistas femininas ou adolescentes desde a década de 1970, com os trabalhos de Bosi (1972) e Habert (1974) analisando as publicações das telenovelas. Posteriormente, várias revistas femininas começam a ser investigadas em seus conteúdos mais diversos, relacionados em geral à sexualidade e às condições de gênero. Na década de 1980, os trabalhos de Sarti e Moraes (1980) fazem a análise do conteúdo das revistas *Claudia*, *Carícia* e *Nova*, e demonstram que havia uma valorização do lugar social da mulher vinculado à maternidade em detrimento do lugar do trabalho. Nessa mesma década, Buitoni (1981) ao analisar a imprensa feminina, já apontava que as revistas tinham um papel de manutenção e reafirmação dos padrões sociais tradicionais estabelecidos para a mulher. Na década de 1990, Bassanezi (1992; 1996; 1997) busca investigar como as revistas tratam a questão da sexualidade feminina e os aspectos relacionados à saúde reprodutiva. Suas análises são realizadas tendo como fontes revistas publicadas desde 1945 como, por exemplo, o *Jornal das moças* e o *Cruzeiro*. Em sua publicação de 1997, sobre “As mulheres dos anos dourados” a autora mostra que as revistas traziam um ideário de família nuclear, branca, de classe média, hierárquica e com papéis sociais bem definidos para homens e mulheres, com regras de comportamentos e opiniões sobre sexualidade, relação conjugal e trabalho feminino que proviam valores sobre classe, gênero e etnia que, por sua vez, ainda estão presentes nos dias atuais. Os aspectos do envelhecimento são estudados nas revistas *Claudia* e *Playboy* por Pires (1998) através da análise do material publicado na década de 1980 e 1990. Nos periódicos

voltados para as adolescentes, são analisados os conteúdos das mais diversas revistas, estudando todo o conteúdo, como a seção cartas do leitor na revista *Querida* (Miranda-Ribeiro, 1996) e a análise de matérias que referem-se à sexualidade e regras de comportamentos morais que enfatizam o lugar tradicional de gênero feminino, preconizando o casamento, ainda que algumas revistas apresentem conteúdos mais progressistas em relação à sexualidade e à saúde reprodutiva (Sarti & Moraes, 1980; Miranda-Ribeiro & Moore, 2002).

Desta forma, como material de pesquisa, o conteúdo publicado nos periódicos femininos representa uma importante fonte de dados que, em certa medida, pode funcionar como indicador indireto de comportamentos, obviamente se associados concomitantemente a outros dados obtidos para o mesmo objetivo de pesquisa (Souza & Menandro, 2007; Bauer, 2002). Autores como Spink e Medrado (1999) consideram o poder da mídia não somente para tornar visível certos conteúdos simbólicos, como também por “possui um poder transformador ainda pouco estudado – e, talvez, ainda subestimado – de reestruturação dos espaços de interação propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentidos” (Spink e Medrado, 1999, p.58), Thompson (1998), por sua vez, ressalta a interação e intercâmbio simbólico que se dá através do veículo midiático e Wolf (1994) analisa como os meios de comunicação contribuem para a construção social da realidade e a repercussão das relações simbólicas desses meios sobre a percepção subjetiva da realidade social.

Nesse sentido, é relevante mencionar que, no Brasil, não existe um editorial feminino voltado diretamente para um público com idade estimada acima de 40 anos, diferentemente de alguns países da Europa e Estados Unidos (Vilela & Ribeiro, 2001). A revista *Bárbara* que foi criada pela Editora Símbolo em 1996, com o objetivo de preencher esta lacuna no mercado saiu de circulação em 2001, segundo Roberto Melo, vice-presidente da Editora Símbolo (Vilela & Ribeiro, 2001), por insustentabilidade financeira: ao que parece os anunciantes optavam pela tradicional revista *Cláudia*.

A nosso ver, a partir destas considerações, torna-se necessário o levantamento dos atuais sentidos conferidos pela mídia feminina quanto ao envelhecimento. Na presente pesquisa pretendemos não só identificar bem como analisar criticamente o discurso atual, propagado na mídia escrita, no segmento editorial de duas revistas femininas: *Claudia* e *Tpm*, com o intuito de analisar os atuais sentidos dados ao processo de envelhecimento feminino. Nesse sentido, concordamos com as análises feitas por Novaes e Vilhena (2006) acerca do processo de

construção social da beleza e da feiúra em relação à mulher e o seu corpo, no qual se encontram as marcas do envelhecimento. Processo esse em que somos todos e todas também autores, e não somente vítimas.

É preciso pensar na forma pela qual os agentes interiorizam/incorporam o discurso dominante e na sua conseqüente reprodução no seio da sociedade. É importante notar que os mecanismos que regem a dinâmica das relações, tais como sujeição e dominação, obediência e imposição, não devem ser encarados como algo que vem de cima para baixo, e sim como um processo dialético, horizontal, encenado por todos os membros de uma sociedade, assimilado como uma tática inerente ao jogo, e que permeia todos os âmbitos e espaços indo da família à escola, dos locais de trabalho às instituições públicas, retornando ao convívio social. Por isso, torna-se fundamental refletir acerca da sociedade de imagens na qual vivemos. O corpo, ao entrar em cena, e ocupar agora um espaço que dá ao indivíduo a visibilidade necessária aos poderes disciplinares, torna-se o principal alvo das estratégias de controle. Por essa mesma razão ele deve ser pensado e visto como uma possibilidade de resistência. (Novaes & Vilhena, 2006, p. 1)

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa objetiva o esclarecimento de uma inquietação, que por mais imparcial que seja, empreende uma compreensão particular daquilo que se estuda.

Para analisar os sentidos do envelhecimento feminino a presente pesquisa qualitativa foi delineada como pesquisa documental, com caráter exploratório-descritivo, realizada por meio do levantamento de dados através de dois periódicos de circulação nacional, as revistas *Claudia* e *Tpm*, com periodicidade mensal e características distintas quanto ao público e aos objetivos editoriais.

Em princípio, esclarecemos que concordamos e utilizamos a perspectiva de Souza e Menandro (2007) ao se referirem ao sentido que atribuem ao termo pesquisa documental, pois a visão dos autores rompe alguns pressupostos difundidos em relação a este procedimento de pesquisa, principalmente no que se refere ao envolvimento da interpretação e inferência, já que, segundo os autores, o termo da forma como é usado, em geral, estaria caracterizado, basicamente, como organização da informação contida em documentos e, seu objetivo principal seria a facilitação de acesso e racionalização de armazenamento, conforme aponta Bardin (2002).

Sendo assim, na presente pesquisa buscamos seguir, e adaptar para nossos objetivos, a seqüência de procedimentos descritos por Souza e Menandro (2007) para “o exame material documental”:

“a) localização do material documental (que pode estar em fontes conhecidas ou desconhecidas); b) seleção de elementos relevantes para a investigação (envolvendo cuidados com representatividade, autenticidade, contextualização); c) organização das informações (classificações ou categorizações temáticas, cronológicas, regionais, ideológicas, por grupos de autoria, conforme objetivos da investigação); d) análise interpretativa e construção de inferências (muitas vezes a serem confrontadas com dados de outras modalidades, confirmadas com novas buscas documentais sempre dialogando com a literatura sobre o tema da investigação).” (p. 159)

No que tange à análise interpretativa, apontada pelos autores Souza e Menandro (2007), há a referência de que, esta análise pode ser realizada por meio de diferentes modalidades de análise de texto, sendo as mais difundidas as análises de conteúdo e de discursos, nas suas mais diversas nuances de procedimentos. Na presente pesquisa optamos pela análise de conteúdo e utilizamos como fonte a mídia impressa feminina.

A opção metodológica da pesquisa através da escolha da fonte de dados obtida por meio da mídia impressa, especificamente as revistas *Claudia e Tpm*, foi feita a partir do entendimento de que, em nossa sociedade, muitos sentidos socialmente construídos são intermediados pelos veículos midiáticos, dentre eles as revistas femininas que, por representarem uma publicação definida sociologicamente para um segmento específico da sociedade, no caso, a mulher, apresenta um relevante universo discursivo com a pulverização de determinados ‘saberes’ sobre as temáticas femininas (Buitoni, 2009; Santos, 1996; Braga, 2005).

A escolha da pesquisa documental, como via de acesso a informações relevantes para a coleta de dados referentes aos discursos divulgados na mídia a despeito do envelhecimento feminino, acompanha uma abordagem utilizada no campo da pesquisa social que seleciona, como fonte de informação, o material veiculado por várias fontes midiáticas (Silverstone, 2002).

Uma das vantagens da utilização do material documental em pesquisas, segundo Souza e Menandro (2007), refere-se à existência prévia do material textual independentemente de sua produção a partir da “indução direta” (p.158), ou seja, diferentemente do que ocorre em materiais textuais obtidos por meio de realização de entrevistas com finalidade específica de pesquisa; ademais, apresenta-se como “fonte estável de informações” (p.158) podendo ser examinado inúmeras vezes, além de fornecer a possibilidade de detalhamento de informações relevantes devido à grande diversidade de conteúdos informativos, favorecendo, inclusive, a análise de dados quantitativos. Todavia, alguns cuidados metodológicos são necessários como aponta Yin apud Souza e Menandro (2002), principalmente na escolha do recorte temporal do material pesquisado e na análise interpretativa empregada para o tratamento dos dados.

Sendo assim, a escolha das revistas se deu em função da periodicidade, proposta editorial e características das análises interpretativas já difundidas em outros trabalhos do gênero. Cabendo ressaltar a ausência de revistas, no mercado editorial brasileiro, voltadas para a faixa etária feminina acima de 50 anos.

3.1 Caracterização das revistas

A revista *Cláudia*, publicada pela primeira vez no início da década de 1960, precisamente em outubro de 1961, pela editora Abril, entrou no mercado editorial inaugurando uma nova fase para a imprensa feminina numa proposta voltada para o público feminino da classe média urbana, abordando textos relacionados ao cotidiano e aos assuntos femininos (Costa, 2005). Historicamente, representa um importante referencial para o segmento, com grande circulação no mercado, tendo explicitado em suas páginas, nos últimos quarenta anos, as mudanças de sentidos referentes ao corpo feminino (Siqueira, 2006). Com o objetivo de analisar os diferentes núcleos de sentido dos discursos atuais sobre o envelhecimento, a segunda revista escolhida foi *Tpm*. Este periódico foi criado em 2001 pela Editora *Trip* com periodicidade mensal e tiragem de 80.000 exemplares, com o objetivo de lançar no mercado uma revista feminina que se apresentasse como um contraponto em relação aos discursos presentes em outras revistas femininas, voltada para um público formado por jovens adultas, entre 20 e 35 anos que “não se encaixam nos estereótipos femininos tradicionais, nem naqueles que as outras revistas femininas propõem” (Hollenbach, 2003, p. 249).

3.2 Procedimento de coleta

Para o objetivo da pesquisa, inicialmente foi selecionado o recorte temporal de 06 meses, através do período compreendido pelos meses de Setembro de 2008 a Fevereiro de 2009, todavia, ao longo da coleta, optou-se pelo aumento da periodicidade compreendendo 01 ano de publicação dos dois editoriais femininos escolhidos, *Claudia* e *Tpm*, para fins de maior amplitude da pesquisa, cujo período foi de Julho de 2008 a Julho de 2009. A escolha dos exemplares pelo período de um ano deu-se face ao objetivo da pesquisa em analisar repertórios atuais veiculados pela mídia quanto ao envelhecimento da mulher, ademais pela periodicidade de um ano abranger toda a contextualidade das matérias em detrimento de datas comemorativas (natal, férias, dia das

mães, dia dos namorados) e estações do ano (chegada do verão, do inverno, com maior ou menor exposição corporal, por exemplo).

A obtenção dos exemplares da revista *Claudia* foi feita diretamente em bancas de revista (edições do mês) e em lojas especializadas, os chamados ‘sebos’ (edições passadas), pois, através da Internet são veiculadas somente partes dos conteúdos publicados. Já os exemplares da revista *Tpm* somente foram conseguidos em bancas de revista e diretamente através da Editora *Trip*, o que representou um atraso na coleta de cerca de dois meses (a Editora equivocadamente enviou exemplares da revista *Trip*). Apesar da revista disponibilizar o conteúdo publicado através da Internet não foi possível fazer a coleta por este meio, pois diferentemente da revista impressa, os dados são compilados e separados por colunas, o que poderia vulnerabilizar a fidelidade à forma como os artigos são dispostos na revista, comprometendo não só o ordenamento como a análise dos dados.

O contato inicial com as revistas evidenciou que tanto *Claudia* como *Tpm* são publicações com temas muito diversos. A primeira etapa do trabalho consistiu em procurar, em toda a revista, tudo o que se relacionasse com a temática da pesquisa utilizando, inclusive, algumas palavras-chave (envelhecimento, velhice, velha, velho, terceira idade, rejuvenescimento) para auxiliar nesta exploração. Em seguida foi feita a separação do material encontrado de acordo com as seções e classificações utilizadas pelas revistas, com o intuito não só de organização, mas também como uma espécie de pré-análise, para identificar se haveria seções nas quais o tema era encontrado com maior frequência, bem como a avaliação da nomenclatura utilizada pela revista para localizar os artigos.

A coleta do material representou um contingente de documentação totalizado em 107 matérias, apesar de expressivo, este número possibilita uma análise qualitativa cuidadosa, uma vez que muitas matérias restringem-se a pequenos comentários dos assinantes das seções ou mesmo menções muito breves sobre a temática em questão. Nossa intenção em não descartar este material possibilita uma abordagem menos absoluta e mais relacional do material pesquisado.

Inicialmente realizamos a “leitura flutuante” somente das 13 edições selecionadas da revista *Claudia*. Em seguida fizemos a leitura detalhada, destas edições, de modo a procurar toda e qualquer menção pertinente ao tema da pesquisa. Para que todo o material referente ao mote fosse considerado fizemos uma busca minuciosa. Muitas vezes não havia citação quanto aos termos envelhecimento, velhice, velha (o), terceira idade, idosa (o), rejuvenescimento, mas as

reportagens tratavam de algum ator social com faixa-etária acima de 60 anos e, obviamente, deveria fazer parte do *corpus* de análise. O mesmo procedimento foi feito com as 12 edições da revista *Tpm*.

3.2.1 Instrumento de coleta

A coleta dos dados foi realizada por meio de uma ficha de registro de dados (Anexo 1) construída para esta finalidade, a partir do material encontrado e com campos relacionados ao: a) nome da revista; b) localização temporal com nº da edição, mês e ano da publicação; c) a seção onde foi encontrada a matéria (se permanente ou esporádica, se matéria de capa, editorial, coluna, reportagem assinada, entrevista); d) o título da matéria; e) o subtítulo da matéria; e) o tema do texto (corpo e envelhecimento; processos de envelhecimento; dicas para manutenção da juventude; aspectos sociais, biológicos/fisiológicos e culturais do envelhecimento etc); f) os atores sociais envolvidos no assunto (médicos, leitores, psicólogos, jornalistas, nutricionistas, etc); g) registro de imagens referentes aos temas.

3.2.2 Procedimento de Análise

No que concerne à análise dos dados elegemos a análise temática ou categorial, cujo aporte teórico é o da Análise de Conteúdo (Bardin, 2002). Este tipo de análise apresenta aspectos relevantes quanto ao objetivo e delineamento da presente pesquisa: a) como o volume de dados é muito grande por se tratar de material textual proveniente de todo o material publicado nas revistas, exceto o material publicitário (propagandas cuja responsabilidade são do anunciante), a análise de conteúdo permite a redução da complexidade de grande quantidade de material textual através da classificação sistemática e da contagem de unidades de texto sintetizando, desta forma, em um sistema de categorias com capacidade de expressão do sentido do texto; b) a análise de conteúdo possibilita a descoberta de diferentes “núcleos de sentido” (Bardin, 2002 p.105),

objetivando alcançar “uma pretensa significação profunda, um sentido estável, conferido pelo locutor no próprio ato de produção do texto” (Rocha & Deusdará, 2005, p.307).

Essa técnica busca identificar e avaliar os núcleos de sentido, ou temas, que compõem o texto analisado. A tarefa de classificação e categorização dos dados do meio ambiente, segundo Vala (1986), são realizadas habitualmente, de modo a simplificar operacionalmente a complexa rede de informações às quais somos compelidos a atribuir sentido. Na análise de conteúdo esta operação de sistematização é empregada, metodologicamente, de modo não só a aceder ao aspecto formal manifesto da comunicação, como também aos demais aspectos implícitos e latentes, por vezes subjacentes à produção da mensagem pela fonte.

A partir da análise da ficha, coletamos os dados quantitativos de cada um dos periódicos, como explicitado no capítulo sobre os dados da pesquisa. Este procedimento de quantificação dos dados sustenta a análise qualitativa do material, pois indica a frequência com que o tema aparece nos editoriais, indicando as seções nas quais predominantemente ele ocorre, bem como as seções nas quais sequer é citado, apontando para dados analíticos relevantes quanto aos sentidos propagados nas revistas.

A etapa de ordenamento dos dados foi determinante para a construção de categorias, que implicaram em exaustivas leituras e releituras do material. Uma das dificuldades encontradas foi a necessidade de classificar as matérias considerando tanto a classificação das revistas, principalmente a revista *Claudia* que previamente separa as colunas por temas, como a classificação realizada a partir da análise do conteúdo do texto. Já na revista *Tpm*, a dificuldade em agrupar tematicamente em categorias foi em detrimento do próprio conteúdo dos artigos da revista, que apresentam grande diversidade temática, articulando saberes de várias áreas.

O processo de construção das categorias apresenta elevado grau de dificuldade, demandando um período duradouro de etapas precedentes que devem ser cuidadosamente seguidas. Inicialmente, na etapa de pré-análise, realizamos a “leitura flutuante” (Bardin, 2002, p.96) de todo o material, ou seja, de todas as revistas selecionadas como fonte de informação, com a finalidade de obtenção de uma visão geral do conteúdo publicado. Em seguida foram realizadas leituras mais acuradas com a exploração de todo o material encontrado sobre o tema envelhecimento e feitos os primeiro recortes de modo a codificar, demarcando o universo dos documentos que seriam utilizados para análise. Para tal intento foi feita a separação das matérias

e textos encontrados em grupos de unidades relativas ao tema e à localização nas revistas (Bauer, 2008), constituindo o chamado *corpus* da análise da pesquisa (Vala, 1986; Bardin, 2002).

Para proceder à categorização foram utilizados critérios como os da exaustividade, da homogeneidade, da pertinência, da fidelidade e da produtividade⁹. A criação das categorias representa uma fase importante da pesquisa como bem argumenta Vala (1986), “do ponto de vista do trabalho do analista a escolha das unidades de análise e a sua identificação é sem dúvida a tarefa que mais dificuldades operacionais suscita” (p. 113).

O processo de inferência à interpretação, por sua vez, permite que os conteúdos recolhidos se constituam em dados quantitativos e/ou análises reflexivas:

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. Por outro lado, os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas, podem servir de base a uma outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticada graças a técnicas diferentes. (Bardin, 2002, p. 101)

⁹Para que as categorias criadas sejam consideradas boas devem-se observar as qualidades descritas. A *exaustividade* “estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão” (Bardin, 2002, p.120), a *homogeneidade* pressupõe que “num mesmo conjunto categorial, só se pode funcionar com um registro e com uma dimensão de análise” (Bardin, 2002, p.120), como *pertinência* entende-se que a categoria deve estar em consonância com o material de análise, inclusive com adequação em relação aos objetivos da pesquisa e ao aporte teórico, a *fidelidade*, por sua vez, deve refletir claramente as variáveis de modo a evitar distorções quanto aos aspectos subjetivos e ao ajuizamento de valores na definição categórica. Já a *produtividade* implica na ‘fertilidade’ da categoria, ou seja, se os resultados possibilitam novas hipóteses, novos índices de inferência, etc.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Afim de melhor elucidar as relações e o diálogo entre o material textual organizado e os sentidos sobre o envelhecimento que foram abordados, apresentaremos os resultados de cada uma das revistas seguido pelas discussões acerca de seus sentidos. Iniciaremos discorrendo sobre o conjunto de dados e análises do material elaborado a partir das matérias textuais da revista *Claudia* e posteriormente o conjugaremos com os dados encontrados a partir da revista *Tpm*, travando um diálogo entre os sentidos do envelhecimento encontrados nas duas publicações.

4.1 Folheando a revista *Claudia*

Ao iniciar a leitura da revista *Claudia* o leitor hipotético encontra, nas primeiras páginas, o índice das chamadas *Reportagens de capa*. Em seguida, uma outra página apresenta as seções fixas da revista, separadas por assuntos, sendo eles: *Atualidade e gente, moda, casa e consumo, beleza e saúde, família e filhos, emoções e espiritualidade* e *Sempre em Claudia*. Todas estas, por sua vez, apresentam colunas fixas mensais, além de reportagens esporádicas. A disposição das sessões permanentes, mencionadas acima, não ocorre num formato rígido seqüencial e, especificamente, a sessão nominada *Emoções e espiritualidade* não aparece em todas as edições mensais.



Figura 1 - Revista *Claudia* (Junho 2009, p.4)

A revista possui uma grande variedade de temas relacionados ao chamado ‘universo feminino’, contudo, este ‘universo’ é bastante específico, ou seja, direcionado ao público feminino urbano, com alto poder aquisitivo, e especialmente para a chamada “mulher moderna”.

CLAUDIA é a revista que está ao lado da mulher para todos os seus desafios: dia-a-dia, família, carreira, beleza, moda, qualidade de vida. CLAUDIA é para a mulher de hoje, que olha o mundo, se reconhece e expressa essa atitude diante da vida. Tem a maior variedade de assuntos relevantes para a mulher moderna¹⁰ (Claudia, 2009).

Uma das características presentes desde o lançamento da revista, no início da década de 60, é o público para o qual a revista é direcionada, composto por mulheres das classes médias urbanas que, na época de sua criação, devido aos acontecimentos econômicos e sociais relacionados ao processo de urbanização, viviam um crescente aumento do poder de consumo. *Claudia* desde o início foi planejada para ser uma grande vendedora de bens de consumo (Pires, 1998; Bassanezi, 1996; Nehring, 1981).

¹⁰ Dados divulgados no site da Editora Abril: www.publiabril.com.br

Apesar das mudanças editoriais ocorridas nos últimos 50 anos, ao que parece, este continua a ser o público alvo da revista. Segundo os Estudos Marplan (2008)¹¹, os leitores da revista são compostos por 88% de mulheres e 12% de homens, sendo que 21% de leitores da classe A, 45% da classe B e 30% da Classe C, com um percentual de 64% dos leitores da revista com faixa etária entre 20 e 49 anos. Já a pesquisa realizada em 2009¹² apontou os seguintes números: 88% de leitoras mulheres e 12% de homens, sendo que 18% são da classe A, 50% da Classe B, 29% da Classe C e 3% da Classe D, com percentual de 14% de leitores com faixa etária entre 10 e 19 anos, 60% dos leitores entre 20 e 49 anos e 26% com idade acima de 50 anos, com 56% de leitores da região Sudeste, 20% da região Sul, 13% da região Nordeste, 8% da região Centro-Oeste e 3% da região Norte do Brasil.

A versão atualizada da ‘mulher moderna’, presentificada em *Claudia*, caracteriza-se como sofisticada, com alto poder aquisitivo, capaz de consumir produtos de grifes, além de muito bem informada, atenta aos mais variados assuntos (a revista apresenta temáticas envolvendo família, filhos, animais de estimação, saúde, qualidade de vida, sexualidade, beleza, decoração da casa, moda, literatura, viagens, profissão e mercado de trabalho, auto conhecimento, etc.).Outrossim, mesmo que o discurso da revista aborde muitas temáticas, pressupondo as múltiplas funções femininas, tanto no âmbito doméstico como no profissional, alguns assuntos são enfaticamente tratados, como, por exemplo, aqueles relacionados aos cuidados pessoais com a beleza.

A participação do leitor sempre esteve presente nos editoriais, em colunas de perguntas e respostas, cartas enviadas pelo leitor, etc. Em relação ao tema envelhecimento, a participação dos leitores, na década de 1980, segundo Pires (1998), ocorria através da seção intitulada *Claudia Responde*, por meio da coluna denominada *Velhice*, na qual os leitores faziam perguntas sobre o tema. Na década de 90, entretanto, esta coluna recebeu uma nova titulação, *Terceira idade*, termo este amplamente utilizado no contexto histórico da época, especialmente em programas voltados para o público idoso, relacionados a atividades físicas e sociais, objetivando práticas voltadas para um envelhecimento saudável ou bem-sucedido, estudados por Debert (2004a) como novas "formas de gestão da velhice" (p. 30).

¹¹ Os dados referentes aos estudos Marplan são divulgados no site destinado à publicidade da Editora Abril: www.publiabril.com.br/marcas/claudia/revista/informacoes-gerais

¹² Fonte: Marplan consolidado 2009

Todavia, atualmente, não mais existe uma seção voltada para temas relacionados às dúvidas dos leitores quanto ao envelhecimento. As seções *Sua opinião e Claudia Responde* funcionam como espaço de comunicação entre o leitor e a revista, sem, contudo, apresentar uma coluna específica para o público desta idade.

Nas edições pesquisadas, a interação entre o editorial e o leitor se dá através da seção *EU e VOCÊ*, cuja característica principal é a apresentação de algumas atrações do mês pela editora da redação.

4.1.1 Apresentando a revista: conhecendo as seções de *CLAUDIA*.

Para que o leitor possa compreender o significado dos dados obtidos, através da presente pesquisa, faz-se necessário uma breve apresentação de cada uma das seções temáticas da revista; conforme demonstradas abaixo:



Figura 2 - Revista *Claudia* (Julho, 2008)

A seção intitulada *Atualidades e gente* aborda assuntos muito diversificados, no seguimento *Atualidades*, como o próprio nome sugere, trata de temas contemporâneos, com matérias relacionadas: 1) Educação no Brasil, 2) relatos de iniciativas ligadas a projetos de cidadania, 3) algumas informações jurídicas sobre leis brasileiras, 4) fóruns¹³, enfim, discute alguns conteúdos que poderíamos classificar como mais ‘politizados’. Já as matérias envolvendo a segunda nomenclatura, *Gente*, referem-se a reportagens sobre as experiências da vida de mulheres que exercem, no Brasil e em outros países, atividades profissionais em locais mais incomuns, como, por exemplo, cuidar de animais ferozes na Patagônia, além de entrevistas com atrizes, designers de moda, psicoterapeutas.

A seção *Família e filhos* apresenta, basicamente, três colunas fixas: *Coisa de criança*, *Turma teen* e *Dilema de mãe*, sendo que, em algumas edições, também traz ao leitor uma matéria esporádica sobre esses assuntos. Faz-se necessário pontuar que, nas edições pesquisadas, as matérias estão associadas, exclusivamente, aos temas relacionados aos filhos e não à família (pais, marido, irmãos) como o título da seção poderia sugerir. Ademais, a temática principal abordada refere-se à educação dos filhos, desde as crianças (tratados na coluna *Coisa de criança* e *Dilema de mãe*) até os adolescentes (*Turma teen* e *Dilema de mãe*), refletindo uma postura pedagógica da revista, amparada por opiniões de especialistas, geralmente psicólogos, psicopedagogos, nutricionistas e médicos.

A seção *Moda* apresenta três colunas fixas: 1) *Básicos de CLAUDIA*, 2) *Na última moda*, 3) *Vitrine de acessórios* e uma coluna esporádica *Esta moda vai durar*, além de outras matérias esporádicas sobre os temas. Em tais colunas, a revista sugere figurinos para que a leitora fique vestida de acordo com a moda e as últimas tendências da estação, ou seja, apresentando produtos como: calças, blusas, vestidos, sapatos, sandálias, acessórios, indicando grife e o preço.

A seção *Casa e consumo* apresenta a decoração da casa de uma pessoa relacionada ao mundo das artes (empresárias, produtoras, donas de loja de decoração, etc) e, em seguida, uma

¹³ A revista patrocina o Fórum CLAUDIA para mulheres. Em 2008 foi realizado o 2º Fórum CLAUDIA pela mulher brasileira, no Arcádia de Boa Viagem em Pernambuco, com debate sobre Violência Doméstica. Em 2009 foi realizado no Teatro Eva Herz, em São Paulo, em Homenagem ao dia Internacional da Mulher com o tema: “Carreira, filhos e vida pessoal - mulheres em busca de um novo equilíbrio”. Trata-se de um evento no qual são convidados médicos, psicólogos, representantes do poder público e artistas para debaterem sobre o tema em questão, sempre com a coordenação da diretora de redação da revista CLAUDIA, Márcia Neder. Posteriormente a revista mostra em suas páginas, sob forma de matéria, os principais momentos e debates discutidos no evento.

seção na qual seleciona algumas peças de decoração da reportagem, com três opções de produtos similares, com faixas de preços variados.

A seção *Sempre em CLAUDIA* apresenta geralmente 12 colunas: 1) *Eu e você*, 2) *CLAUDIA online*, 3) *Sua opinião*, 4) *Horóscopo*, 5) *Conversa com Danuza*, 6) *Conexão CLAUDIA*, 7) *O que eu faço agora?*, 8) *Boa viagem*, 9) *Amigo bicho*, 10) *Os livros que a gente ama*, 11) *Agenda de endereços*, 12) *Página da vida*.

A Coluna *Eu e você*, como já dito anteriormente, é a página onde a editora da revista ‘conversa’ com o leitor sobre as atrações do mês, ou até mesmo sobre uma matéria.

CLAUDIA online apresenta o endereço eletrônico da revista e algumas chamadas sobre matérias que só aparecem no site; *Horóscopo* são as previsões do zodíaco, com destaque para o signo do mês; *Conversa com Danuza* é uma crônica assinada pela jornalista e escritora Danuza Leão sobre um tema de interesse do mundo feminino, sempre com algum traço de crítica e humor. *Conexão CLAUDIA* é uma coluna diversificada, ora com entrevistas com representantes das mais diversas produções artísticas, desde aqueles ligados ao cinema nacional até designers que utilizam materiais pouco convencionais.

A coluna intitulada *O que eu faço agora?* não aparece em todas as edições, destina-se a responder perguntas do leitor sobre algum tema específico, geralmente relacionado à boa convivência social, seja trabalho, junto aos amigos, etc. *Boa viagem*, por sua vez, sugere dicas turísticas de lugares e passeios, em roteiros nacionais e internacionais. *Amigo bicho* trata de algumas dúvidas sobre animais domésticos, sempre com a ajuda de especialista, sendo que também não está presente em todas as edições. *Os livros que a gente ama*, indica títulos da literatura, com um pequeno comentário sobre cada obra recomendada. *Agenda de endereço* é uma lista com o nome e o telefone de todas as marcas divulgadas na revista. E *Página da vida* é o relato de alguma história de superação ou de desafio vencido por alguma mulher.

A seção esporádica *Emoções e espiritualidade* discute temas relacionados ao bem estar emocional, aliados a algumas técnicas de auto-ajuda, etc.

A última seção a ser descrita denominada *Beleza e saúde* compõe-se das seguintes colunas: 1) *Fique mais bonito*, 2) *Balcão de beleza*, 3) *A sua saúde*, 4) *Beleza essencial*, 5) *De visual novo*, 6) *Nutrição inteligente*. A coluna *Fique mais Bonita* estrutura-se da seguinte forma: uma página inteira, com três tipos de matérias nas quais são apresentados novos produtos estéticos ou técnicas de intervenções estéticas modernas, geralmente, com comentários sobre

algum princípio ativo do produto, seus benefícios apresentados por especialistas (na grande maioria médicos dermatologistas, além de farmacêuticos, médicos cirurgiões plásticos, cabeleireiros, manicures).

A coluna *Balcão de beleza* sugere uma pesquisa realizada pela editora de beleza na qual são informados ao leitor, através de pequenas resenhas, 09 novas descobertas de produtos altamente selecionados e recém lançados no mercado, conforme demonstrado a seguir:

Balcão de BELEZA
Deise Garcia

Lançamentos

1 Festa perfume
Para comemorar 30 anos, a marca Gianfranco Ferré traz Ferré Rose Limited Diamond Edition, uma fragrância floral-frutal marcante, porém discreta. R\$ 99,70 (50 ml)

2 Tons naturais
A top internacional Daria Werbowy, embaixadora da Lancôme, participou do desenvolvimento da maquiagem de verão da marca. Destaque para o luxuoso estofado de sombras, Le Garnet de Velours Palettes 4 Ombres. R\$ 265

3 Cheirinho de fruta
O Kit Mix Frutas Tropicais, da Granada, juntou seis aromas de frutas em seus sabonetes: abacaxi, banana, coco, goiaba, manga e maracujá. Todos com base 100% vegetal e fragrâncias duradouras. R\$ 14,50 o kit

4 Fios espelhados
O Fluido Chroma Riche, da Kerastase Paris, usado para finalizar o penteado, ilumina cabelos com mechas, hidrata, além de oferecer acabamento impecável. R\$ 79

5 Piscada fatal
A Máscara Alongadora para Cílios, Natura Diversa, proporciona cílios mais longos e definidos graças ao pincel especial, que separa os fios sem deixar grumos. R\$ 46

6 Make profissional
O Primer Facial Pré-Maquiagem, da linha Make-up, da Contém 1g, funciona como um preparador da pele. Enriquecido com microesferas especiais, garante um efeito óptico que diminui a percepção de rugas do rosto. R\$ 78

7 Lavagem que trata
Formulado com óleos essenciais de cabreúva, bergamota, limão e ilangue-ilangue, o Shampoo Cabreúva Cabelos Secos, da Est, hidrata os fios sem deixá-los pesados. R\$ 21

8 Rugas jamais
O Sêrum Record Réparation Rides, Capture 660/80 XP, da Dior, promete alisamento intenso e mais luminosidade na pele. Tem textura em gel, suave e fluida. R\$ 339

9 Suave ao toque
É como a pele do seu corpo vai ficar com a Loção Hidratante Deo Corporal, Pure & Powerful, da Sparkll Home Spa. Formulada a base de óxido de ferro vermelho, hidrata profundamente. R\$ 45

96
CLAUDIA | Novembro 2008

Figura 3 - Revista *Claudia* (Novembro 2008, p.96)

A coluna *De visual novo* mostra uma leitora da revista num processo de transformação, antes e depois, obtida por meio de novo corte de cabelo, maquiagem e produção de figurino.

Nutrição inteligente é o espaço dedicado às orientações sobre alguns alimentos funcionais, pequenas receitas nutritivas e menos calóricas, bem como a apresentação de produtos industrializados comercializados para este fim.

Algumas pequenas informações sobre saúde são abordadas na coluna *A sua saúde*, inclusive pequenas chamadas sobre algum resultado estatístico de pesquisas realizadas no Brasil e em outros países.

A coluna *Beleza essencial* não é mensal, mas aparece na revista quando algum assunto específico de beleza deve ser tratado numa matéria maior, sempre com a demonstração de produtos relacionados ao foco da matéria (cabelos, pele, etc).

4.1.2. O Envelhecimento nas páginas da revista: a classificação das matérias

Como já explicitado anteriormente, as matérias¹⁴ foram classificadas em dois momentos. A primeira classificação seguiu as adotadas pela revista. A segunda etapa classificatória deu-se pelo processo de construção de categorias, iniciada por meio da leitura flutuante do material analisado a fim de se obter uma visão geral do conteúdo. Em seguida, foram realizadas leituras mais acuradas com o objetivo de identificação dos temas presentes no conjunto textual, para o reconhecimento de temas preferenciais.

A categorização adotada neste trabalho, não está isenta de falhas, mas segue os três pólos propostos por Bardin (2002): 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (p.95). Esta técnica foi essencial por sua função heurística, que é a de enriquecer as estratégias investigativas.

¹⁴ O termo matéria, em outros casos artigos, é estendido em seu sentido mais global, ou seja, trata-se de qualquer material escrito encontrado na revista. Pode exprimir desde pequenos comentários, até reportagens, entrevistas, etc, exceto o material publicitário pago pelo anunciante.

4.1.3 O envelhecimento em revista

As seções com o maior número de matérias sobre envelhecimento, na revista *Claudia*, são respectivamente, *Reportagens de capa*; *Atualidades e gente*; *Beleza e saúde*; *Sempre em CLAUDIA*. A tabela 1 mostra a distribuição percentual das seções nas quais foram encontradas as matérias sobre envelhecimento, sendo que 22,65% das matérias na seção *Reportagens de capa*, seguidos por 14,81% na seção *Atualidades e gente*, 13,3% em *Beleza e saúde*, e 5,22% em *Sempre em CLAUDIA*. Nas demais colunas da revista não foram encontrados dados referentes ao tema envelhecimento..

Tabela 1 - Número de matérias encontradas por seção da revista Claudia referentes ao envelhecimento (N=81)

<i>SEÇÕES</i>	<i>Nº total de matérias por seção</i>	<i>Nº total de matérias sobre envelhecimento</i>	<i>Percentual</i>
<i>Reportagem de capa</i>	128	29	22,65%
<i>Atualidades e gente</i>	81	12	14,81%
<i>Moda</i>	50	-	-
<i>Beleza e saúde</i>	240	32	13,3%
<i>Casa e consumo</i>	12	-	-
<i>Família e filhos</i>	53	-	-
<i>Emoções e Espiritualidade</i>	10	-	-
<i>Sempre em CLAUDIA</i>	157	08	5,22%
TOTAL	731	81	11,08%

A partir do levantamento dos percentuais de matérias encontradas, sobre o envelhecimento, realizamos uma categorização temática, agrupando-as em grandes grupos que melhor expressam o conteúdo das matérias. A seguir descrevemos cada uma das categorias:

1) *Beleza, Saúde e consumo de produtos* - temas relacionados à beleza, consumo de produtos para este fim, dicas de manutenção da saúde, abrangendo as matérias que versam sobre o envelhecimento como um declínio ou perda dos atributos de beleza e ou diminuição da saúde,

ênfatizando a conseqüente necessidade de consumo de produtos. Destacamos que na maioria das matérias, esses temas não aparecem separadamente, mas abordados de maneira conjunta;

2) *Comportamento* - A segunda temática observada, refere-se às matérias que tratam o envelhecimento de maneira indireta, ou seja, abordam geralmente a história de vida de pessoas que se destacam no meio artístico e cultural que estejam com idade acima de 60 anos, sem que o tema central, entretanto, esteja relacionado ao envelhecimento;

3) *Produtividade* - a terceira categoria refere-se àquelas matérias onde o foco primordial está na vida profissional do entrevistado, geralmente com mais de 60 anos ou próximo desta idade -também neste grupo o envelhecimento não é destacado como variável;

4) *Outros assuntos* - Categoria na qual foram incluídos assuntos referentes ao casamento e à sexualidade que não apresentam relação com o processo de envelhecimento.

A fim de demonstrar o conteúdo expresso sobre envelhecimento, em cada uma das seções da revista, levantamos as matérias referentes às categorias acima. A tabela 2 apresenta a frequência das temáticas encontradas nas *Reportagens de capa*, na qual 72,41% são concernentes à *Beleza, Saúde e ao consumo de produtos*, 13,79% a assuntos relativos ao *Comportamento*, 13,34% à *Produtividade* e 3,44% a *Outros assuntos*.

Tabela 2 - N° de matérias sobre envelhecimento na seção Reportagens de capa (N=29)

<i>Conteúdo</i>	<i>N° matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Beleza, saúde e consumo de produtos</i>	21	72,41%
<i>Comportamento</i>	4	13,79%
<i>Produtividade</i>	3	10,34%
<i>Outros</i>	1	3,44%
TOTAL	29	100%

Na seção *Atualidades e gente*, segunda com maior número proporcional de reportagens sobre envelhecimento, os dados encontrados evidenciam uma proporção igualitária entre as três categorias, ou seja, 33,33% de matérias relativas à *Beleza, Saúde e ao consumo de produtos*, 33,33% a assuntos relativos ao *Comportamento*, e 33,33% à *Produtividade*, conforme a tabela 3.

Tabela 3 - N° de matérias sobre envelhecimento na seção Atualidades de gente (N=12)

<i>Conteúdo</i>	<i>N° matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Beleza, saúde e consumo de produtos</i>	4	33,33%
<i>Comportamento</i>	4	33,33%
<i>Produtividade</i>	4	33,33%
TOTAL	12	100%

A seção *Beleza e Saúde*, da revista *Claudia*, foi a que apresentou o maior número de matérias referentes aos aspectos do envelhecimento (32 matérias), no entanto, 100% das matérias foram relacionadas à categoria *Beleza, Saúde e consumo de produtos*. Como a seção está ligada diretamente aos conteúdos referentes à categoria pudemos destacar que o percentual de matérias que se referiram exclusivamente ao tema *Beleza e consumo* foi de 81,25% enquanto 18,75% referente à *Saúde*, conforme apontam os dados da tabela 4:

Tabela 4- N° de matérias sobre envelhecimento na seção Beleza e Saúde (N=32)

<i>Conteúdo</i>	<i>N° matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Saúde</i>	6	18,75%
<i>Beleza e consumo de produtos</i>	26	81,25%
TOTAL	32	100%

Já na última seção, *Sempre em CLAUDIA*, a distribuição ocorre da seguinte forma: 50% das matérias encontram-se na categoria *Comportamento*, seguido por 37,5% de assuntos caracterizados como *Beleza, Saúde e consumo de produtos* e 12,5% como *Produtividade*, de acordo com a tabela 5.

Tabela 5- N° de matérias sobre envelhecimento na seção Sempre em CLAUDIA(N=08)

<i>Conteúdo</i>	<i>N° matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Beleza, saúde e consumo de produtos</i>	03	37,5%
<i>Comportamento</i>	04	50%
<i>Produtividade</i>	01	12,5%
TOTAL	08	100%

A comparação entre as tabelas permite-nos dizer que, na Revista *Claudia* como um todo, dentre as matérias que se referem ao envelhecimento há um predomínio de matérias com enfoque na temática *Beleza, Saúde e consumo de produtos* (66,66%), seguida por *Comportamento* (14,81%) e *Produtividade* (8,64%). Cabe destacar que o termo ‘*rugos*’ foi o mais utilizado para caracterizar o envelhecimento sendo que, das 81 matérias levantadas, 49,38% fazem referência às rugas que, por sua vez, referem-se sempre a uma conotação negativa, expressando o combate aos sinais de envelhecimento.

Para visualizar a importância que o termo ‘*rugos*’ apresenta em relação ao envelhecimento, na revista *Claudia*, destacamos o percentual de matérias que se referiram a estas quanto às seções da revista. Na seção *Reportagens de capa*, 51,72% das matérias sobre envelhecimento fazem referência às ‘*rugos*’, já na seção *Beleza e Saúde* o percentual sobe para 71,87% e na seção *Atualidades e gente* são 16,66%, conforme demonstra a tabela 6.

Tabela 6 - Distribuição de frequência de rugas por seções da CLAUDIA(N=40)

<i>SEÇÕES</i>	<i>Nº matérias que fazem referência às rugas</i>	<i>Nº de matérias sobre envelhecimento</i>	<i>Percentual</i>
<i>Reportagens de capa</i>	15	29	51,72%
<i>Beleza e saúde</i>	23	32	71,87%
<i>Atualidades e gente</i>	02	12	16,66%
<i>Sempre em CLAUDIA</i>	-	08	-
<i>Total</i>	40	81	49,38%

4.2. Sentidos de envelhecimento na revista *Claudia*

Quando finalmente se encontram lado a lado com os homens, e não abaixo e não sob, e não como sub e não como vice, algo novamente faz com que elas se sintam menores, em condição de desvantagem. Sim, porque eles podem ser feios e envelhecer, mas não elas. (Lucivânia Fernandes)

A análise das matérias da revista *Claudia* sobre o tema envelhecimento demonstra, em linhas gerais, a aproximação de dois sentidos¹⁵ para o envelhecimento da mulher que, paradoxalmente, podem ser entendidos como divergentes no que tange ao aspecto valorativo. O primeiro sentido apreendido nas páginas de *Claudia* está vinculado aos aspectos imanentes relacionados ao envelhecimento corporal, associado, sobretudo, aos aspectos negativos, preponderantemente à perda de beleza e da capacidade de atratividade. Esse sentido será amplamente discutido ao longo do capítulo. O segundo sentido alcançado nos repertórios discursivos da revista está relacionado aos aspectos positivos do envelhecimento da mulher, principalmente na possibilidade do amadurecimento profissional, decorrente do aprendizado acumulado ao longo da vida.

As matérias exemplificam aspectos positivos e negativos do envelhecimento, próximos a uma concepção racionalista e cartesiana no qual há a separação entre o corpo e o espírito apesar das tentativas de sincronia entre essas duas partes, que serão elucidados no decorrer do presente capítulo (Melani, 2004).

4.2.1 Mulheres em conserva

A apresentação dos dados feita no capítulo anterior demonstra um número muito elevado de matérias, colunas fixas e esporádicas nos quais o envelhecimento aparece combinado ao tema

¹⁵Para Spink (1999) “O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas - na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas - constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (1999, p.41), partindo deste pressuposto entendemos que a revista feminina, como um exemplar da mídia atua como uma prática discursiva capaz de constituir um repertório dinâmico e provocar discussões, reflexões, sendo assim a revista “assume um papel relevante na compreensão da produção de sentidos, seja porque é persuasiva no mundo contemporâneo e, portanto instrumental na conformação da consciência moderna, seja porque confere uma visibilidade sem precedentes aos acontecimentos, incluindo aí as novas informações e descobertas” (p. 58).

beleza (Das 81 matérias encontradas sobre envelhecimento, em 54 delas, ou seja, em 66,66% há associação com a temática beleza). Apesar de existir uma seção na revista específica para tratar de assuntos com esta pauta (a seção *Beleza e saúde*), observamos que a temática é recorrente em outras seções da revista, inclusive na seção denominada *Reportagens de capa*. Esta ocupa uma posição de destaque na revista, suas matérias são divulgadas na capa geralmente em letras muito grandes, chamativas para suscitar o interesse do leitor.

Nesta seção, em 72,41% das matérias sobre o tema envelhecimento houve a combinação envelhecimento-beleza, todavia, a análise do conteúdo das mesmas demonstra que somente são tratados os aspectos corporais do envelhecimento, continuamente usados como sinônimos de perda dos atributos da beleza e associados ao consumo de produtos. Os principais sinais corporais delatores do processo de envelhecimento destacados pela revista são: 1) o aparecimento das rugas, 2) o aparecimento de manchas, 3) o aparecimento da flacidez (tanto no rosto como no corpo) e 4) o ressecamento da pele.

4.2.1.2 Questão de pele

O lócus privilegiado das explorações de *Claudia* no que concerne ao envelhecimento está na pele: pele enrugada, com ar de cansaço, sem viço, ressecada, flácida, envelhecida...

A pele é o maior órgão do corpo, que assim como uma roupagem envolve-nos completamente, exercendo funções como as de proteção e comunicação:

Como a fronteira de uma civilização, a pele é um bastião, local em que se travam escaramuças, e em que invasores encontram a resistência; aí se localiza nossa primeira e última linha de defesa. (Montagu 1988, p.25)

O tecido epitelial encerra os limites do nosso corpo, ao mesmo tempo em que possibilita nossas interações mais próximas, expressando todas as mudanças corporais, psíquicas e temporais. O autor alega que este complexo órgão humano é usualmente negligenciado, percebido somente em seu aspecto superficial na medida em que delata modificações consideradas como perdas, como ocorre com as qualidades da pele que são notadas quando começam a sofrer alterações evidentes tais como: a cor, a firmeza, a textura e a elasticidade;

defendendo, desta forma, um olhar mais generoso para a pele, através da valorização de seu caráter relacional.

Com o acúmulo dos anos, passamos a considerar nossa pele envelhecida como um truque mais ou menos baixo, depressiva evidência pública do envelhecimento e uma lembrança indesejável da passagem do tempo. Tendo perdido a justa medida que sempre tivera, fica solta e forma bolsas, tornando-se geralmente fina, enrugada, seca e coriácea, podendo até chegar á aparência de pergaminho, amarelada, manchada ou, de algum modo sem atrativos. Essa é, porém uma maneira superficial de ver a pele (Montagu, 1988, p.30).

Nas páginas de *Claudia*, muitas matérias tratam somente da dimensão superficial da pele, tais como as reportagens de capa “*12 questões fundamentais de pele (de loiras, morenas, negras e orientais)*” e “*pele de Pêssego-teste para identificar o seu tipo e o melhor tratamento*” no qual são identificados os principais problemas (acne, manchas, flacidez precoce, oleosidade, ressecamento, rugas) relacionados à beleza da pele, bem como as soluções indicadas pela revista. As capacidades comunicativas da pele, ao mesmo tempo, são evidenciadas nos discursos da revista na medida em que há a associação de que uma pele viçosa reflete muito mais do que um tecido cutâneo, mas um estado saudável de ser, de estar ‘de bem com a vida’, o que redundava em uma espécie de poder social associado à juventude.

Atenta a este objetivo, a revista enaltece as qualidades da pele jovem (lisinha, firme, sem manchas) e incita a leitora a consumir produtos, apresentados pela revista, como formas repositivas, reparadoras ou preventivas de um estado (o de beleza) que o tempo roubou ou pode vir a roubar.

Uma das constatações da pesquisa, entretanto, é a de que a cor da pele influencia o modelo de beleza preconizada. A cor branca é predominantemente citada, os produtos referentes à preservação da juventude destinam-se, quase exclusivamente à pele branca, denotando a invisibilidade e o preconceito¹⁶ em relação à beleza negra, inclusive no aspecto do envelhecimento. Uma das únicas referências encontradas na revista foi a da edição de Maio de

¹⁶ “Pela sua sutileza, caráter difuso e capilaridade de intromissão nas relações sociais, a eficácia e a ubiqüidade do preconceito são máximas, tanto em relação às práticas de controle, como às de dominação e subordinação em todas as categorias sociais. Manifestam-se como produtor e reproduzidor de situações de controle, menosprezo, humilhação, desqualificação, intimidação, discriminação, fracasso e exclusão nas relações entre os gêneros, na esfera do trabalho, nas posições de poder, nos espaços morais e éticos e nos lugares de enunciação da linguagem. E vêm, muitas vezes, minadas pela chantagem afetiva ou disfarçadas por aparências afetuosas que atingem, mais drasticamente, a autoestima e a condição sócio-moral daqueles(as) que são alvos do preconceito” (Bandeira & Batista, 2002, p.127).

2009, na reportagem de capa intitulada “*Beleza de mãe*”. Esta matéria apresenta quatro mulheres mães, com suas respectivas filhas, dentre elas uma negra e outra com traços orientais e os respectivos cuidados com a beleza que transmitem para as filhas. O relato da mãe negra menciona a preocupação quanto ao cabelo e ao preconceito.

Cachos poderosos- “tenho orgulho do meu cabelo afro e nunca alisei os fios”, conta Vandelis. Quando Yara era pequena, ela fazia trancinhas e enfeitava o cabelo da menina. Hoje, a filha se rendeu ao relaxamento para controlar o volume, mas não alisa com chapinha. Também confessa que os papéis se inverteram um pouco. “Ajudo minha mãe a escolher a roupa e sou eu que a maquio para ocasiões especiais” diz. Vandelis completa: “Minha maior luta foi garantir boa educação para ela. Como somos negras, precisamos nos manter imunes ao preconceito” Vandelis Souza, 49 anos, dona-de-casa, e a filha, Yara, recepcionista, 22 anos. (Revista Claudia, Maio 2009, p.59)



Figura 4 - Revista *Claudia* (Maio 2009, p.59)

A fala da entrevistada na matéria reflete, além da cor da pele, a importância da relação do negro com o seu cabelo que, segundo Gomes (2006) foi “construída nas relações raciais tensas e conflituosas desenvolvidas ao longo da História brasileira” (p.267), na qual o cabelo crespo foi preconizado como um problema a ser solucionado, através de prescrições cosméticas com finalidade de alisamento e, conseqüentemente, com a sua aproximação do cabelo liso dos brancos.

Após a escravidão e como o crescente processo de miscigenação, essa situação assume maior complexidade. Entre os demais sinais diacríticos escolhidos no campo da

cultura para classificar o negro dentro de um grupo racial ou de uma etnia, o cabelo e a cor da pele passam a ocupar lugar cada vez mais destacado.(...) Assim o cabelo e a cor da pele passam a ser usados para atestar a inferioridade racial do negro em relação ao branco, provar a existência do branqueamento, comprovar a miscigenação racial, falar sobre a ambigüidade do mestiço e destacar a presença do preconceito. (Gomes, 2006, p. 276-277)

A autora em comento alega, ainda, que os dois sinais, cor da pele e cabelo são, historicamente tomados como sinais utilizados para reforçar ideologias raciais, dividindo brancos e negros em categorias valorativas concernentes a certos adjetivos de inferioridade e superioridade e, no aspecto estético, à beleza e à feiúra. Desta forma pode-se aferir que, a ausência da “beleza negra”¹⁷ nas páginas da revista, reflete, ainda, os traços de uma “ideologia do branqueamento” (Gomes, 2006, p.374), preconizada pela superioridade estética do padrão nórdico de beleza, interpenetrando outras questões como a idade, o gênero e a condição social.

Nesse ínterim, faz-se necessário ressaltar que as matérias sobre cuidados com a pele independentemente da cor são, em grande parte, voltadas para a área específica do rosto. Em muitas delas há ênfase na necessidade de procedimentos, inclusive cirúrgicos, como parte dos cuidados. As imagens abaixo demonstram, a título de ilustração, como a revista, em muitos momentos, evidencia a importância do rosto, sugerindo procedimentos invasivos para a manutenção ou busca pela beleza.

¹⁷ Segundo a pesquisa de Nilma Lino Gomes realizada em salões étnicos, a terminologia “beleza negra” apresenta aspectos variados: semântico, político, cultural, racial e identitário, “um substantivo adjetivado, um estilo construído, um padrão estético entre os demais, que se realiza com base na experiência dos negros em nossa sociedade, no contraste, no confronto e no encontro com outros padrões, sobretudo o branco”.(Gomes, 318).



Figura 5 - Revista *Claudia* (Maio 2009, p. 207)



Figura 6 - Revista *Claudia* (Maio 2009, p. 221)



Figura 7 - Revista *Claudia* (Maio 2009, p. 80)



Figura 8 - Revista *Claudia* (Maio 2009, p. 92)

Uma das características destas matérias ao abordarem o envelhecimento é o de que a revista o faz de duas formas distintas: 1) Matérias com objetivo de orientar as leitoras a evitarem os sinais do envelhecimento:

Duplo escudo protetor

Quando o assunto é sol, proteção nunca é demais. Depois do sucesso das cápsulas de extrato de *Polypodium leucotomus*, planta da família das samambaias, chegou a vez do Sunrox, distribuído pela farmácia de manipulação Officilab.(...) “Estudos mostram que basta uma cápsula por dia para diminuir em 35% o inchaço cutâneo, prevenir manchas e o envelhecimento precoce”, diz Claudia Souza, farmacêutica carioca. Deve ser usado em conjunto com o creme tópico. (Coluna Fique mais BONITA-Revista Claudia , Março de 2009, p.82)

2) Matérias que orientam as leitoras que já apresentam sinais de envelhecimento a combatê-los:

Recheio de creme

Com ingredientes similares aos usados nos preenchedores injetáveis, os cremes de ação localizada prometem diminuir rugas e sulcos-sem picadas e sem dor. Graças à nanotecnologia, os cremes preenchedores são hoje grandes aliados no combate às rugas (...) “O ácido hialurônico é ultrareduzido e consegue chegar à camada mais profunda da pele, preenchendo instantaneamente as rugas” explica o farmacêutico Maurício Pupo (...). São indicados para mulheres acima de 35 anos. (Coluna Beleza ESSENCIAL - Revista *Claudia*, Março , 2009, p.80)

Nos dois contextos a revista sugere o consumo de produtos e serviços especializados em estética como soluções, ainda que temporárias, adotando um estilo pedagógico perante a leitora. Sendo assim, a revista posiciona-se como uma espécie de ‘consultora de beleza’, respondendo às dúvidas das leitoras e, mais do que isso, definindo um padrão específico de beleza. Este posicionamento da revista pode ser exemplificado através da matéria “63 respostas de beleza para suas dúvidas”, publicada na revista em Maio de 2009, na qual há a apresentação de um protocolo de perguntas e respostas sobre “problemas” e “soluções” para a beleza, porém com todas as soluções vinculadas ou a produtos cosméticos ou a intervenções estéticas e ou cirúrgicas.

Nos exemplares pesquisados observamos três matérias da seção *Reportagens de capa* que tratam da periodização da vida, em etapas definidas pela idade cronológica, por decênios, na qual cada uma delas apresenta características peculiares descritas pela revista. Em duas delas a periodização vai somente dos 20 aos 50 anos, ou seja, a revista exclui as leitoras com mais de 60 anos.

20 anos. Seu problema não é falta de ânimo, e sim o excesso - 24 horas nunca são suficientes para extravasar a energia . O segredo é não perder o foco: assim você não desperdiça seu pique à toa.

30 anos. Nesta fase, a mulher assume vários papéis: mãe dedicada, esposa amorosa, profissional de sucesso, filha atenciosa e por aí vai. Tudo isso requer muita vitalidade. Renove seu estoque de energia e combata o stress de todas as formas.

40 anos. O sobe-e-desce hormonal pode alterar a disposição e o humor. Para não ser pega de surpresa, antecipe-se aos sintomas, adquirindo bons hábitos: dê mais atenção ao corpo e à saúde e explore experiências novas e revigorantes.

50 anos. Aproveite cada minuto do dia para cultivar a energia de viver e fazer coisas que dão prazer. Com sabedoria, vai perceber que bastam pequenos ajustes na rotina para melhorar a qualidade de vida e dobrar a disposição. (Revista *Claudia*, Agosto, 2008, p. 182-197)

A idéia transmitida pela revista é a de que a vitalidade, definida como força física com componentes psíquicos, vai declinando com o passar dos anos e propõe formas compensatórias para a leitora, numa tentativa de minimização dos problemas que possam advir. Interessante mencionar que, mesmo neste tipo de matéria, dentre as dicas sugeridas pela revista há sempre um componente associado à beleza, um exemplo disto ocorre na sugestão da revista para a faixa dos 40 anos, na qual é indicado o uso da acupuntura para a melhora da vitalidade, mas também para o combate às rugas: *“Tente a acupuntura (...) Aproveite a sessão para amenizar as rugas. As agulhas aceleram a produção de colágeno e elastina”* (Revista *Claudia*, Agosto, 2008, p.193).

Identificamos uma matéria sobre nutrição, igualmente separada por faixas etárias, todavia com dicas para a leitora com idade acima dos 50 anos *“Guia de nutrição para os 20, 30, 40, 50+ - os alimentos e a dieta ideal para ficar mais bonita e saudável em todas as fases da vida”* (Revista *Claudia*, Março de 2009) na qual a revista não evidencia, porém sugere o decênio 60, através do sinal+. O conteúdo desta matéria, especificamente, ressalta que o aumento da idade acarreta a perda de atributos de beleza e o aumento da probabilidade da incidência de doenças.

Alimentos funcionais aos 40 (...) Pesquisadores da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, recomendam às mulheres consumir dez porções por dia de hortaliças, frutas e legumes. Eles possuem fitoquímicos, que reduzem o risco de câncer de mama (...). Aposte suas fichas em ingredientes que, comprovadamente, retardam o envelhecimento, aceleram o metabolismo e amenizam os efeitos das mudanças hormonais que estão para se instalar (...). *“Se as aulas de musculação já não estão dando muito resultado contra a flacidez provocada pela diminuição da massa magra e aumento da gorda, é interessante recheiar o cardápio diário com proteínas magras, como peito de peru e de frango, cheddar, peixe e iogurte desnatado”*, aconselha a nutricionista Cynthia Antonaccio. (Revista *Claudia*, Março 2009, p147-148)

Ingredientes fitoterápicos aos 50 - nesta fase da vida, seja criteriosa com o tamanho das porções e com o que coloca no prato. Abuse de ervas, chás e alimentos que promovam saúde. Assim, você emagrece, ganha mais disposição e longevidade- Dá-lhe espinafre. A hortaliça contém luteína, pigmento que previne uma doença bastante comum na maturidade, a degeneração macular relacionada com a idade (DMRI), que prejudica a visão. (Revista *Claudia*, Março 2009, p.150-151)

Todavia, para que possamos dar continuidade à análise da beleza em relação ao envelhecimento, na revista *Claudia*, faz-se necessário uma reflexão mais ampla sobre o termo beleza, bem como sobre sua contextualização.

Embora nos dias atuais a beleza esteja sendo veiculada aos aspectos físicos e estéticos e seja mais associada às mulheres, cabe destacar que o interesse em explorar o tema aparece nas mais diversas áreas e tem sofrido diversas mudanças ao longo do tempo. Nesse sentido, cada época questionou o conceito de belo ao seu modo e a definição de beleza passou por várias transformações através dos séculos. Filósofos, poetas, pintores e pensadores de todos os tempos tentaram traduzir a beleza em consonância com os contextos particulares da época em que viveram, assim sendo, poder-se-ia inferir que mais do que um conceito, o interesse pela beleza reflete um processo de formação cultural, fundamentando-se em padrões criados e recriados pela dimensão cultural, por determinados contextos sociais, geográficos e históricos.

Esta reflexão leva-nos a problematizar que a beleza é essencialmente uma condição e, como tal, passível de mudanças e reformulações. Segundo Eco (2004), o conceito de beleza extensivo não somente à beleza física do homem, da mulher e da própria natureza, como também referente ao campo das idéias e da arte em geral, apresentou diversas expressões ao longo dos períodos históricos. A grande questão que se coloca é saber o que faz com que determinado objeto seja considerado belo, porém mais do que dispor de uma base conceitual que permita definir beleza e estética, o que pretendemos é localizar tais conceitos à luz de alguns pensadores, bem como diferentes entendimentos sobre a beleza.

A priori, os contratos de beleza encerram, estruturalmente, discussões calorosas, onde visões rivais de beleza, cada qual alicerçada em definições normativas de qualidade, pleiteiam o almejado lugar do belo. Na Antiguidade clássica, segundo Eco (2004), características como proporção e harmonia eram importantes para o conceito de beleza. A partir de uma visão na qual as representações numéricas, bem como as linhas, os pontos, as medidas eram essenciais para a compreensão do universo e do corpo humano, os gregos transformaram a simetria em um elemento determinante na aceção da beleza contemplada, determinada pelo princípio do

equilíbrio entre realidades opostas. De acordo com esse princípio, segundo o autor, a harmonia surge de um estado tensional entre realidades díspares que, ao se contraporem, acabam por se harmonizar, “a harmonia não é ausência, mas equilíbrio de contrastes” (Eco, 2004, p.72), originando a simetria. Sendo assim, na Grécia antiga, o artista ao criar uma imagem primava pelo cuidado em distribuir, igualmente, todas as partes do corpo, regulando-o, inclusive em conformidade com as leis matemáticas que regem o universo.

Já no campo da Filosofia, para Platão (428-348 a.C.), o conceito estava dimensionado metafisicamente, residindo na ordem das idéias, num mundo supra-sensível, indizível:

“O belo é, pois, independente em princípio da aparência do belo: é uma idéia análoga, às idéias de ser, de verdade e de bondade. Ao dizer “análoga” quer se destacar que não pode simplesmente confundir-se a verdade com a beleza. (Mora, 1977, p.47)

O pensamento estético na obra platônica, descrito no livro “*O Banquete*”, narra a conversa entre dois personagens Sócrates e Diotima. O belo poderia ser definido em Si mesmo no sentido de Belo enquanto Ser, ou seja, Idéia. O que Platão sustentava, através desta personagem, é que o Amor (Eros) é uma força inspiradora e que só pode ter como objeto as coisas belas. Nesta obra, Platão argumentava que, através do amor, há a possibilidade da ascense em direção à Idéia central do Bem que, para o autor, é indissociável do conceito de belo (Tatarkiewicz, 1970). O belo, enquanto Idéia eterna da qual todas as coisas belas participam gradativamente, é alcançado pela “célebre escada da beleza” (Mora, 1977, p.48), por degraus:

(...) passando, como de degrau em degrau, de um corpo belo a dois, de dois a todos, depois dos belos corpos às belas ações, depois das belas ações às belas ciências, para finalmente ir das ciências à Ciência, que não é outra coisa senão a ciência da beleza absoluta, e para conhecer, enfim, o Belo tal e qual é em si. (Platão, p.211)

Ao abordar as tendências do pensamento estético, Magalhães-Vilhena (1974) argumenta a presença de duas vertentes ao longo da história: uma fundada em Platão e outra fundada em Kant. Na primeira delas, o belo só é apreendido em si mesmo, visto como perfeição. Assim temos em Platão, uma concepção de belo afastada da intervenção e da participação do juízo humano, não estando, desta forma, sob a responsabilidade humana o julgamento daquilo considerado como belo ou não.

Já no pensamento kantiano há uma reflexão sobre juízos estéticos, ou seja, para este filósofo a apreensão da beleza apresentaria dois aspectos: o sensitivo e o intelectual. A experiência de beleza ocorreria através das hipóteses de conjugação das faculdades da imaginação e do entendimento, no equilíbrio flexível e dinâmico destes dois aspectos. O autor Duarte Júnior (1988), a partir das referências filosóficas, aborda a temática da beleza sob a perspectiva da relação. Segundo ele a beleza não está nos objetos em si, nem tampouco na consciência dos sujeitos mas no ‘encontro dos dois’, na relação entre o homem e o mundo, entre a consciência e o objeto (estético).

No entanto, ao tentarmos entender os padrões atuais que definem os ideais de beleza, nos repertórios midiáticos, propagados pelas revistas, ao mesmo tempo em que distanciamos-nos das reflexões filosóficas alusivas ao tema, caracterizados pela ontologia do belo e por sua associação às virtudes humanas, como sendo qualidades da alma e do caráter (Eco, 2004), familiarizamos-nos com alguns dos seus conceitos, numa perspectiva de atualização histórica dos processos.

Uma das distinções do paradigma atual de ideal de beleza pode ser entendido a partir da centralidade ocupada pela chamada beleza física e sua inscrição na força das imagens, dos discursos midiáticos e dos valores de consumo. Para Castro (2004), muitos autores que discutem as sociedades contemporâneas são unânimes em afirmar que a dimensão da esfera do consumo vem se sobrepondo à esfera da produção. Logo, para que possamos entender os sentidos conferidos à vida e aos ideais de beleza na atualidade, devemos atentar para o modo como as mercadorias são consumidas e como estes sentidos são construídos através do consumo de produtos.

No que tange ao presente objeto de estudo pode-se dizer que, nas páginas de *Claudia*, o tema beleza, “inescapável para a grande maioria das publicações dirigidas à mulher”, aparece continuamente atrelado a um modelo ideal associado aos determinismos comerciais contemporâneos, concernentes aos interesses de uma sociedade de consumo (Buitoni, 2009, p.139). Segundo Eco (2004), no século XX, o ideal de beleza física e estética encerra uma contradição fundamental entre a “Beleza da Provocação” (p.414) e a “Beleza de Consumo” (p. 414). Para o autor a primeira delas estaria associada aos movimentos de vanguarda e experimentalismo contrários à proposição de um ideal estético, já o segundo definiria os ideais de beleza calcados no interesse econômico.

Nesse sentido nos parece importante considerar que beleza não é uma característica ou uma qualidade considerada socialmente como ‘intrínseca’ ao sujeito e atrelada a qualquer fase da vida, podendo ser obtida ou conservada naturalmente. Em nossas análises observamos que beleza e juventude formam um amálgama no qual seus sentidos se sobrepõem, chegando a serem usados ou percebidos como sinônimos. E se assim o é, o processo de envelhecimento abarca a perda gradual dos sinais estéticos da juventude, logo da beleza, gerando a necessária busca pela sua preservação ou mesmo aquisição. Cabe destacar que tais referências estão apoiadas, e só podem ser validadas, em características sociais que as valorizam e produzem, como parece ser o caso da sociedade contemporânea. E conforme apontou Castro (2004), a esfera do consumo atua nessa dimensão.

Sendo assim, as revistas femininas podem se tornar depositárias dessas visões e propagarem, ou até mesmo fomentarem, as relações entre esses elementos. Logo, envelhecimento e consumo se complementam, nas páginas da revista, em torno da díade juventude-beleza.

4.2.1.3 Juventude-Beleza: O envelhecimento e a lógica de consumo

A busca contínua pela beleza, personificada na Revista *Claudia* em reportagens especiais, seções fixas ou esporádicas são concernentes à lógica do consumo e o envelhecimento uma referência quase obrigatória de um mal que deve ser evitado por meio do consumo de muitos produtos. A linguagem discursiva da revista apresenta inúmeras alusões à juventude que coincidem com o conceito abordado por Vianna (1992), valorada positivamente como algo que deva ser cultivado, um estado constantemente almejado, uma categoria transtérrica:

Na cultura de massa das sociedades integradas à modernidade capitalista, juventude é uma categoria privilegiada e aparece como mais que uma designação para uma categoria de idade. É também uma palavra "mágica", que evoca um estado de espírito e físico ideal, perseguido por uma massa de indivíduos de várias idades. Trata-se de uma identidade social comunicada e reconhecida na medida em que os indivíduos consomem os signos-produtos da indústria da juventude. (Vianna, 1992, p.02)

A juventude, neste sentido, aparece na revista como estilo de vida e padrão de normatividade, “deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado” (Debert, 2004a, p.21). A promessa da “eterna juventude” (Vianna, 1992, p.16)

funciona, desta forma, como uma construção essencial de constituição de mercados de consumo no qual o envelhecimento está inserido.

Temos então que, através da supervalorização da juventude enquanto categoria transtetária, a cultura de massa veicula uma ideologia da "eterna juventude". Nela o valor atribuído ao conceito (imagem) da velhice é negativo - algo que deve ser evitado - em relação à ideologia alienante e utópica, pois desvaloriza, nega, uma afirmação da "natureza" em função de algo que sabemos ser falso - temos plena consciência de que não seremos sempre jovens, apesar da juventude Eterna ser apresentada como possível e real. (Vianna, 1992, p.16)

Sendo assim, as alterações corporais decorrentes da passagem do tempo, destoantes do imperativo dos formatos atuais no qual a juventude e a magreza são características necessárias (Novaes, 2008; Lopes e Casotti, 2008), passam a ser combatidas como expressões de um processo antinatural, como podemos exemplificar com as chamadas de capa da revista *Claudia* de junho de 2009: “Esvazie os pneus! Todos os truques para conquistar a cinturinha dos sonhos” e “Missão anti-idade: a redação atesta os últimos lançamentos e analisa textura, aroma, absorção e efeito. O que a ciência prevê para retardar o envelhecimento. Viciadas em cremes revelam quais os seus produtos preferidos”.



Figura 09 - Revista *Claudia* (Junho, 2009)

Esta subversão demonstra a força ideológica presente nos discursos midiáticos, na qual a juventude passou a ser imanente ao ser, uma característica perene e natural que deve ser evidenciada através de uma aparência jovem e, na contrapartida, o envelhecimento instaura-se como um perigo.

As colunas *Fique mais bonita*, *Beleza essencial* e *Balcão de beleza* exemplificam bem o pensamento ideológico da sociedade de consumo no qual, através da compra e o uso de mercadorias, o indivíduo pode aproximar-se de uma identidade jovem através do ‘apagamento’ dos sinais da idade. Estas colunas funcionam como uma espécie de “vitrine” com produtos e técnicas. Contudo, no material pesquisado, registramos mais de 30 referências contrárias aos sinais de envelhecimento, como mostram alguns dos títulos apresentados pela revista para divulgar os mais novos produtos no combate ao tempo: “Reforço contra a flacidez” (Revista Claudia, julho, 2008), “Sinta firmeza” (Revista Claudia, julho, 2008), “Cápsulas antiyacidez” (Revista Claudia, Setembro de 2008), “Seios nas alturas (Revista Claudia, Março de 2009, p.82)”, “bye-bye, rugas” (Revista Claudia, Setembro de 2008), “Prevenção já” (Revista Claudia, Outubro de 2008), “Contra as rugas” (Revista Claudia, Outubro de 2008), “Rugas jamais” (Revista Claudia, Novembro de 2008 p.96), “Adeus, rugas” (Revista Claudia, Novembro de 2008 p.96), “Rosto aveludado”(Revista Claudia, janeiro de 2009), “Disfarce perfeito” (Revista Claudia, Fevereiro de 2009), “Preenchedor suave” (Revista Claudia, Julho de 2009). Esses produtos também denominados “antiidade” são chamados de cosmeceuticos ou dermocosméticos, espécie de combinação de cosmético¹⁸ com medicamento; produtos de venda livre com vários princípios ativos como vitaminas e proteínas e com preços variados, segundo a revista, compatíveis com qualquer condição financeira, entre R\$ 49,90 e R\$ 149, 90, por exemplo ¹⁹. Além da divulgação deste tipo de mercadoria, nas colunas citadas, a revista também apresenta reportagens especiais para tratar dos últimos lançamentos da indústria “antienvhecimento”. A edição do Mês de Junho de 2009 dedicou 10 páginas inteiras para a chamada “*Missão anti-idade*”, uma espécie de levantamento de procedimentos e produtos abarcando matérias denominadas: 1) “*Tempo de*

¹⁸Produtos de efeito embelezador temporário como maquiagem em geral: batom, sombras, blush e esmaltes. Palácios, A. M. *As múltiplas idades e os múltiplos usos: cultura, consumo e segmentação de público observados em anúncios publicitários impressos de cosméticos femininos*. Livro de Atas – 4º Sopcom.

¹⁹Valores indicados em Reais na edição CLAUDIA, Junho de 2009, p. 164-165.

rejuvenescer- os tratamentos contra o envelhecimento evoluíram e, para nossa sorte, estão cada vez menos invasivos e mais eficientes. O futuro promete: resultados naturais e duradouros vêm aí”(p.158).; 2)*Viciadas em creme- Para elas, quanto mais opções melhor. Quatro consumidoras vorazes contam o que as faz comprar e experimentar de tudo. (p. 161); e 3) A redação testou e aprovou- Escolhemos alguns dos melhores cremes anti-idade para uso diurno (a maioria com FPS) e, durante um mês, avaliamos a textura, o aroma, a absorção e o efeito de cada um deles. Assim fica fácil você escolher o seu. (p. 164).* A primeira delas apresenta um histórico dos métodos passados, presentes e “promessas” para um futuro próximo no combate aos quatro principais sinais de envelhecimento: rugas; manchas; flacidez e ressecamento (p. 158- 160). Já a segunda matéria apresenta depoimento de quatro leitoras, com idade variando entre 27 e 50 anos, que se consideram “(...) fãs inveteradas de potes mágicos” (p. 163) enfatizando seus hábitos de consumo e experiências no uso de “cosméticos aliados a nossa beleza” (p. 162). E a última das matérias pode ser descrita como uma espécie de experimentação de produtos cosméticos, considerados os “melhores cremes antiidade” (p.164) realizada pelas mulheres que trabalham na redação da revista:

Missão anti-idade - Claudia encarou uma tarefa deliciosa para mostrar o que há de melhor e mais eficaz na batalha contra o tempo. Entramos em modernos laboratórios para desvendar o passado, o presente e o futuro da ciência contra o envelhecimento, investigamos mulheres que não vivem sem um verdadeiro arsenal para tratar a pele e ainda testamos os melhores cremes rejuvenescedores. **Tudo isso para você se manter sempre jovem, naturalmente.** (grifo nosso) (Claudia, Junho 2009, p.156)



Figura 10- Revista Claudia (Junho 2009, p.156-157)



Figura 11 - Revista Claudia (Junho 2009, p.158)



Figura 12 - Revista Claudia, Junho de 2009, p.161

Outra matéria da coluna *Fique mais bonita*, denominada “*Três passos para a juventude*” (Revista *Claudia*, Maio de 2009, p.94), ilustra bem a maneira com a revista desqualifica os sinais do envelhecimento, chamando-os até mesmo de “sintomas”, termo historicamente usado para designar traços patológicos²⁰:

²⁰ Dicionário Houaiss: “1 Rubrica: medicina. Diacronismo: antigo. Acidente produzido pela doença, do qual se tira algum presságio ou conseqüência sobre o seu curativo e esperanças dele. 2 Rubrica: medicina: fenômeno subjetivo (dor, mal-estar etc.) referido por um paciente acerca da sua doença, freq. us. para estabelecer o seu diagnóstico. 2.1 Rubrica: medicina: em sentido lato, manifestação de alteração orgânica ou funcional”. (<http://houaiss.uol.com.br/busca>).

Três passos para a juventude - Uma nova promessa de rejuvenescimento, não invasiva, chega aos consultórios: O Triniti, aparelho que usa ao mesmo tempo radiofrequência, luz pulsada e laser. Em uma única sessão, **ataca os principais “sintomas” do envelhecimento do rosto.** O Triniti tem três ponteiros. A primeira age nas manchas e nos vasinhos; a segunda combate a flacidez no pescoço e no contorno dos olhos; e a última atua nas linhas e nos sulcos profundos” diz a dermatologista Patrícia Rittes, de São Paulo. O procedimento dura uma hora e custa 1,8 mil reais. Para bons resultados, são necessárias três sessões. (Grifos nossos) (Revista Claudia, Dezembro 2008, p.94).

A desqualificação dos sinais de envelhecimento participa, ao que parece, de uma dimensão social mais abrangente, que toma o culto ao corpo (e neste culto estão todas as formas de mantê-lo em boa forma, “sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites manchas) e sem excessos (gordura, flacidez)”, como uma forma de consumo cultural e como uma dimensão dos estilos de vida, nas sociedades contemporâneas. Ou seja, para a obtenção da beleza são necessários o consumo de produtos e serviços, mediado, principalmente, pela mídia. (Goldenberg, 2008a, p.27).

4.2.1.4 Beleza natural X Beleza produzida:

Um aspecto seguramente observado é a presença do discurso “científico” nas matérias sobre beleza. Dentre os profissionais mais citados estão: médicos, farmacêuticos, nutricionistas. Os médicos mais solicitados são os dermatologistas, o que confirma a importância dada, pela revista, à pele.

A opinião médica é muito utilizada na explicação de algum procedimento (invasivo ou não) ou na confirmação ‘científica’ da eficácia de algum produto, geralmente aqueles com função “Anti-idade”. Na edição de Agosto de 2008, uma seção intitulada *Beleza Antiidade* apresentou uma matéria com a descrição dos efeitos de vários princípios ativos de diversos produtos antiidade, industrializados ou manipulados, inclusive com a nomenclatura técnica dos produtos, a partir da consultoria de 03 médicos dermatologistas, 04 farmacêuticos e a gerente técnica de uma empresa de dermocosméticos:

Sopa de letrinhas- De A a Z, deciframos os rótulos dos mais modernos produtos antiidade-industrializados ou manipulados- para você saber o que, afinal, está passando no rosto.

Dermonectin- auxilia na redução de rugas profundas porque contém oligopeptídeos. Eles aceleram a produção de fibronectina, proteína da pele que tem a função de manter as células bem aderidas.

Peptiline ultra- Segundo os especialistas, tem efeito 30% superior ao argeriline e é indicado para amenizar rugas profundas geradas por contração muscular, principalmente na região da testa e ao redor dos olhos. (...) Fontes: Adilson Costa, Luis Fernando Tovo e Doris Hexsel (Dermatologistas); Débora do Prado e Maryelle Gamboa (Farmacêuticas); Bianca Huber e Giovana Barbosa (Farmacêuticas bioquímicas da Galena); Luciana Marques (gerente técnica da Vital Especialidades). (Revista Claudia, Agosto 2008, p.119-120)



Figura 13 - Revista Claudia (Agosto 2008, p.118)

Outra matéria da edição de Julho de 2009, na seção *Fique mais bonita* ilustra a validação médica quanto ao uso de produto contra rugas, certificando a segurança bem como o seu resultado:

Preenchedor suave- Precisa sofrer para ficar bonita? Agora nem tanto! A Allergan lançou o Juvéderm Ultra Plus, preenchedor para rugas e lábios que une ácido hialurônico e 0,3% de lindocaína- anestésico local muito utilizado por dentistas. “a substância faz efeito em três segundos, e a paciente só sente o incômodo da picada. Assim fica mais seguro aplicar esse gel maleável e conseguir bons resultados” , diz a dermatologista Denise Steiner, de São Paulo. A durabilidade do preenchedor também é maior: 12 meses, em comparação aos seis das versões anteriores. O produto acaba de ser liberado pela ANVISA. (Revista Claudia, Julho 2009, p.74)

Segundo Poli (2006) vivemos atualmente uma “medicalização da beleza”²¹ ou da aparência física com o crescente interesse por parte dos médicos na especialização Medicina Estética, ramo disputado pelas especialidades médicas Dermatologia, Otorrinolaringologia, Oftalmologia e Cirurgia plástica. Apesar de existir desde o final do século XIX, somente a partir da década de 1950 a Cirurgia plástica deixou de ser uma especialidade desprezada pela classe médica, um “sinônimo de frivolidade” (p.16) para se transformar numa área disputada no campo da Medicina. A sua valorização coincide com o momento em que a beleza física passa a apresentar conotações sociais diferentes. No discurso médico-higienista do final do século XX e início do XXI, a beleza vai estar associada aos preceitos da moral católica como a limpeza e a pureza, época em que as modificações no corpo, a serviço da vaidade feminina, eram mal vistas pelos preceitos religiosos e sociais. A beleza estava associada aos dons divinos, naturais e não a uma conquista individual. Todavia, a partir deste período, os investimentos sobre o corpo foram multiplicados na esfera social manifestando-se na necessidade explícita de que o corpo seja esteticamente belo, dentro de padrões rígidos.

Diferentemente das ordenações sociais dos séculos anteriores, na contemporaneidade, vivenciamos uma “espetacularização”²² do corpo” e o surgimento, até então inédito, da ‘beleza fabricada’, ou seja, pela primeira vez a beleza surge como objeto único e central de uma área médica como é o caso da Medicina Estética. Todavia, segundo Poli (2006), torna-se importante avaliar de que maneira o “tema da beleza física vai se adaptar aos preceitos da doutrina médica e da biomedicina” (p.55). Para o autor, a assimilação do tema da aparência física pela racionalidade biomédica caracteriza-se por um conjunto de classificações e categorizações diagnósticas para aquilo que é tido como indesejável, além dos preceitos da nosologia que, definindo uma determinada variação, faz com que ela passe a existir como doença, num processo de patologização. Ao que parece, segundo o autor, a partir da normalização da beleza, a

²¹ “O conceito de medicalização é de autoria de Ivan Illich (1975), que o usou para descrever a invasão pela medicina de um número cada vez maior de áreas da vida individual: cada etapa da vida humana – desde os recém-nascidos, as crianças, as mulheres grávidas, até os que estão no climatério e os que chegaram à velhice – é hoje objeto de cuidados médicos específicos, independentemente de haver ou não sintomas mórbidos...” (Singer, Campos, & Oliveira, 1978, p. 62).

²²Guy Debord (1997) aborda a espetacularização das sociedades modernas aproximando o conceito de espetáculo ao de representação. A idéia de representação remete diretamente ao uso de imagens pela mídia que tornaram onipresentes e importantes os meios para a difusão de signos, símbolos, culturas e informações. Para o autor em comento “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (p.13)

racionalidade biomédica acaba se apropriando das modificações na aparência física, inclusive no que se refere às alterações decorrentes do envelhecimento, produzindo, conseqüentemente, discursos sobre o tema em termos de padrões de saúde e doença, normalidade e patologia.

A possibilidade de normalização da beleza cria, a priori, duas conseqüências: a da “patologização da beleza e a criação de normas de beleza” (Poli, 2006, p. 62). Sendo assim, a imagem do corpo recuperado, normalizado, corrigido ou tratado pela Medicina da Beleza ascende à condição de normal, enquanto as alterações decorrentes da passagem do tempo passam a ser tratadas como fora do padrão de normalidade. Ademais, o discurso abalizado pela Medicina da beleza é o de que os critérios responsáveis pelo estabelecimento destas normas e dos padrões de normalidade são tidos como naturais, biológicos, contribuindo para a legitimação de uma norma que é social:

A Medicina da Beleza ao tentar estabelecer normas biológicas ou naturais de beleza diminui ou nega a importância da cultura na formação de padrões estéticos, até porque a assunção de que o corpo ideal seja produto de uma norma social poderia implicar uma ação social e não uma cirurgia plástica. (Poli, 2006, p.54) (...) O enfoque no determinismo biológico possibilita à Medicina da beleza discursar sobre padrões de beleza sem confrontar a sua própria prática, como se fosse mais uma técnica de restauração do normal e não de criação de novas normas. (Poli, 2006, p.61).

Desta forma à medida que padrões sociais de beleza estética são atestados pelo conhecimento médico-científico, obscurecendo a influência das normatizações sociais, a prática médica legitima a melhoria da auto-estima a partir das intervenções estéticas. Ou seja, o processo ideológico de construção histórica da norma social que, por sua vez, determina certos padrões de beleza passa a ser internalizado como decorrente de um desejo individual e não como socialmente construído e, internalizados no âmbito individual, gera por vezes, um mal-estar psíquico advindo da comparação entre o ideal de beleza e a imagem do próprio corpo.

E nas páginas de *Claudia* observa-se, freqüentemente, a utilização do discurso médico com toda a sua autoridade científica, legitimando esta lógica; sendo assim, ao abordar temáticas referentes às rugas, por exemplo, o faz de modo a explicitar a sua etiologia (leia-se causas), bem como a indicação da melhor conduta terapêutica, numa dimensão próxima das explicações acerca de uma doença, redundando em maior poder de convencimento para a leitora da revista. Interessante mencionar que a estratégia de mercado utilizada para a persuasão da leitora é a de que, através da ciência, a mulher pode produzir a sua própria beleza, sempre em consonância com os padrões sociais vigentes, porém com resultados muito naturais. Nesse sentido, ainda que

controversa há uma representação de que a beleza é algo natural, e deve parecer sempre natural, ainda que fabricada.

Sabe da última? Prótese de seios recheada de ar, batata para emagrecer, aparelho que diminui a papada, descobrimos os mais modernos tratamentos, cirurgias, técnicas e ativos para deixá-la bonita e natural - além de algumas apostas para o futuro. Este ano promete! (grifo da autora) (Revista Claudia, Março 2009, p.92)

E ainda:

Bye-bye, rugas-A Allergan, que fabrica o Botox, entrou também no seguimento de preenchedores. A linha Surgiderm, á base de ácido hialurônico, possui cinco versões, cada uma indicada para um tipo específico de ruga (das finas e superficiais aos sulcos mais profundos). “Isso garante um rejuvenescimento bem natural, pois o médico pode escolher o produto que melhor combine com as necessidades da pessoa. (grifo da autora) (Revista Claudia, Setembro 2008, p.102)

Uma das reflexões para esta incongruência pode ser explicada historicamente, a partir dos preceitos da moral católica que, até meados do século XX, preconizavam que a beleza deveria ser um dom de Deus (Sant’Anna, 2004b), a expressão da obra do Criador, ou seja, natural, sem artificios. Todas as práticas de embelezamento eram mal vistas, uma espécie de desrespeito à natureza, todavia, a partir da década de 1980 os investimentos da tecnologia médica sobre o corpo se acentuaram e os investimentos sobre a ‘construção’ da beleza também. Entretanto, ao que tudo indica, permanece o ideal de uma beleza natural e não artificial como a que é construída pela ‘mão do homem’. O importante parece ser o ocultamento do trabalho para atingi-la, esconder o sacrifício e o esforço despendido na elaboração do resgate da beleza perdida com o passar dos anos, numa tentativa de reversibilidade dos processos de envelhecimento, buscando a aparência da juventude, amenizando, ou até mesmo, retirando os sinais sociais da velhice (Poltronieri, 1995; Novaes, 2008).

Ao que parece socialmente é valorizada a manutenção dos aspectos da beleza estética jovem e a mulher precisa responder a essa exigência social para que seja reconhecida como cumpridora de um dos papéis sociais que lhe é atribuído: se manter sexy, dentro dos padrões estabelecidos socialmente. Que grosso modo, abarcam o ser magra e jovem, para isso é necessário ser vaidosa, bonita, elegante. E conforme bem elucidada a pesquisa de Novaes (2008), os sinais caracterizados como de envelhecimento são qualificados como deselegantes e feios, devendo, desta forma, ser “removidos, extirpados, lipoaspirados” (p.153).

Concernente ao pensamento da autora, aparentemente para as mulheres a partir dos 30 anos até os 60 anos, o mérito pessoal não está em adquirir o aspecto jovem, mas não perdê-lo. Nesse sentido a mulher precisa evidenciar todos os sinais sociais de que ela cumpre as exigências por meio de suas ações de cuidado pessoal: fazer dieta, exercícios físicos, tratamentos estéticos e de beleza para pele, cabelo, corpo e principalmente o rosto. Ainda que todos esses cuidados exijam procedimentos dolorosos e invasivos, muitas vezes são representados como prazerosos e naturais. Como aponta Goldenberg (2002), a responsabilidade e a responsabilização social pela juventude, beleza e saúde, passam a ser pessoal, ou seja, “só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida” (p.9).

Sendo assim, a representação sobre a manutenção da beleza estética perdida com o envelhecimento parece estar, acima de tudo, ancorada em procedimentos invasivos que precisam ser ocultados já que visam retardar, ou mesmo evitar a instalação das rugas, a fim de que seja reconhecida a aparente capacidade natural de manutenção da juventude. Autores como Poltronieri (1995) demonstram, como no caso específico da Cirurgia plástica, que todo o ‘ritual’ de embelezamento requer sacrifícios antes e após a cirurgia, como bem relata uma das entrevistadas por Novaes (2008), após se submeter a uma cirurgia plástica estética:

É esquisito porque, teoricamente, você faz para ficar bem, mas acaba sentindo muita dor. Talvez com um mês ou dois já me olhasse no espelho; só sei que o resultado imediato é ruim, você fica toda inchada, não dá para ver como vai ficar e às vezes bate até um arrependimento, um desespero mesmo, porque você fica bastante tempo feia para depois ficar bonita. Portanto, acho que a gente tem mesmo é que se apegar à idéia de que vai ficar bom, porque no início é bem difícil conseguir abstrair aquela feiúra toda para visualizar futuramente alguma beleza. (Carla, 45, CP) (Novaes, 2008, p.159)

4.2.1.5 Rugas, assustadoras rugas

A análise das matérias de *Claudia* aponta para a perpetuação de um padrão de negação do envelhecimento, caracterizado pela tentativa de apagamento dos seus principais sinais corpóreos. Conforme já explicitado foram identificados quatro indicativos: as rugas, as manchas na pele, a

flacidez do rosto e do corpo e o ressecamento da pele. Dentre estes, indubitavelmente, as rugas foram as mais citadas. Nas seções da revista, cerca de 51,72% das matérias sobre envelhecimento da seção *Reportagens de capa*, 71,87% da seção *Beleza e Saúde* e 16,66% da seção *Atualidades e gente* tratam das rugas. Todavia o tratamento que lhes é concedido é o de considerá-las como a marca mais indesejável para a mulher. Em nenhuma das menções houve uma valoração positiva para designar este sinal corpóreo.

A pesquisa de Pires (1998) demonstra que, desde a década de 1980, as rugas, nas páginas de *Claudia*, denotavam uma espécie de ameaça à beleza feminina e o principal sinal de envelhecimento corpóreo. O combate às rugas era divulgado pela revista, tanto em matérias que abordavam a necessidade de prevenir o aparecimento das rugas, como para tratá-las, nos casos em que o seu surgimento já era uma realidade:

A idéia de autocontrole do corpo e das emoções, encontrada nas matérias de rugas, pressupõe a construção de um corpo que se faz tendo por base uma orientação futura. Para uma menina de vinte anos, um rosto cheio de rugas é a expressão concreta de um futuro que deve ser evitado e para isso é preciso reavaliar o comportamento presente, ou até mesmo passado. (Pires, 1998, p.93)

Segundo o autor há uma diferença nas matérias dos anos 80 e 90 quanto ao tratamento conferido aos sinais de envelhecimento; na primeira década o tratamento sugerido prometia retardar o envelhecimento, já na segunda a promessa era de rejuvenescimento, caracterizando a possibilidade de reversão do processo, através do avanço de ciência. Ademais outro aspecto destacado é o de que, nas matérias da década de 1980, as referências sobre as rugas eram circunscritas ao rosto, já na década de 1990 as mãos também passariam a fazer parte das preocupações estéticas.

Os fatores de predisposição ao aparecimento das rugas na década de 1980 estavam relacionados aos agentes externos como álcool, cigarros e trabalho, já nos anos 90 as emoções apareciam como agentes internos significativos.

Em primeiro lugar, a mulher aparece como a principal responsável pelo aparecimento (ou não) das marcas indesejáveis do tempo. As rugas passam a ser a *expressão visível de maus tratos com o corpo* e, portanto, reflete estilos de vida inadequados de quem as têm. (Pires, 1998, p.90)

A conclusão do autor é de que, nas páginas da revista *Claudia*, o envelhecimento corporal aparecia como decorrente de maus tratos com o corpo, uma espécie de responsabilização individual para a mulher.

Pode-se dizer que no cenário atual da revista alguns destes aspectos permanecem, o principal deles é a evidência de que este sinal continua representando um “perigo” à beleza da mulher. Os alimentos funcionais, os cuidados com o sol e principalmente o uso dos cosméticos antiidade aparecem como estratégias de prevenção, ‘armas’ contra o envelhecimento precoce. Assim como numa guerra, as páginas da revista explicitam uma declarada batalha contra o tempo e contra as rugas. A descrição da ação dos inúmeros produtos para este fim demonstram a divulgação, na revista, de uma indústria anti envelhecimento e, a mulher, sua maior consumidora. Outro aspecto observado é o de que cabe à mulher o zelo, o cuidado e a vigilância em relação ao envelhecimento, sempre às custas de muitos sacrifício, consumo de produtos e intervenções médicas.

Beleza no seu tempo. **Agenda apertada não é desculpa para esquecer da beleza e do bem estar**- tenha você cinco minutos ou uma hora para se cuidar. Em 1 hora você...recebe um lifting a jato.! O tratamento renovador da pele Akinésine Intense, da Anna Pegova, inclui esfoliação com uma ponteira de diamante, que remove as células mortas e clareia as manchas; drenagem linfática manual, que elimina toxinas e líquidos retidos, além de aumentar a microcirculação local e a oxigenação cutânea; aplicação de cremes que estimulam a formação de colágeno”, explica a esteticista Claude Hanna, diretora do Instituto Anna Pegova, em São Paulo. Cada sessão custa 385 reais. (grifos da autora) (Revista *Claudia*, Outubro 2008, p. 106)

Ao todo foram encontrados, nas matérias da revista, treze sinônimos para as rugas: 1) “*linhas finas*” (Revista *Claudia*, Julho 2008, p.98), 2) “*linhas de expressão*”(Revista *Claudia*, Agosto 2008,p.118), 3) “*marcas de expressão*”, 4) “*vincos*”(Revista *Claudia*, Janeiro 2009, p.64, 5) “*primeiros sinais do tempo*”(Revista *Claudia*, Outubro 2008, p.116), 6) “*código de barras*” (Revista *Claudia*, Julho 2008, p.98) 7) “*efeitos do tempo*”(Revista *Claudia*, Julho 2008, p.194) , 8) “*linhas profundas*”, 9) “*linhas superficiais*” 10) “*sulcos*”(Revista *Claudia*, Setembro 2008, p.100) , 11) “*pés de galinha*”(Revista *Claudia*, Agosto, 2008, p.118) , 12) “*bigode chinês*” (Revista *Claudia*, Junho 2009, p.164-165), 13) “*efeitos da idade*” (Revista *Claudia*, Janeiro 2009, p. 64).

Alguns critérios são utilizados pela revista no processo de caracterização das rugas, principalmente quanto à sua localização e intensidade. Os denominados “*código de barras*”

(Revista Claudia, Julho 2008, p.98) e “*bigode chinês*” (Revista Claudia, Junho 2009, p.164-165), por exemplo, relacionam-se à característica de localização, rugas que estão acima e em volta dos lábios, respectivamente. Já “linhas finas”, “primeiros sinais do tempo” e “linhas superficiais” referem-se aos sinais que aparecem por volta dos trinta anos, já “sulcos”, “pés de galinha” e “vincos” são terminologias utilizadas para designar o estágio mais avançado da ruga. O discurso utilizado pela revista no que concerne às rugas é um discurso ‘medicalizado’, quanto mais evidente a sua aparição maior o temor, semelhante ao temor provocado por um processo doentio, conseqüentemente mais incisivos e invasivos os tratamentos sugeridos.

Uma entrevista realizada com a cantora Elza Soares, em Julho de 2009, define bem a sua relação com as rugas em função da representação que elas adquirem quando relacionadas à alguns elementos que formam as representações da velhice no Brasil, partilhando concepções referentes a um período de declínio, de limitações físicas, de perda do status social e familiar (Costa & Campos, 2009), de perda da beleza e relações sociais e familiares (Velo, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999). Essas representações, sem dúvida, incorporam-se com o paradigma dominante em nossa cultura, que representa a velhice de forma negativa, sendo, em geral, alvo de preconceitos e discriminação (Araújo, Carvalho & Moreira, 2003):

A primeira plástica no rosto foi em 1963. “De lá para cá, a cantora colecionou outras.” Não suporto ver uma ruguinha. Bato o pé e digo: ‘Não quero!’ Vou ao cirurgião, ele pede para eu retornar dali a 20 anos para tirá-la” Nessa hora, Elza fica malcriada. “Então o senhor quer me ver de cabelo branco e bengala? Daqui a 20 anos estou curvada ao chão! Saio de lá e procuro outro” . E recomenda às mulheres: “Não me condenem pelas minhas plásticas, façam também. Dá um bem-estar danado. A velhice seria bonita se eu vivesse num país que respeita as rugas. O Brasil não tolera velhos.” (Claudia, Julho 2009, p.180)

As colocações acima corroboram com os dados e reflexões apontados por diversos trabalhos como Araújo, Coutinho e Carvalho (2005) e Costa e Campos (2009), no que se referem à representação social da velhice, apreendida entre idosos. Segundo os autores a velhice foi representada como marcada pela discriminação e pela busca da saúde, tendo em vista que o surgimento de patologias nessa faixa etária encontra-se mais presente do que em qualquer outra etapa da vida; a velhice também foi associada à morte.

Por outro lado, a morte também pode ser vista como um sentido de ‘morte social’, na medida em que o estigma social, construído em torno da velhice afasta as pessoas classificadas como velhas das condições sociais que são socialmente valorizadas: juventude, produtividade,

beleza, etc. Lins de Barros (2003) salienta que a velhice como estigma não está necessariamente associada à idade cronológica e sim a valores e conceitos considerados socialmente depreciativos como: solidão, feiúra, doença, inatividade, tristeza, dentre outros.

Sabe-se, ainda, que tais significados são resultantes da interação entre o senso comum e o conhecimento científico, significados estes que “circulam através dos meios de comunicação formais e informais, assimilados e reelaborados socialmente” e que os indivíduos utilizam como referência no enfrentamento à problemática do envelhecimento (Araújo; Coutinho e Carvalho, 2005, p.120). Nesse sentido, segundo Lins de Barros (2003), a auto-identificação com o não-estigma reporta a não apresentar, inclusive através da imagem, os sinais e as características da velhice, protegendo, desta forma, os indivíduos do próprio constrangimento social do estigma.

Para tanto, as rugas nas suas mais diversas formas e classificações, passam a ser um dos principais e primeiros sinais associados aos valores e conceitos que caracterizam o estigma da velhice, principalmente por não estar associado à idade cronológica da velhice, mas de certa forma evidenciando sua aproximação e, junto com ela, simbolicamente, todos os sentidos depreciativos. Desta forma, o problema, em tese, não está na ruga propriamente dita, mas na construção social da velhice e nas diversas formas de ações sociais que desenvolvemos e que podem corroborar com a manutenção do pensamento social vigente, vindo a se tornar veículos tanto para a propagação, quanto para o combate dos estigmas em relação aos sinais e processos de envelhecimento. Mas esse não parece ser, necessariamente, o ponto de reflexão presente nos veículos de comunicação, por exemplo, que versam sobre o processo de envelhecimento e os seus sinais.

Sendo assim, o nascimento e desenvolvimento das rugas é minuciosamente vigiado, antevisto, numa espécie de metodologia técnica. Nas matérias estudadas, independente da seção em que aparecem, são recomendados muitos produtos da indústria cosmética com promessas de rejuvenescimento, prevenção ou disfarce, no qual o avanço tecnológico aparece como o maior aliado da mulher, nesta batalha.

A aposta é a terapia celular, há um ano usada no Brasil. A técnica consiste em cultivar células formadoras do colágeno e da elastina em laboratório com milímetros de pele retirados da nuca. “em 35 dias, novos fibroblastos são produzidos e injetados na ruga para preenchê-la por dez anos”, explica a dermatologista Denise Barcelos do Rio de Janeiro. O método já existe, o desafio da ciência é torná-lo acessível- hoje o tratamento não sai por menos de 37 mil reais. (Revista Claudia, Junho 2009, p.158)

As divulgações das “novidades estéticas” prometem esconder, camuflar, mascarar, atenuar, suavizar, minimizar, evitar, reduzir, diminuir, combater, preencher, rechear as rugas. A edição de Março de 2009 apresentou, na capa da revista, em letras grandes e chamativas a seguinte frase:

Novidades em beleza! Prótese de ar, algas nas estrias, jaca que clareia manchas e outras surpresas. MAIS: os melhores cremes preenchedores de rugas.

(...) Descobrimos os mais modernos tratamentos, cirurgias, técnicas e ativos para deixá-la bonita e natural - além de algumas apostas para o futuro. Este ano promete! (Claudia, março 2009, p.92)

A reportagem inicia em tom de exaltação, comemorando as mais recentes descobertas no mercado da beleza. Todos os procedimentos bem como os produtos utilizados nos respectivos procedimentos são explicados por técnicos: farmacêutico, dermatologista, cirurgião plástico e cirurgião dermatológico. A matéria alude à festividade por descobertas de novas “armas” na defesa da beleza. Segundo Buitoni (2009) o “novo” é uma categoria sempre presente na imprensa feminina:

O novo da imprensa feminina trabalha num nível secundário, na aparência. Não é vanguarda, não inova; sua aspiração máxima é ser novidade que venda. É o novo que não pertence a arte; é o novo que serve ao consumo. Por isso, acentua –se mais e mais com a sociedade de consumo, a qual também ajuda acelerar. (...) A mulher é instada a renovar-se dia-a-dia, da cabeça aos pés. Da roupa, da maquiagem, dos cabelos, passa-se ao corpo: faça plástica, é preciso ser totalmente nova. (Buitoni, 2009, p. 195-196)

Desta forma pode-se dizer que, nas páginas de *Claudia*, assim como em outras publicações femininas a categoria “novo” reflete muito mais uma estratégia de consumo do que um novo revolucionário, conscientizador, emancipador, no qual o mito da juventude está inserido e é “ (...) explorado até a exaustão na imprensa feminina (...). O novo é a virtude máxima do objeto de consumo. A utilidade, a praticidade são virtudes secundárias. E o novo passa a ser exigido também da pessoa” (Buitoni, 2009, p.196).

Jovem da cabeça aos pés. Olhos boca, seios, pernas...Cada centímetro do seu corpo pode rejuvenescer com os cremes de última geração. (*Claudia*, Setembro 2008, p.114)

Para Buitoni (2009) o “novo”, presente nas revistas femininas, participa de um movimento de profundo conservadorismo inerente ao sistema político, servindo à manutenção de um estereótipo de mulher adaptado às normas sociais do sistema capitalista de consumo. Nesse

sentido, a imprensa feminina e a publicidade a ela associada lançam mão de qualquer recurso. Dessa forma, a conotação de valor deixa de ser situada no ser para se situar nas coisas, e o ser só volta a ganhar qualidade, movimento, personalidade e dinamismo quando mediado pelo objeto (Matterlart, 1977 citado por Buitoni, 2009). A mulher deixa então de ser bela, sensível, alegre, elegante, jovem e dinâmica por si só. Todas as qualidades e condições femininas só poderão ser obtidas por meio dos objetos e como objetos consideramos, também, os procedimentos que devem estar a eles associados.

“Para *ser* ela precisa *ter*. Esse deslocamento acaba por anular a possibilidade de crescimento pessoal. Até para se autoconhecer, a pessoa (principalmente a mulher, alvo preferido dessa inversão ideológica) precisa da mediação do objeto. Objeto que é, às vezes, a própria revista feminina: a mulher não vai se conhecer numa relação com o outro- a mulher só se conhece se ler os artigos psicológicos que lhe dizem como é o seu eu, como vencer conflitos internos, como libertar-se sexualmente. (Buitoni, 2009, p.196)

A partir da análise das matérias sobre beleza, cuidados e rugas pode-se concluir que a revista trata do *ser* e do *ter* relacionados a alguns aspectos do envelhecimento: ao mesmo tempo em que a revista recomenda uma verdadeira “batalha” contra o envelhecimento, através de uma gama enorme de procedimentos, inclusive invasivos, atrelados a mudanças de hábitos, e até estilo de vida, que associa alimentação adequada e exercícios específicos na tentativa de conter o avanço dos sinais da idade, ela sugere que tudo isso faz parte de uma missão deliciosa, agradável, um deleite em nome da beleza que pode proporcionar resultados bem naturais:

Missão anti-idade-Claudia encarou uma tarefa deliciosa para mostrar o que há de melhor e mais eficaz na batalha contra o tempo. Entramos em modernos laboratórios para desvendar o passado, o presente e o futuro da ciência contra o envelhecimento, investigamos mulheres que não vivem sem um verdadeiro arsenal para tratar a pele e ainda testamos os melhores cremes rejuvenescedores. Tudo isso para você se manter sempre jovem, naturalmente. (grifo da autora) (Claudia, Junho 2009, p.156)

Propagando a naturalização de que um rosto com rugas é um rosto feio; a ele estão associadas perdas de poder, de prestígio e sociabilização. Deslocando, assim, a percepção da mulher sobre o processo de envelhecimento não como algo presente na sua condição de desenvolvimento humano, mas como algo que necessite de uma série de prescrições: como ela deve se posicionar e se reconhecer frente a esse processo, criando uma atmosfera de

enfrentamento positivo e bem estar social, emocional e físico, somente caso a mulher consiga conjugar todas as prescrições com o desempenho de seus papéis sociais de boa esposa, boa mãe, profissional competente e mulher sexy.

O que podemos apreender é que as representações sociais da velhice têm implicações na vida cotidiana à medida que os comportamentos adotados por um indivíduo ou grupo de indivíduos estão relacionados com o modo como eles representam socialmente e com o significado pessoal que esta representação adquire em suas vidas (Araújo; Coutinho & Carvalho, 2005).

Neri (1993), por sua vez, ressalta que o desconhecimento do que significa ser velho induz a práticas com foco ideológico que contribuem para a manutenção e a propagação acerca da velhice e seus estereótipos negativos, mitos e preconceitos. Provavelmente as atitudes preconceituosas e a auto-imagem negativa da velhice, verificada entre os idosos, em diversos trabalhos (Araújo; Coutinho & Carvalho, 2005; Pereira, 2006; Costa & Campos, 2009; Motta, 1997) são devidas aos construtos psicossociais e ideológicos que permeiam as relações interpessoais e afetivas presentes na atualidade.

4.2.2 Envelhecimento e produtividade

O segundo sentido relacionado ao envelhecimento da mulher está, de forma indireta, associada ao mundo do trabalho. Apesar da revista não abordar, diretamente, o tema envelhecimento e produtividade, pudemos identificar matérias cuja pauta estava centralizada nesta relação, ou seja, a atividade profissional de mulheres com idade próxima ou acima de 60 anos (apesar de não haver a explicitação da idade em todas as matérias).

A análise quantitativa da ocorrência de matérias na Revista *Claudia*, com conteúdo relacionado a este sentido, mostra-se consideravelmente inferior à de matérias concernentes ao sentido beleza, conforme descrito anteriormente. Do total de matérias analisadas que tratam do envelhecimento há um predomínio de 66,66% de matérias com enfoque na temática *beleza, saúde e consumo de produtos* contra 8,64% concernentes à *Produtividade*.

Todavia, os conteúdos veiculados pela revista referentes a esta última categoria oferecem um rico material para apreciação analítica.

Muitas matérias referem-se ao chamado “Prêmio CLAUDIA” que foi criado em 1996 com o objetivo de homenagear mulheres de todo o Brasil que desenvolvem atividades profissionais com relevante impacto social, nas categorias ciências, cultura, negócios, trabalhos sociais e políticas públicas. A indicação de aproximadamente 200 nomes de mulheres é feita através de uma comissão composta por cientistas, acadêmicos, empreendedores sociais, empresários, políticos, jornalistas, escritores, cineastas (*Claudia*, Agosto, 1998, p.43). A revista divulga as quinze finalistas escolhidas (três em cada uma das áreas) com as suas respectivas histórias profissionais. Posteriormente são apresentadas as vencedoras de cada uma das categorias, com a entrega dos prêmios realizada numa grande festa promovida pela revista.



Figura 14 - Revista CLAUDIA, nº9, Ano47, p.42-43

Observamos que, dentre as quinze finalistas do Prêmio Claudia 2008, todas tem curso superior completo, denotando a relação entre reconhecimento profissional e alto nível de escolaridade. A idade das indicadas varia entre 38 e 72 anos, distribuídas da seguinte forma: quatro delas tem idade entre 60 e 72 anos (o que corresponde a 26,66%); seis com idade entre 52 e 58 anos, (40% do total) e cinco com idade entre 38 e 42 anos (aproximadamente 33,33%).

Sendo assim, a análise das matérias sobre o referido prêmio evidencia o intento da revista em legitimar a relevância da inserção feminina no mercado de trabalho em diversos estratos

etários. Ademais o alto percentual de finalistas, com idade entre 52 e 58 anos demonstra o auge do amadurecimento e capacidade produtiva profissional numa faixa etária muito próxima aos 60 anos. Outro aspecto relevante refere-se à visibilidade dada pela revista para a continuidade do envolvimento profissional das mulheres com idade igual ou superior aos 60 anos, distanciando, outrossim, a crença da necessidade da aposentadoria compulsória relacionada à idade.

A botânica pernambucana Iva Carneiro Leão de Barros, 60 anos, já foi atacada por enxame de abelha africana e teve de desviar de cascavel. Nada diminui o entusiasmo dessa apaixonada pesquisadora quando está percorrendo trilhas na Mata Atlântica com seus alunos. Seus gritos de alegria ao encontrar uma nova espécie de pteridófitas - grupo de plantas que inclui samambaias e avencas - são famosos entre os colegas da Universidade Federal de Pernambuco, onde leciona há 38 anos. (Revista *Claudia*, Agosto 2008, p.45)

Este aspecto aparece na revista em vários momentos. Na seção *Conexão CLAUDIA*, por exemplo, identificamos uma pequena matéria denominada “*Cheia de gás*” na qual a jornalista menciona a diretora Suzana Amaral e o seu novo filme *HOTEL ATLÂNTICO*. O aspecto relevante desta matéria é o de que se refere a uma diretora de cinema atuante com idade acima de 70 anos,

Cheia de gás-a diretora Suzana Amaral está excitada com seu novo filme, *HOTEL ATLÂNTICO*. Embora não conte a idade (declara ter “mais ou menos 76 anos”), estudou cinema em 1966, já divorciada e mãe de nove filhos. Seu fôlego pode ser medido pelo neto, Tomás Rezende, 29 anos, seu assistente de direção, “Era parte do meu trabalho desacelerar o ritmo da Suzana, mas até as minhas folgas ela cortou” diz. O *road movie*, com Mariana Ximenes e Julio Andrade, mostra um ator em busca de respostas para a vida. Nas filmagens em seis cidades, a cineasta chegava primeiro e saía por último, tinha controle absoluto de tudo. (Revista *Claudia*, Fevereiro, 2009, p. 30)

A matéria enaltece, a começar pelo título, a disposição da diretora, através de expressões que nos levam a fazer a relação com a idade na qual não se espera produtividade e disposição, citando o seu ânimo durante as gravações, enfatizando a capacidade produtiva da diretora nesta fase da vida. Todavia uma análise mais detalhada sugere que a disposição da diretora de cinema aparece, igualmente, em outra fase da sua vida, quando em 1966, “*divorciada e mãe de nove filhos*”, resolve estudar cinema. Outra matéria com a mesma conotação presente na coluna *Atualidades e gente* é denominada “O Chamado das árvores” na qual é abordado o trabalho ecológico desenvolvido por uma escritora canadense. Segundo a revista, a escritora realiza este trabalho, desde a década de 1960 e atualmente “*mesmo com idade avançada -88 anos-, faz em*

média dez viagens por ano alertando grandes platéias da Europa, Ásia, América Latina e dos Estados Unidos para o fato de que as árvores são a pele do planeta” (Revista Claudia, Outubro de 2008, p. 188).

Outra seção na qual são enfatizados os enfoques profissionais da vida de mulheres é denominada *Mulheres que fazem a diferença*. Uma das mulheres apresentadas é a regente Muriel Waldman de 62 anos, que atualmente realiza um antigo sonho à frente de um projeto social junto a escolas públicas da periferia da cidade de São Paulo, através da música clássica. A matéria relata alguns aspectos da infância da regente que trabalhava como professora de Física até os 41 anos e sublinha a importância da concretização de seu atual trabalho para a sua realização pessoal.

Além de divulgar notícias sobre brasileiras, a revista também entrevista personalidades internacionais, apresentando mulheres com história de sucesso no âmbito profissional. Diferentemente das matérias sobre beleza, nas quais há a utilização constante do termo “envelhecimento”, nos artigos de cunho profissional em nenhum momento é mencionada qualquer referência ao envelhecimento, bem como à aposentadoria. Todavia, para que possamos dar continuidade à análise dos dados relativa ao envelhecimento, na revista *Claudia*, faz-se necessária uma breve reflexão sobre a relação entre mulher e mercado de trabalho, bem como sobre sua contextualização.

A presença feminina no mundo do trabalho, ao que parece, nem sempre foi visibilizada. Seja no campo ou na cidade, o trabalho da mulher foi determinado por uma série de fatores sócio-históricos, influenciados pela classe social, localização geográfica e etnia criando uma série de contradições e relativismos.

Até o século XX, as mulheres de classe média e alta, ‘trabalhavam’ quase que exclusivamente no âmbito doméstico. Havia uma distinção fortemente marcada para homens e mulheres: o espaço privado era destinado para a mulher e o espaço público para os homens.

No início do século XX, no entanto, além dos postos fabris e em escolas as mulheres solteiras começaram a ocupar postos de trabalho em escritórios (como secretárias) e no comércio (como vendedoras). A atividade laborativa feminina, fora do lar, ainda era socialmente desvalorizada, entretanto, desde a primeira década do século XX, no Brasil, houve uma maior inclusão das mulheres das classes média e alta nos ambientes de escritório, comércio ou serviço

social. No entanto, a preocupação com a moralidade feminina e sua “aptidão natural” para o âmbito doméstico e para a maternidade também se faziam presentes (Besse, 1999).

O acesso ao ensino superior no século XX iniciou a partir da década de 1930 e, a partir de 1943, a mulher passa a trabalhar livremente, sem que fosse necessária a autorização do esposo - uma conquista da Frente Única de Mulheres (Veleda da Silva, 2008). Ao final da segunda Guerra Mundial mudanças importantes ocorreram na Europa e Estados Unidos, com inovações científicas e tecnológicas, desenvolvimento de determinadas áreas da medicina e da biologia (Rodrigues, 1992). Muitas mulheres ocuparam postos de trabalho em substituição aos homens que estavam servindo à guerra, sendo assim, finalizada a guerra, estas deveriam ceder seus lugares aos homens e retornarem aos lares. Para tal intento uma intensa campanha da imprensa não demorou a propagar, exaustivamente, o estereótipo de boa mãe do lar, enaltecendo a maternidade e o casamento para que as mulheres recuassem no avanço da conquista da profissão.

Data deste período a construção da chamada ‘rainha do lar’, cuja roupagem revestida de romantismo “domesticado” perpetuava a nítida distinção dos papéis femininos e masculinos associados aos respectivos espaços públicos e privados (Bassanezi, 1997). As interdições sexuais para as mulheres continuavam a vigorar. O ideal de casamento alicerçado no amor, diferentemente dos séculos anteriores, nos quais os interesses familiares eram decisivos nas escolhas matrimoniais, conduzia as prerrogativas para o comportamento feminino dentro de limites bem estreitos. A mulher deveria ser doce, agradável, bela, comedida e aquiescente ao marido. Durante as décadas de 1950 e 1960, apesar do aumento das possibilidades profissionais e educacionais para homens e mulheres, inclusive com o crescente número de mulheres nas universidades, o modelo da mulher do lar não havia sido discutido. O ideário feminino das décadas anteriores perpetuava a dependência do binômio marido-filhos e os periódicos, revistas voltadas para o público feminino, bem como as fotonovelas, cinemas e romances reiteravam este estereótipo (Machado, 2004). As mulheres procuravam um bom nível de educação básica sem, contudo, que o objetivo principal fosse especificamente o profissional, pois primordial era o casamento.

Muitos dos pressupostos arraigados por concepções “essencialistas”, biologizantes eram (e ainda o são) legitimados por normatizações, limitações, condicionamentos expressos nos discursos científicos, políticos, filosóficos tradicionais e religiosos hegemônicos, caracterizando como inatas certas características da ‘natureza feminina’, conformando, desta forma, a própria

subjetividade feminina (Rocha-Coutinho, 1994; Scott, 1995). Como exemplo desta conformação pode-se citar a perpetuação da identificação da mulher com os papéis de mãe e esposa, que como já versado no presente capítulo, funcionou durante muitos anos, como um mecanismo de aprofundamento das assimetrias entre os gêneros.

Entretanto, com o aumento da classe média e da urbanização, a partir da década de 1960, observa-se um aumento do nível de escolaridade das mulheres, que passaram a buscar a educação também com objetivo profissional. Motivadas por importantes mudanças sociais, econômicas, políticas e demográficas foi a partir da década de 1970 que houve um aumento substancial de mulheres no mercado de trabalho, além do aumento da escolaridade feminina e queda nas taxas de fecundidade. As mudanças dos padrões de comportamento e dos valores relativos ao papel social da mulher, intensificado pelo impacto dos movimentos feministas no ambiente sócio-político de 1970 e pela participação da mulher no espaço fora do lar, também favoreceram a inserção feminina no trabalho público. Segundo Bruschini e Lombardi (2002), até o final dos anos 70, grande parte das trabalhadoras eram solteiras, sem filhos e jovens, todavia a partir da década de 1980 o cenário passou por modificações, com o aumento do número de trabalhadoras com idade mais avançada, casadas e mães, demonstrando que “as responsabilidades familiares não estariam mais constituindo um fator impeditivo ao trabalho feminino de mercado” (p.164).

A partir de 1975 os estudos sobre o feminino fortaleceram as discussões sobre a situação da mulher. Na década de 1980, um novo direcionamento, impulsionou, de modo significativo, a produção científica de um novo conceito, o de gênero. O estabelecimento do gênero como uma categoria analítica, por sua vez, trouxe questionamentos sobre a naturalização dos papéis, tanto para homens como para mulheres. Por conseguinte, a divisão dos espaços demarcados para cada qual, ou seja, o público para os homens e o privado para as mulheres também foi repensada. Sendo assim, construtos binários baseados na diferença biológica passaram por um processo de desestabilização, “tornando-se menos legítimo caracterizar certas atividades como masculinas e outras femininas” (Rocha-Coutinho, 1994, p.17). Se historicamente a delimitação do espaço privado circunscrito pelo lar, para a mulher, na verdade, representou o lugar no qual foram geradas as condições de desigualdades, de “apropriação do capital cultural, de acesso aos meios de qualificação profissional e aos centros de poder e controle social, entre outras coisas” (p.43), a partir desta época articula-se um novo panorama.

Sendo assim, a valorização presente na revista *Claudia* no que concerne ao aspecto profissional da mulher, apresenta-se condizente com a gradativa afirmação da mulher no mercado de trabalho. Para Bruschini e Lombardi (2002), nos últimos trinta anos houve uma progressiva consolidação da mulher no mercado de trabalho, expressa não só através do aumento relevante de mulheres em postos de trabalho, como também em vagas de universidades que, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), já representa a maioria na educação superior desde 1996 – em todas as regiões do país.

A partir da análise das matérias das páginas de *Claudia* observa-se que a visibilidade para mulheres com alta escolaridade, inseridas no mercado de trabalho, com o reconhecimento social de suas atividades profissionais, sem que a idade represente um fator inibidor à capacidade profissional, ao que parece, representa o reflexo de todo um percurso histórico, marcado por conquistas arduamente obtidas, principalmente em relação à inserção da mulher na vida pública. Ou seja, o reconhecimento em divulgar mulheres acima dos 55 anos, em suas atuações profissionais está condizente com as discussões atuais que tendem a romper com o estigma da velhice no que diz respeito à improdutividade, solidão, etc., inclusive com a compulsória aposentadoria das atividades e da vida, atribuindo-lhe, inversamente características positivas de dinamismo, sociabilidade, continuidade das atividades fora do âmbito doméstico, da manutenção da independência financeira e até mesmo do status social (Peixoto, 2000).

A revista apresenta uma perspectiva favorável no aspecto profissional, inclusive pontuando a relevância da carreira profissional como lugar legítimo de atuação para a mulher, nesta fase da vida, distanciando, desta forma, de um modelo anteriormente restrito à esfera familiar, associado inclusive com o modelo de avó.

Nesse sentido a revista apresenta um papel ambíguo em relação a seus posicionamentos discursivos frente aos elementos representacionais da velhice para as mulheres: se por um lado desqualifica, através dos padrões estéticos, por outro enaltece a capacidade produtiva e o amadurecimento profissional nesta fase da vida.

4.3 Revista *Tpm*: a irmã caçula

A revista *Tpm* é uma das publicações do grupo *TRIP*, presente no mercado editorial desde a década de 1980. Atualmente o grupo abrange, principalmente, duas vertentes do ramo da publicidade: 1) A difusão da marca *Trip* e 2) *Custom Publishing*²³.

A marca *TRIP* abrange os seguintes produtos: Revistas *Trip* e *Tpm*, Sites *Trip* e *TPM*, a rádio *Trip FM*, a *Trip MóBILE*, a *Trip Transformadores* e a *Trip Liquid*. A outra divisão do grupo, por sua vez, está voltada para a consultoria de comunicação para marcas e empresas, inclusive com a publicação de revistas customizadas, feitas sob encomenda, com objetivos específicos de divulgação das marcas, entretenimento dos clientes e vitrine de produtos.

A revista *TRIP* surgiu em 1986, voltada para um público masculino jovem, de classe média, com interesse no mundo dos esportes radicais, como o surfe e o skate. Todavia, ao longo dos seus 23 anos de existência, a revista cresceu, ampliando o seu público, tornando-se uma revista de variedades, voltada para o “homem moderno, consolidando-se no mercado editorial”:

Com uma linha editorial baseada na diversidade e na inovação, hoje a revista *Trip* é considerada a mais importante publicação para o público jovem formador de opinião do país. Lançada em 1986 e com tiragem média de 35 mil exemplares, a revista tem como objetivo buscar o novo, através de histórias que traduzem e representam muito bem o dia a dia de seus leitores. O leitor da *Trip* é jovem e apaixonado pela vida, tem de 16 a 39 anos, é predominantemente do sexo masculino e tem uma relação de intimidade e cumplicidade com a revista. É um leitor crítico, que faz questão de encontrar sempre um conteúdo editorial de vanguarda e gerador de discussões. (Mídia kit 2009, Editora *Trip*)²⁴

Atualmente, segundo os dados da Editora (Mídia kit 2009), os leitores da revista são compostos por 77% de homens e 23% de mulheres, sendo que 35% dos leitores são da classe A, 51% da classe B e 12% da Classe C, com um percentual de 15% dos leitores da revista com faixa etária entre 15 e 19 anos, 25% entre 20 e 24 anos, 45% entre 25 e 39 anos e 11% com 40 anos e mais. A tiragem da revista é de 35 mil exemplares, com 210 mil leitores.

O lançamento da Revista *Tpm* ocorreu em Abril de 2001, segundo seu editor, por duas motivações: a primeira delas surgiu a partir de uma pesquisa de opinião sobre o perfil dos leitores

²³ Dados obtidos através do site oficial da Editora *Trip*

²⁴ Mídia Kit 2009 é uma espécie de portfólio com informações sobre a revista, fornecidos pelo Setor Comercial da Editora *Trip*

da revista *Trip*, a qual revelou uma parcela considerável do público composto por mulheres. Aliada a esta constatação, a Editora *Trip* vislumbrou a possibilidade de lançar no mercado uma revista que estivesse fora dos padrões das revistas femininas, ou seja, a revista *Tpm* foi produzida com o intuito de questionar as temáticas recorrentes do mercado editorial feminino. A primeira edição da Revista *Tpm* apresenta os motivos de sua criação:

Sinto-me num papel engraçado, como um pai que anuncia aos filhos mais velhos, parentes, amigos e vizinhos, a chegada de uma menina para fazer companhia ao garoto, perto de completar 15 anos. Papagaiadas paternalistas à parte, depois que nos demos conta de que 25% dos leitores da TRIP, supostamente concebida e apontada para leitores homens, são garotas, ficou claro que havia algo errado. Ou, melhor ainda, algo muito certo. Tudo indica, e nos leva a concluir, que a forma como tratamos as mulheres neste ambiente editorial foi, ao longo destes quase 15 anos, magnetizando, de forma sólida, cabeças, corpos e corações de um tipo de mulher que se sente desassistida - vou mais longe, quase ofendida em sua inteligência e auto-estima pela forma como são produzidas diversas revistas femininas vigentes nas prateleiras do país. (Paulo Lima, “Pai de segunda viagem”, editorial, Revista *Tpm*, Abril, 2001)

No 1º editorial com uma tiragem de 80 mil exemplares, Paulo Lima, editor chefe, apresenta a nova revista, uma espécie de “irmã caçula” da *Trip*, na verdade, a contrapartida feminina da revista masculina *Trip*. A sigla *Tpm*, diferentemente do que poderia sugerir, não significa tensão pré-menstrual, mas *Trip Para Mulheres*. Todavia, o jogo de palavras insinuado pelo nome, sugere ao público uma das marcas da revista, a da ousadia, por vezes irônica, no tratamento de temáticas típicas do universo feminino. Conforme argumenta Costa (2007) acrescenta:

Tpm não é conhecida por ser a parte mais agradável do “ser mulher”. Dessa maneira, a revista já demonstra certa ousadia, e denota um questionamento das representações femininas, ainda que sutil. O nome que escolheu para si não costuma ser relacionado às mulheres de maneira positiva, mas é parte importante da identidade feminina fundamentada em características biológicas do sexo feminino. Ao mesmo tempo, a apresentação da sigla como *Trip* para mulheres, reforça a estreita ligação com o produto masculino. *Tpm* é a versão feminina da revista *Trip*.(Costa, 2007, p.11)

Uma das características presentes desde o lançamento da revista é o público para o qual a revista é direcionada: a mulher jovem, independente e, segundo a revista, com opinião. A “mulher com opinião”, presentificada pela revista é aquela que tem uma visão crítica do mundo, questionando, inclusive, os discursos hegemônicos apresentados na maioria dos editoriais femininos. Um dos aspectos debatidos pela revista são os excessos apregoados pela mídia, feitos

em nome de uma tirania da indústria de cosméticos que, através da insistência em difundir um único padrão de beleza para as mulheres e sempre em detrimento de muito consumo.

A revista sustenta, em vários momentos, um discurso de não escravização da mulher na busca pelo físico perfeito, desfocalizando das pautas editoriais a centralização em dietas, tratamentos estéticos e fórmulas envolvidas na conquista do sexo oposto. Paulo Lima apresenta as características da revista, ao leitor, já na 1ª edição:

É claro que há exceções, mas, em geral, as revistas femininas nem mesmo se dignam a velar aquilo que pensam da mulher brasileira: uma pessoa simplória, de horizontes estreitos, com pouquíssimo potencial, de espiritualidade rasa, cultura próxima do zero, tipo físico medíocre, que se agarra a regimes, peelings, drenagens linfáticas, plásticas e ginásticas, para - com a ajuda de um fragilíssimo Cascolac cultural que consegue absorver de suas páginas - lutar com todas as forças a fim de laçar um pobre diabo que as carregue(...).

E é por admirá-las, por gostar delas e por tratá-las com respeito e ao mesmo tempo graça e desejo, que descobrimos que há hoje no Brasil um número enorme de mulheres que busca e exige para a sua vida uma experiência mais rica. Mulheres que querem construir, aprender, se divertir, mudar o planeta, vivenciar opções bem diferentes das previstas nos planos traçados sem a sua participação. Prontas para viagens de todos os tipos, sem culpa com relação ao consumo, ao sexo, abertas à informação nova, aos esportes, às outras culturas e formas de ver o mundo. E, é claro, com a eterna vocação de espalhar o amor pelo mundo. É para as mulheres que dedicamos esta primeira e as próximas centenas de edições de *Tpm*. (“Pai de segunda viagem”, editorial, Revista *Tpm*, Abril, 2001, p. 1)

Os dados mais recentes (mídia kit, 2009) apontam que 81% das leitoras de *Tpm* são da classe A e B, sendo que 28% com grau de escolaridade superior completo, 22% cursando universidade e 33% com ensino médio completo ou em curso. Um percentual de 27% das leitoras situa-se na faixa etária entre 15 e 20 anos, 36% entre 21 e 25 anos e 22% entre 26 e 30 anos, confirmando a supremacia do público jovem da revista.

4.3.1 Apresentando a revista

A revista apresenta seções fixas e esporádicas. Dentre as seções fixas estão: 1) *editorial*; 2) *páginas vermelhas*; 3) *ensaio*; 4) *reportagem*; 5) *moda*; 6) *perfil*; 7) *badulaque*; 8) *bazar*; 09) *magazine*; além das colunas denominadas *coluna do meio*; *no divã* e *pra fechar*. Já as seções esporádicas, porém praticamente mensais são: 1) *Por aí*; 2) *Amiga-da-amiga* e 3) *editora*

convidada especial. Esta última é uma seção, como o próprio nome indica, na qual a revista entrevista a convidada do mês que deverá ler o roteiro prévio da edição daquele mês e sugerir as pautas de algumas matérias, inclusive o conteúdo da seção *Bazar*.



Figura 15 - Revista TPM (Julho 2009, p.12)

Editorial caracteriza-se como o local no qual o diretor editorial, Fernando Luna, apresenta ao leitor algumas atrações da revista ou comenta sobre alguma reportagem especial. Esta seção apresenta a revista para o leitor.

A segunda seção, *Páginas Vermelhas*, expõe matérias de natureza biográfica, especificamente entrevistas, com grande número de fotos do arquivo pessoal do entrevistado,

ilustrando momentos importantes da sua história, entremeadas com fotografias realizadas durante a entrevista. Algumas vezes é a pessoa entrevistada nesta seção quem aparece na capa da revista.

Já na seção *Ensaio* o leitor encontra um ensaio sensual sempre com um modelo masculino, geralmente atores, seguidos de uma breve entrevista (que na versão masculina, ou seja, na revista *Trip* chama-se *TRIP GIRL*). Contudo, no ensaio sensual da revista *Tpm*, o homem está mais vestido do que a mulher da seção *TRIPGIRL* da revista *TRIP*.

Reportagem caracteriza-se como um espaço dedicado à apresentação de uma matéria investigativa com assuntos polêmicos como, por exemplo, a vida das evangélicas que trabalham na evangelização dos bandidos mais temidos do Rio de Janeiro; o trabalho de fotógrafas documentais em lugares de maior tensão social e política de todo o mundo ou o fenômeno das “mulheres hortifruti”, “mulheres-fruta” conhecidas como “mulher melancia”, “mulher melão”, “mulher jaca” (Revista *Tpm*, Fevereiro, 2009, p.36), cujos adjetivos referem-se exclusivamente às partes do corpo da mulher como nádegas, pernas e mamas:

É nos peitos da Melão, no bumbum da Melancia e nas pernas da Jaca que muitas garotas têm se espelhado - várias daquelas que antes sonhavam com a magreza das modelos. Será que finalmente o padrão de beleza está ficando mais democrático? Infelizmente, os especialistas não pensam que seja isso, mas sim uma pura e simples razão de mercado. (Revista *Tpm*, Fevereiro 2009, p. 36)

O exemplo da matéria acima reforça um posicionamento da revista frente aos padrões hegemônicos de beleza aprisionados em corpos magros, uniformes e uniformizantes. A exemplo da *TRIP*, a *Tpm* também trata de matérias no formato de reportagem, numa campanha denominada “Imagem não é tudo”. As reportagens da campanha trazem sempre matérias com conteúdos de reflexão crítica perante os excessos apregoados em nome da imagem, divulgados em veículos midiáticos e que atingem a vida das mulheres, especialmente numa obsessiva busca pelo corpo perfeito.

A seção *Moda*, assim como em outras revistas femininas, traz várias opções de produções de vestuário com o nome e preço das peças.

Perfil, por sua vez, mostra outra entrevista de natureza biográfica, muitas vezes com quem aparece na capa da revista.

A seção *Badulaque* assemelha-se a um encarte dentro da revista, no qual são abordados artigos bastante diversificados, de forma bem humorada e, por vezes, debochada. Os temas

abordados remetem a críticas a outros periódicos femininos e aos destaques da mídia televisiva, que são separados em colunas, com grande realce de cores e imagens.

EDIÇÃO E REPORTAGEM NINA LEMOS
ARTE FELIPE GUGA

Badulaque

- 1 ENQUETE ABSURDA
- 2 DE BUTUCA
- 3 A NÃO ENTREVISTA DO MÊS
- 4 MOTHERNS
- 5 QUEIMANDO O LIVRO
- 6 MUNDO TRASH
- 7 MORRISSEY SAI DO ARMÁRIO EM SP
- 8 SUPLETIVO

1. ENQUETE ABSURDA

Que velhinha você vai ser?

QUANDO CRESCER, A CANTORA NINA BECKER QUER SER A ARACY DE ALMEIDA. JÁ A ESTILISTA FÁBIA BERCEK PREFERE SER UM MIX DE HEBE CAMARGO COM DERCY GONÇALVES. ABAIXO, CONHEÇA AS VELHINHAS QUE SÃO NOSSO SONHO DE CONSUMO

Quem acompanha a *Tpm* sabe que nutrimos uma obsessão por velhinhas. Já entrevistamos a dona Canô, cangaceiras amigas do Lamião, integrantes da Velha Guarda da Portela e por aí vai. O apego é tão grande que em toda reunião de pauta alguma de nós sugere uma entrevista com uma senhora de mais de 80 anos. A empolgação é tanta que outro dia começamos a discutir qual velhinha gostaríamos de ser quando crescer. Saiba quais são elas:

Nina Lemos, 38, repórter especial da *Tpm* e editora desta seção: "Não vejo a hora de virar uma velha louca dos gatos. Por isso, quero ser a escritora Hilda Hilst. Vou morar num sítio, cuidar de uns 57 felinos e só me comunicar com seres humanos por e-mail".

Nina Becker, 34, cantora: "A Aracy de Almeida: não tinha papas na língua, botava moral até no Silvío Santos e ainda era amiga dos maiores sambistas de todos os tempos".

Renata Leão, 30, diretora de redação da *Tpm*: "Uma mistura de dona Canô com a professora de ioga Celeste Castilho, a mais antiga de São Paulo. Amo a dona Canô, ela é minha velhinha do coração: inteligente, arretada, resolvedora e cheia de atitude, sem falar que pariu 12 filhos 'praticamente sozinha', como ela mesma

me disse uma vez. Mas, quando estiver com 102, se chegar lá, prefiro estar um pouco mais alongada que ela, quem sabe até colocando os pés atrás da cabeça...".

Milly Lacombe, 41, colunista da *Tpm*: "Quero ser a Brigitte Bardot. Ela deu uma banana para as convenções sociais e disse: 'Gostaria de ter feito alguma coisa sobre a forma como os seres humanos se tratam. Já que não pude, vou cuidar dos animais'".

Marcelona, ou Marcelo Ferrari, 41, hostes e blogueiro: "Quero ser uma mistura de Henriqueta Brieba e Zezé Macedo, ou seja, dá no mesmo, né? Vou morar no asilo dos artistas".

Fábia Berceck, 30, estilista: "Serei uma mistura de Hebe Camargo com Dercy Gonçalves".

Regina Trama, 31, coordenadora de produção da *Tpm*: "Fico com uma que não está mais entre nós, a Zélia Gattai. Pelo amor incondicional pelo marido e pela família, pela delicadeza das palavras dos seus textos e por morar até o fim da vida na Bahia".

Figura 16 - Revista *TPM* (Abril 2009, p.107)

Magazine é a seção que trata principalmente da temática beleza, divide-se em quatro colunas: 1) *Semana de moda Tpm*; 2) *Beleza*; 3) *Luxinho*; 4) *Magazine Casa*. A primeira delas apresenta o 'look' semanal de alguma mulher do mundo da moda (produtoras, estilistas, etc); a segunda, uma entrevista com uma mulher conhecida (atriz, apresentadora, cantora, etc) e os seus cuidados com a beleza (mostrando, inclusive, os produtos de uso pessoal para este fim). A coluna *Luxinho*, segundo sua colunista Lica Melzer, apresenta tendências mundiais de estilos que viram moda. E por último, a coluna *Magazine Casa* apresenta mensalmente uma decoração residencial.



Figura 17 - Coluna Semana de moda, Revista TPM (Julho 2008, p.80-81)



Figura 18 - Coluna Beleza - Revista TPM (Fevereiro 2009, p.88)

A seção *Bazar*, como a própria nomenclatura indica, é dedicada a uma grande variedade de assuntos, desde dicas sobre arte, música, lugares, trabalho de designers, geralmente sugeridos

pela *editora convidada especial* do mês, até matérias escritas por jornalistas convidados. Tânia Mena, residente em Manhattan escreve para a revista contando sobre algumas formas de comportamento das pessoas nos Estados Unidos, bem como Daniel Balaban, economista, que dá dicas às leitoras sobre assuntos relacionados às finanças.

A coluna *Por aí*, apesar de não ser permanente aparece, praticamente, em todas as edições pesquisadas e sugere dicas turísticas de lugares e passeios com roteiros nacionais e internacionais.

No divã, *Coluna do meio* e *Pra fechar* são colunas fixas da revista, feitas no formato de crônicas mensais, escritas respectivamente pela psicanalista Diana Corso, a jornalista Milly Lacombe, que aborda temas e vivências relacionadas à homossexualidade feminina e a publicitária, psicóloga e vereadora, Mara Gabrielli, que escreve sobre suas experiências como tetraplégica, ou seja, vivências, comumente ‘invisíveis’ em editoriais voltados para a mulher.

4.3.2 Envelhecimento nas páginas da *Tpm*

A seguir apresentaremos os dados que foram encontrados, na revista, sobre o envelhecimento, com suas respectivas frequências.

As seções que abordaram matérias sobre o assunto pesquisado foram: 1) *Badulaque*; 2) *Magazine Beleza*; 3) *Páginas Vermelhas*; 4) *Perfil*; 5) *Reportagem*; 6) *Imagem não é tudo* e 7) *Pra fechar*. Todavia, as seções com maior número de matérias sobre o assunto, conforme demonstra a tabela 01, foram: 01) *Páginas Vermelhas* com 50%; 02) *Magazine Beleza* com 41,67%; 03) *Perfil* com 23,07 %; 04) *Pra fechar* com 16,66%; 5) *Badulaque* com 7,76% e 6) *Reportagem* com 5,88% conforme demonstra a tabela 07:

Tabela 7 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento por seção da revista Tpm (N= 341)

SEÇÕES	N^o total de matérias por seção	N^o total de matérias sobre envelhecimento	Percentual
<i>Páginas vermelhas</i>	12	06	50%
<i>Magazine Beleza</i>	12	05	41,67%
<i>Perfil</i>	14	03	23,07%
<i>Pra fechar</i>	12	02	16,66%
<i>Badulaque</i>	103	08	7,76%
<i>Reportagem</i>	17	01	5,88%
<i>Bazar</i>	104	01	0,96%
<i>No divã</i>	12	-	-
<i>Coluna do meio</i>	12	-	-
<i>Editorial</i>	12	-	-
<i>Moda</i>	31	-	-
TOTAL	341	26	7,62%

Destacamos, ainda, os dados referentes ao tema da pesquisa na seção esporádica intitulada *Imagem não é tudo*. Esta seção representa um espaço utilizado pela revista para realizar reportagens em tom de campanha. Durante o período pesquisado houve a publicação de três reportagens, em duas delas havia conteúdo relacionado ao tema envelhecimento, apresentando um percentual de 66,66%, conforme explicita o quadro abaixo.

Quadro 2 - Número de matérias encontradas na seção “Imagem não é tudo” sobre envelhecimento

SEÇÃO	Total de n^o de matérias	N^o de matérias sobre envelhecimento	Percentual
<i>Imagem não é tudo</i>	03	02	66,66%

As seções *Páginas Vermelhas*, *Perfil* e *Magazine beleza* são biográficas e com o maior percentual de dados encontrados sobre o envelhecimento. Ao analisarmos o conteúdo de cada uma das matérias das referidas seções, buscamos identificar as temáticas preponderantes que foram divididas em duas categorias: 1) *Beleza e comportamento* - a primeira categoria relaciona-

se ao tema beleza, ao consumo de produtos para este fim, às mudanças corporais em detrimento do processo de envelhecimento e ao comportamento, entendido aqui como o estilo, as formas de enfrentamento adotadas pelos entrevistados para pensar e refletir sobre o próprio envelhecimento. Interessante mencionar que as matérias selecionadas nesta categoria ocorrem, preponderantemente, em entrevistas com pessoas com idade igual ou superior a 30 anos; 2) *Saúde e comportamento* - a segunda categoria observada, refere-se ao grupo de matérias no qual o enfoque da saúde está relacionado à capacidade funcional, à qualidade de vida, à autonomia pessoal. Também à continuidade da capacidade produtiva determinada por estilos de enfrentamento e, sobretudo, por características positivas dos entrevistados com idade preponderantemente igual ou superior aos 60 anos.

A tabela 8 demonstra os resultados desta distribuição, na seção *Páginas Vermelhas*, todavia, encontramos dificuldade em categorizar as matérias em apenas uma das duas categorias, ou seja, das 06 matérias encontradas sobre a temática envelhecimento, em 05 delas há conteúdos relacionados à categoria *Beleza e comportamento*, mas em 03 delas também há o enfoque sob a perspectiva da categoria *Saúde e comportamento*. Uma das matérias não se enquadra em nenhuma das categorias, sendo identificada na tabela como *Outros assuntos*.

Tabela 8 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção *Páginas Vermelhas* (N=06)

<i>Conteúdo</i>	<i>Nº matérias sobre envelhecimento</i>	<i>Percentual</i>
<i>Saúde e Comportamento</i>	03	50%
<i>Beleza e comportamento</i>	05	83,33%
<i>Outros assuntos</i>	01	16,66%
TOTAL	06	100%

**Os números aparecem repetidos face à dificuldade em classificar as matérias destas seções em um só tema.*

Já a análise da seção *Perfil* aponta a preponderância da categoria *Beleza e comportamento*, com 66,66%, seguida por 33,33% da categoria *Saúde e comportamento*, de acordo com os dados da tabela 9:

Tabela 9 – Categorização de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção Perfil (N=03)

<i>Conteúdo</i>	<i>Nº matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Saúde e Comportamento</i>	01	33,33%
<i>Beleza e comportamento</i>	02	66,66%
<i>Outros assuntos</i>	-	-
TOTAL	03	100%

A distribuição temática, na seção *Magazine Beleza* da revista *Tpm* apresenta 100% dos temas relacionados ao envelhecimento na categoria *Beleza e comportamento*, conforme explicita o quadro 3 :

Quadro 3 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção Magazine Beleza

<i>Conteúdo</i>	<i>Nº matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Beleza e comportamento</i>	05	100%

O quadro 4 demonstra a frequência de 100% das matérias sobre envelhecimento, tratadas na seção *Pra Fechar*, com temática relativa à *Saúde e comportamento*, sendo que em uma delas o tema principal aborda a morte.

Quadro 4 - Número de matérias encontradas sobre envelhecimento na seção Pra fechar

<i>Conteúdo</i>	<i>Nº matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Saúde e Comportamento</i>	2	100%

Na seção *Badulaque*, quinta com maior número proporcional de reportagens sobre envelhecimento, os dados encontrados evidenciam que 62,5%, das matérias são relativas à categoria *Beleza e comportamento* e 37,5% a *Outros assuntos*, de acordo com a tabela 10:

Tabela 10 - Distribuição por temáticas na seção *Badulaque sobre envelhecimento* (N=08)

<i>Conteúdo</i>	<i>Nº matérias</i>	<i>Percentual</i>
<i>Saúde e Comportamento</i>	-	-
<i>Beleza e comportamento</i>	05	62,5%
<i>Outros assuntos</i>	03	37,5%
TOTAL	03	100%

A seção *Reportagem*, por sua vez, apresentou uma única matéria cuja temática principal está centrada na categoria *Saúde e comportamento*.

Os dados até aqui apresentados demonstram a supremacia da temática *Beleza e comportamento* nas páginas da revista *Tpm*, entretanto, diferentemente dos dados da revista *Claudia*, o aspecto beleza não apareceu dissociado do aspecto comportamento, assim como a esfera saúde também esteve atrelada ao comportamento. Importante salientar que somente a análise qualitativa do material, feita a seguir pode esclarecer sob quais aspectos esta temática é visibilizada na revista.

5.2 Sentidos de envelhecimento na revista *Tpm*

5.2.1 Velhice e envelhecimento nas páginas da *Tpm*: um contraponto com as representações da revista *Claudia*.

O exame analítico das matérias da revista *Tpm* sobre o tema envelhecimento evidencia a tentativa da revista em propor reflexões através de uma perspectiva mais ampla, ou seja, relativizando algumas idéias em torno dos comportamentos femininos concernentes ao envelhecimento. Ao contrário do que ocorre na revista *Claudia*, nos quais os sinais corpóreos relacionados ao tempo são concebidos exclusivamente como destituídos de beleza, na revista *Tpm* há uma proposta de reflexão dos estereótipos midiáticos associados à velhice e à juventude.

Conforme já descrito as seções nas quais o tema envelhecimento apareceu, nas páginas de *Tpm*, foram: 01) *Páginas Vermelhas* com 50%, 02) *Magazine Beleza* com 41,67%, 03) *Perfil* com 23,07 %, 04) *Badulaque* com 7,76% e 5) *Reportagem* com 5,88%. As três primeiras seções são biográficas, relacionadas à vida de personalidades.

Observa-se, outrossim, três grupos de matérias abordando o tema envelhecimento. O primeiro deles refere-se às entrevistas com mulheres com idade próxima ou acima de trinta anos; nelas a temática envelhecimento está relacionada à beleza, porém, diversamente do que ocorre na Revista *Claudia*. A revista, ao que parece, apresenta uma preocupação antecipatória em discutir as formas de enfrentamento utilizadas pelos entrevistados para pensar e refletir sobre o próprio envelhecimento, de modo distinto à da negação do processo, materializada pelos procedimentos estéticos e cirúrgicos de apagamento de sinais da idade. O segundo grupo abrange as pessoas, não só mulheres (o cantor e compositor Caetano Veloso também foi entrevistado), com idade acima de sessenta anos, nos quais são enfatizados os modos como vivenciaram todas as fases da vida, inclusive a atual. E no terceiro grupo estão matérias de denúncia, versando sobre algumas formas de tratamento conferidas ao envelhecimento, na atualidade, que precisam ser repensadas, principalmente na mídia. A seguir, analisaremos cada um desses grupos.

4.3.2.1 Mulheres em conserva: corpos de plástico

O modelo em causa mostra a natureza feminina como esvaziada de “ser”, de identidade individual, sendo diminuidor para as mulheres, já que não as mostra como pessoas, mas antes como superfícies visuais. A beleza não decorre da singularidade, mas da obediência ao padrão mostrado. (Mota-Ribeiro, 2005, p.666)

A análise das matérias relacionadas ao envelhecimento no que tange ao aspecto beleza, na revista *Claudia*, mostrou uma exacerbada apreensão com o aparecimento das rugas e as inúmeras tentativas de mascarar-las, preenchê-las ou eliminá-las, numa referência inequívoca de fealdade. Entretanto nas páginas de *Tpm* observa-se, contrariamente, certa preocupação com o uso cada vez mais corriqueiro das intervenções estéticas para combater os sinais do envelhecimento, inclusive no que tange às rugas através do uso do chamado “Botox”.²⁵ O primeiro sentido conferido ao envelhecimento, apesar de relacionado ao mundo da beleza, procura uma reapropriação desta etapa da vida às mulheres, através de matérias e entrevistas que legitimam as marcas do envelhecimento como sendo esperadas e naturais.

Algumas das mulheres entrevistadas na seção *Magazine Beleza*, ao serem questionadas sobre os cuidados com a própria beleza posicionam-se de forma contrária aos excessos cometidos em detrimento da imagem. Nas entrevistas há sempre uma pergunta, por parte da revista, alusiva à beleza, remetendo direta ou indiretamente ao envelhecimento ou às intervenções estéticas:

“Madame Casseta - Ela prefere rugas a rostos botocados e não vê problema em ter autoestima pra dar e vender(...) Ciente das demandas de seu ofício em relação ao corpo, Maria Paula se blindou com bom senso. Sim, as câmeras engordam e ela precisa estar em forma. Mas isso não a fez titubear em ter seus dois filhos (Maria Luiza, 5, e Felipe, 1), amamentá-los e deixar que o corpo voltasse ao normal no tempo correto. “A burrice é entrar na piração, se cortar inteira, se encher de Botox! Acho a ruga mais bonita que a plástica, garante. (Revista *Tpm*, Junho 2009, p. 90)

²⁵ Nome comercial da marca Allergan para a toxina botulínica que é produzida por uma bactéria, causadora da doença botulismo. A toxina botulínica é uma substância paralisante da musculatura que provoca um relaxamento muscular. Seu uso na medicina foi utilizado durante muito tempo para ajudar nos problemas neurológicos relacionados aos espasmos de músculos faciais e para corrigir a visão dupla devido a um desequilíbrio dos músculos responsáveis. Atualmente também no tratamento de seqüelas de traumas de coluna, esclerose múltipla e sudorese excessiva. Todavia ficou conhecida depois de seu uso na estética, na década de 1990, especificamente no combate às rugas. Sua ação dura em média de 04 a 06 meses. Tempo este em que há o bloqueio da ação dos neurotransmissores responsáveis pela contração muscular, ou seja, os músculos da face relaxam e isso faz com que as rugas da face sejam atenuadas ou até eliminadas. (Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica, www.sbcd.org.br)

Interessante o modo como a revista reconhece as cobranças esperadas para a atriz, quando menciona “as demandas de seu ofício em relação ao corpo”. As exigências midiáticas por um corpo magro, em forma, que mais pode ser descrito como em fôrma, “sem excessos” (Novaes, 2008, Goldemberg, 2008a) são de tal monta que mais parecem um “bombardeio”, necessitando de uma certa ‘blindagem’. Os engodos desses “bombardeios” (Revista *Tpm*, Outubro, 2008, p.72) são discutidos, também, na seção *Imagem não é tudo*, que ressalta o perigo que os ditames dos atuais padrões hegemônicos de beleza podem provocar na subjetividade feminina, efeitos tais como a distorção da própria imagem corporal.²⁶

Muitas matérias da revista questionam os projetos de feminilidade difundidos pela mídia contemporânea, inclusive em outras revistas femininas, nas quais o corpo prescrito como ideal é consoante com um padrão de estética tirano, inatingível, um “vir-a-ser que nunca vai chegar” (Revista *Tpm*, Outubro, 2008, p.73):

Corpo eterno rascunho-(...) “Ame o seu corpo” repetia a perversa chamada. “Todas podemos ser lindas... para isso, reunimos os mais eficientes tratamentos e produtos que vão ajudá-la a garantir seios sem estrias, barriga chapada, bumbum firme, pernas torneadas e costas de arrasar”. Quer dizer, não ame o seu corpo é o que estava sendo dito. Ame o corpo que seu corpo deveria ser, se ele não fosse esse rascunho imperfeito, excessivamente humano, que insiste em ter marcas, formas, gorduras e desvios. Ame uma possibilidade, um vir-a-ser que nunca vai chegar. Porque, mesmo que você emagreça, tonifique e defina, ainda há o passar do tempo (ele vai passar) e, com ele, novas “sujeiras” para limpar. Ame o abismo dessa expectativa vencida. E lembre-se de odiar sua própria incompetência por não conseguir ter e manter o corpo-imagem que te reservaria um lugar privilegiado no mundo dos bem-sucedidos. (Revista *Tpm*, nº 81, p.73).

Pode-se observar que, neste e em muitos outros momentos, a revista posiciona-se criticamente perante a mera reprodução ideológica feita pelos veículos de massa na prescrição, disseminação e reiteração de modelos discursivos sobre a beleza feminina que encerram históricas práticas coercitivas e punitivas sobre o corpo da mulher (Sibília, 2006; Wandermurem, 2006). Ademais incita a leitora a refletir sobre o corpo real, humano, falível, marcado por imperfeições, em contraposição ao ideário de corpo, assentido nas revistas como verdadeiro, o chamado corpo-imagem. Os sinais corpóreos de envelhecimento, objeto da presente pesquisa, são incluídos nas muitas “sujeiras” que as prescrições do corpo-imagem insistem em limpar.

26(...) o conceito –e a vivência- que se constrói ‘sobre’ o esquema corporal, e que traz consigo o mundo das significações. Na imagem estão presentes os afetos, os valores, a história pessoal, marcada nos gestos, no olhar, no corpo que se move, que repousa, que simboliza (Olivier, 1995, p. 18).

Para Sibília (2006) a “acusação da impureza ao corpo humano não é uma novidade histórica, embora a poluição atual seja bem diferente daquelas que vigoraram em outros períodos da civilização ocidental” (p.1). Sendo assim em outras épocas as práticas ascéticas eram relacionadas aos valores transcendentais, preconizados pela pureza da alma em oposição à “sujeira do corpo, da carne”, mas atualmente vivemos, através do culto ao corpo, neoascetismos manifestos através da tecnociência que, por meio de técnicas digitais de edição de imagens, opera a limpeza de “defeitos” nas fotografias de corpos expostos na mídia. São os chamados “bisturis de software” (Sibília, 2006, p.02) tais como o software chamado *Photoshop*, que proporciona às imagens corporais a “limpeza” nos organismos vivos tais como marcas, manchas, “linhas de expressão”, celulites, produzindo, através da virtualização da imagem do corpo, a emergência de um padrão de beleza “asséptico e descarnado”, virtual e impossível de ser conquistado.

A construção e exibição desse “corpo perfeito” também chamado de “corpo-mídia” (Camargo e Hoff, 2002, p.26-27), construído através dos recursos tecnológicos, editado por programas de computador, mesmo não apresentando um equivalente na realidade é divulgado na mídia como modelo a ser conquistado, mobilizando o indivíduo e principalmente as mulheres, ao consumo de bens que asseguram encurtar a distância entre a imagem do corpo ideal (virtual) e o corpo realmente existente. Sendo assim, o que se compra é a subjugação do corpo real ao corpo ideal, por meio de técnicas físicas de conformação com o ideal propagado. O corpo perfeito, esteticamente prescrito pela mídia, torna-se um corpo essencialmente visível — que existe para ser olhado — todavia ‘desenquadrado’ dos locais reais da vida cotidiana, representando a mulher como uma “superfície estética” (Motta-Ribeiro, 2005, p.663), ou seja, uma espécie de película que suporta a sua imagem.

O arsenal midiático difusor das imagens do corpo-mídia consolidam o projeto de um corpo ideal caracterizado como eternamente jovem, magro, moldado e controlado por exercícios físicos (que estão mais próximos da ordem do sacrifício físico), sem marcas, sem manchas e “saudável”, pois a imagem de saúde está necessariamente vinculada a esta ideologia (Novaes, 2006, Goldenberg 2008a; 2008b). Assim, amparada pelo discurso de promoção da saúde, a crescente atenção dada ao corpo e às atividades físicas, no mundo contemporâneo, potencializam a fragmentação e a instrumentalização do corpo, não havendo, portanto, um processo de liberalização do corpo feminino e sim a construção de um corpo plástico. (Del Priori, 2000; Novaes, 2006). Desta forma, “visto como desconectado de um todo, o corpo se torna um

amontoado de partes soltas, desprovidos simbolicamente de significados” (Novaes, 2008, p.164), pois cada parte do corpo passa a ser analisada como um fragmento: “seios sem estrias, barriga chapada, bumbum firme, pernas torneadas e costas de arrasar” (Revista *Tpm*, nº 81, p.73), cada qual com o seu protocolo de beleza, bem delimitado e aprisionador.

Perrot (1984) cunhou o termo “ortopedia mental” para designar uma ordem social mais opressiva que as já conhecidas formas de subserviência feminina, na qual a ditadura da forma gera uma busca desenfreada pela reformatação e ajustamento aos ditames estéticos que se personificam, muitas vezes, através do combate ao envelhecimento, num retrocesso às conquistas libertárias das mulheres sobre o próprio corpo.

Nada mais cruel do que lutar com um inimigo implacável e inexorável. Contra a ação do tempo as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometam retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam contra si, perdendo-se no espelho a procura de si mesmas. Se antes as roupas as aprisionava, agora se aprisionam no corpo - na justeza das próprias medidas. (Novaes 2006, p.137-138)

Ou seja, apesar do mito da juventude e da conquista da beleza feminina ser milenar, foi a partir do século XX, no mundo ocidental, que o corpo se tornou a legenda principal do ser, numa contradição intrínseca de valorização e desvalorização. Ora, se vivemos numa sociedade que tanto cultua o corpo, como não perceber a incongruência dos investimentos que, propagando sua valorização, acabam por coisificá-lo, comercializá-lo, desprezá-lo (Sant’Anna, 2001). Para Goldenberg (2008a; 2008b) cada sociedade constrói culturalmente um corpo típico, por meio de hábitos, tradições, crenças e costumes, com a valorização de certos atributos em detrimento de outros e, na cultura brasileira, a aparência pessoal está centrada no corpo (diferentemente das francesas cujas roupas ocupam esta centralidade):

Na cultura brasileira contemporânea, determinado modelo de corpo é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais pobres, que o percebem como um importante veículo de ascensão social. Nesse sentido, além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. Desde que seja um corpo sexy, jovem, magro e em boa forma, que caracteriza como superior aquele ou aquela que o possui, conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício (Goldemberg, 2008a, p.16).

Por conseguinte, pode-se apontar que neste ínterim qualquer sinal de envelhecimento ou obesidade passa a ser considerado fora do padrão de beleza do corpo ideal, sinalizando o

enaltecimento da juventude como uma categoria transtetária, relacionada não somente a uma fase da vida mas a um valor. O “dever de beleza” que historicamente sempre esteve presente, mesmo que de uma maneira subliminar, nas cobranças sociais sobre as mulheres, atualmente, ultrapassa o status de “dever social” (Novaes, 2008 p.146) para representar uma espécie de “dever moral” (p.146), de ‘ter que ser bela’, inclusive através do apagamento de sinais de envelhecimento, por meio de uso de inúmeros cosméticos, intervenções cirúrgicas e atividades físicas.

Ainda como efeito desta “ditadura” dos padrões hegemônicos de beleza para a mulher observa-se a incidência das exigências sociais, não menos acentuadas, sobre o corpo da mulher após a gravidez. Novaes (2008) pesquisou mulheres que se submeteram à cirurgia plástica, exatamente devido aos conflitos emocionais que as mudanças corpóreas após a gestação trouxeram. Diferentemente do padrão de beleza feminina renascentista, no qual curvas acentuadas eram símbolos da sensualidade numa nítida analogia à maternidade, atualmente, segundo a autora, “os traços remanescentes do processo de maternidade devem ser extirpados do corpo feminino” (Novaes, 2008, p.154). Ou seja, as mudanças da forma física provenientes da gestação, uma vez contrárias ao modelo de corpo esteticamente aceito, caracterizado por um corpo magro, rijo, sem excessos adiposos são afastados do ideal de juventude e interpretados como feios e como sinais de envelhecimento, transformando-se numa espécie de sinônimo unívoco de desleixo.

Todavia os discursos presentes nas páginas da revista *Tpm* demonstram a tentativa de desnaturalização dos padrões estéticos vigentes, denunciando como “neurose” (Revista *Tpm*, Novembro, 2008) a busca incessante pelo corpo perfeito:

O verão está chegando e a neurose também. Nas bancas de revistas, encontramos projetos para deixar a "barriga chapada" e outros "projetos" e "desafios" que mais parecem ordens para soldados em guerra. Veja as alternativas criadas pela nossa equipe para essas maluquices. Esta é a época do ano em que a maioria das revistas femininas publica um monte de receitas e ordens para que você fique ansiosa e maluca em busca de um corpo perfeito para o verão. Nada contra ser saudável. Mas vale lembrar que corpo perfeito não existe. E nem qualquer outra coisa perfeita. Selecionamos alguns projetos (essas publicações costumam tratar esses assuntos como se fossem uma espécie de programação de guerra) absurdos que encontramos por aí. (Revista *Tpm*, Novembro 2008, p. 106-107)

Ademais, a análise dos conteúdos veiculados nas páginas de *Tpm*, evidencia uma diferenciação em relação aos conteúdos veiculados nas páginas da revista *Claudia*, acerca dos

procedimentos estéticos de combate aos sinais de envelhecimento. Se nestas, os procedimentos estéticos de combate às rugas, por exemplo, são naturalizados, indicados para as leitoras, muitas vezes sem questionamento, já em *Tpm* no que tange ao mote do uso do botox, a entrevistada Maria Paula utiliza a expressão “rostos botocados”, numa clara ironia utilizada para indicar a aparência artificial obtida por meio do uso do produto.

Outro momento que avalia negativamente as intervenções estéticas, principalmente cirúrgicas, no combate ao envelhecimento, pode ser observado na entrevista com Fabiana Scaranzi, 43 anos que diz: “Nunca fiz intervenção cirúrgica no meu rosto, quero envelhecer com dignidade e com a minha cara. Não quero a boca de Angelina Jolie!” (Revista *Tpm*, Outubro, 2008, p.108), explicitando o seu posicionamento contrário aos procedimentos utilizados para combater o envelhecimento dos lábios, através de preenchimento. (Numa clara referência ao conhecido volume da boca da atriz Angelina Jolie). Outro exemplo ilustrativo é a entrevista com a cantora Ana Cañas de 27 anos:

Ana Cañas aprendeu a andar de salto outro dia e acredita que ser bonita é ter atitude (...) Ana Cañas é casada há cinco anos com o artista plástico Flávio Rossi. “Meu marido tem uma beleza diferente. Sempre gostei de pessoas não convencionais, como aquele quatro-olhos do colégio”, brinca. Para ela, beleza é fácil de passar batido, mas charme... “a beleza se consegue explicar, o charme é quase uma arte. (...) Tem alguma coisa de que você não gosta na sua aparência? Amanhã minha bunda vai cair. Meu peito já está caindo, tenho celulite, estria. Mas tudo bem: esse é meu corpo, minha história. Botox e plástica são perda da identidade. (Revista *Tpm*, , novembro, 2008, p.96)

Ao ser questionada “Tem alguma coisa de que não gosta na sua aparência?”, a cantora logo cita alguns dos conhecidos sinais de envelhecimento, demonstrando o desagrado em relação a eles, mas em seguida numa consciência crítica de que este processo é inevitável, complementa: “Mas tudo bem: esse é meu corpo, minha história. Botox e plástica são perda de identidade”. Este depoimento associa o uso do produto ao apagamento da própria história personificada no apagamento das rugas e a conseqüente perda da identidade.

Diversamente, a escritora Adriana Falcão, entrevistada na seção *Páginas Vermelhas*, evidencia conotações negativas associadas ao envelhecimento, relatando que a única coisa boa “da idade” é a de ter ficado mais tranqüila, calma, com o passar dos anos. Apesar de caracterizar o processo de envelhecimento como sendo “chato”, acrescenta:

“Não pretendo não envelhecer e virar uma mulher de plástico, mas pode ser que eu enlouqueça e isso aconteça. Não pretendo. Acho legal estar bem para a minha idade. Por

isso, vou para a academia todo dia, não saio sem protetor, essas coisas.” (Revista *Tpm*, Fevereiro 2009, p.26)

Ou seja, a escritora relata a aspiração de permitir-se envelhecer sem recorrer aos procedimentos estéticos que redefinem sua imagem, mas cogita a hipótese de ‘enlouquecer’, numa clara referência aos procedimentos estéticos utilizados para negar esta etapa da vida, através das tentativas de apagamento dos sinais da idade.

Um dos enfoques observados é o de que, mesmo quando as matérias são biográficas, ou seja, relativas à história de vida de mulheres nas quais o tema envelhecimento é mencionado, inclusive quanto ao seu aspecto estético depreciativo, há nas páginas da revista *Tpm*, uma certa clareza crítica, permitindo outras articulações de sentido que não as presentes nas matérias da revista *Claudia*. Ou seja, nas páginas de *Claudia*, ao que parece, há uma tentativa imperativa de negação do envelhecimento, já em *Tpm* mesmo quando as marcas do envelhecimento são consideradas desagradáveis há uma reflexão quanto aos perigos dos excessos em detrimento da beleza.

Sendo assim, se em *Claudia* as rugas são o principal alvo de demérito em relação à aparência da mulher, em *Tpm*, é o uso indiscriminado²⁷ do Botox (principal “inimigo” das rugas) o que deve ser combatido. Muitas referências quanto ao uso do produto foram qualificadas na revista como “mania” (Revista *Tpm*, Abril 2009, p.110), “obsessão” (Revista *Tpm*, Setembro 2008, p.30), “fanatismo” (Revista *Tpm*, Outubro 2008, p.34). A tentativa de apagamento das rugas através da utilização do produto é tida como perda de “personalidade”, “identidade” (Revista *Tpm*, Novembro 2008 p.96), “artificialidade” (Revista *Tpm* nº Outubro, 2008, p.108), negação e proibição à velhice (Revista *Tpm*, Setembro, 2008), através da busca “obsessiva” pela imagem idealizada (Revista *Tpm*, Outubro, 2008, p.73). Além do Botox, a cirurgia plástica também recebe críticas no conteúdo das matérias, especialmente quando a ela são atribuídas conotações de proibição à velhice. A argumentação discursiva das matérias nas quais este tema é abordado, no entanto, não advoga na defesa do ‘desleixo’, da ‘feiúra’ ou do ‘corpo mal cuidado’, o que a revista pontua é a necessária distinção entre o cuidado pessoal saudável e mesmo a vaidade, e o processo obsessivo de busca de enquadramento nos padrões de beleza, o que muitas

²⁷ A Sociedade Brasileira de Dermatologia publicou em 2002 um artigo denominado “Circo na estética não”, no qual são severamente desaprovados os discursos midiáticos enaltecendo o “culto ao físico” através da propagação de procedimentos como o do uso da toxina botulínica, para fins estéticos, nos moldes dos atuais “Clubes do Botox”. Estes clubes, presentes nas sociedades carioca e paulista, são caracterizados como consultórios, nos quais o produto é aplicado em meio a uma espécie de festa, com direito a bebidas e canapé.

vezes deflagra procedimentos de muito sacrifício e sofrimentos para a mulher. As razões estéticas, concernentes ao culto à juventude em detrimento da negação do envelhecimento, porém, geram conseqüências mais abrangentes, relacionadas inclusive à perpetuação de padrões sexistas, nos quais as mulheres historicamente sofreram coerções junto a seus corpos:

Tenho medo de que minhas filhas tenham que ouvir as mesmas cantadas nojentas que sempre ouvi de desconhecidos. Tenho medo de que elas sejam vistas como coisas. Eu tenho medo de que elas achem que precisam ter 40 quilos pra se sentirem bonitas. Tenho medo da quantidade de silicone implantada nos peitos femininos. Tenho medo de ser confundida com uma fruta qualquer. Tenho medo dessa mania de plástica, de Botox e da proibição à velhice para as mulheres. E de muitas outras coisas” (Revista *Tpm* Abril 2009, p.110)

Dentre todo o material analisado somente uma única referência de produto anti-ruga foi encontrada em *Tpm*, na seção *Magazine*:

Com o aval de Sarah Jessica Parker – que recentemente declarou que se sente velha, que todas as pessoas que a rodeiam parecem mais jovens e que experimenta TODOS os cremes faciais que existem –, Luxinho se manifesta sobre o assunto que diz respeito a todas as mulheres que já passaram dos 25. Milagre a vista! Prometendo resolver o problema das ruguinhas de expressão que insistem em aparecer na cutis facial, o StriVectin-HS (Hydro-Thermal Deep Wrinkle Serum), em forma líquida, lança o desafio e se diz melhor que o Botox, com a vantagem de não ser invasivo. É só passar na área desejada duas vezes ao dia e pronto. Bye-bye ruguinhas! Será? Vale conferir (Revista *Tpm*, Setembro 2008, p.99)

De modo geral, o sentido perpassado em várias seções da revista é o de que o aparecimento das rugas, no rosto feminino, não implicam em processo de ruptura com a beleza, diferentemente do que ocorre nas matérias analisadas da revista *Claudia*.

Um exemplo deste tipo de abordagem pode ser demonstrada na matéria denominada “*Gravidez aos 40 power!*” (Revista *Tpm*, Dez/2008, /Jan/2009, p.105). A matéria tece comentários sobre as diferenças culturais entre a publicidade brasileira e alemã no que concerne ao tratamento às rugas femininas. Segundo a editora, as campanhas publicitárias alemãs, voltadas para grávidas, são protagonizadas por “mulheres lindas - e com rugas” no rosto, com aparência de mais de 40 anos, fato este que, nas palavras da editora, causa uma sensação de estranhamento, face à nítida diferença em relação às campanhas publicitárias brasileiras nas quais são propagadas imagens, fotos de mulheres sempre muito jovens, numa clara alusão à juventude. Esta característica das campanhas publicitárias brasileiras enaltecem a gravidez como uma experiência ‘natural’ para a mulher jovem, o que não condiz com a realidade das mulheres brasileiras que

pertencem à classe social a qual a revista atinge, pois estas estão cada vez mais adiando a gravidez, se compararmos com gerações passadas, em função do investimento em suas carreiras profissionais (Barbosa & Rocha–Coutinho, 2007). O que se vê nesse sentido é a prevalência de uma possível representação de que mulher grávida só é bonita se for jovem, e conseguir manter uma aparência de corpo jovem, as demais estão fora da concepção vigente que associa gravidez-plenitude feminina e beleza.

Historicamente, à mulher é associado o binômio beleza e fertilidade, estando o último aspecto referido a tudo que difere a sua anatomia da masculina (...). Entretanto, a cultura atual parece demonstrar que nem mesmo a gravidez justifica as marcas de envelhecimento deixadas pela natureza, logo, os traços remanescentes do processo da maternidade devem ser extirpados do corpo feminino. Ressignificados e afastados do ideal de juventude, esses traços são interpretados pela cultura como feios e, portanto, devem ser eliminados, reiterando mais uma vez a máxima de que *só é feio quem quer*. Nesse sentido, vale lembrar a propaganda da linha de cosméticos Helena Rubinstein: *Nos tempos atuais, é imperdoável que a gravidez faça com que a mulher perca a sua silhueta... A mulher deve ter um belo corpo para mostrar após os filhos estarem criados* (Novaes e Vilhena, 2006, p.01)

Goldenberg (2008b) confirma diferenças culturais entre brasileiras (especificamente cariocas) e alemãs na vivência subjetiva do envelhecimento. Segundo a pesquisadora, no Brasil, há uma supremacia de discurso centralizado na idéias de “decadência do corpo” e na dificuldade amorosa em relação ao sexo oposto, ou seja, o envelhecimento é tido como um processo de significativas perdas de beleza, dos atributos corporais e da capacidade de atratividade, alicerçadas na legitimidade da aparência do corpo. Por outro lado, as alemãs da mesma faixa etária (por volta dos 50, 60 anos) e classe social, professam um discurso distinto, privilegiando a “riqueza do momento que estão vivendo, em termos profissionais, intelectuais e culturais” (p. 34). O aspecto estético do corpo ocupa uma posição secundária à realização profissional, à saúde e à qualidade de vida. A busca por uma aparência “sexy” e “sempre jovem” é vista pelas alemãs como indicativos de imaturidade e “falta de dignidade” A autora realça, ainda, que a autoconfiança das alemãs pode ser analisada a partir das mudanças sociais do pós-guerra, do pós-movimento feminista e da conquista da emancipação feminina que, transcendendo o caráter econômico, atinge também o aspecto psicológico destas mulheres:

Observando a aparência das alemãs e das brasileiras pesquisadas, as últimas parecem muito mais jovens e em boa forma do que as primeiras, mas se sentem subjetivamente muito mais velhas e desvalorizadas do que elas. A discrepância entre a realidade objetiva e os sentimentos subjetivos das brasileiras me fez perceber que aqui o

envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento. (Goldenberg, 2008, p.35)

Desta forma depreende-se que as marcas corporais decorrentes do envelhecimento não produzem efeitos por si só, mas sim o discurso social conferido a elas. Em seu aspecto funcional, as alterações corpóreas associadas ao âmbito da beleza não produzem perdas, ou seja, rugas próximas aos olhos não alteram a capacidade visual, mas é no processo de interações sociais que se qualificam ou desqualificam os sujeitos. Sendo assim as conotações assentidas ao envelhecimento, nos artigos das revistas femininas, como *Claudia* e *Tpm* participam de um processo social mais abrangente, nos quais os meios de comunicação, devido ao seu efeito multiplicador, tornam-se co-responsáveis pela manutenção ou não de certos padrões culturalmente construídos.

Por conseguinte, pode-se aferir que, se em *Claudia* as rugas aparecem como um dos principais sinais de envelhecimento, com repercussões sociais mais amplas do que somente na dimensão estética, na revista *Tpm* é o Botox o principal delator de um processo de negação do envelhecimento. As rugas, por sua vez, apesar de serem o único sinal corpóreo alusivo ao envelhecimento encontrado nas matérias analisadas são, em vários momentos, adjetivadas como “belas” (Revista *Tpm*, Junho, 2008, p.90), “atraentes” (Revista *Tpm*, Setembro, 2008 p.30), “símbolo de plenitude do tempo vivido” (Revista *Tpm*, Setembro, 2008 p.30), “símbolo de dignidade”. Diferentemente do que foi apresentado, nas páginas de *Claudia*, outros sinais como flacidez, manchas, ressecamento da pele não foram associados ao envelhecimento e sequer mencionados. Um exemplo desta distinção de tratamento, entre as revistas, pode ser evidenciada na seção *Páginas Vermelhas*, da revista *Tpm*, nas quais os sinais de pele como manchas e rugas das fotos das entrevistadas, respectivamente uma com a idade de 48 anos e outra com 88 anos são mostrados, evidenciando a beleza da mulher, em idades distintas e com sinais de envelhecimento.



Figura 19 - Revista *Tpm*, Fevereiro 2009, p.21



Figura 20 - Revista *Tpm*, Julho 2009, p.20

Condizente ainda com a proposta editorial da revista, as matérias da seção “*imagem não é tudo*” explicitam a preocupação crescente com o processo de naturalização do “corpo-imagem”, “corpo-mídia”, “corpo de plástico”, veiculado pelas tecnologias de comunicação e a conseqüente produção de novas subjetividades, para as mulheres, em relação aos seus próprios corpos. Ademais, promove reflexões sobre o aumento do processo de “desnaturalização” do corpo feminino nos quais os sinais de envelhecimento, bem como outros sinais corporais são subjugados. A reportagem “*tá com nojo?*”, publicada na seção “*imagem não é tudo*”, em julho de 2009, discute a crescente “doença social” (p.53) caracterizada pela tentativa desenfreada de neutralização dos odores corporais femininos, através do aumento substancial da indústria cosmética, inclusive no seguimento dedicado à limpeza íntima. As imagens da matéria, evidenciando a crítica da revista em relação à insistência pela “limpeza” do corpo feminino, denunciam a naturalização do “corpo perfeito” que, como já escrito, não apresenta marcas (rugas, manchas, acnes, etc), e não tem cheiro.

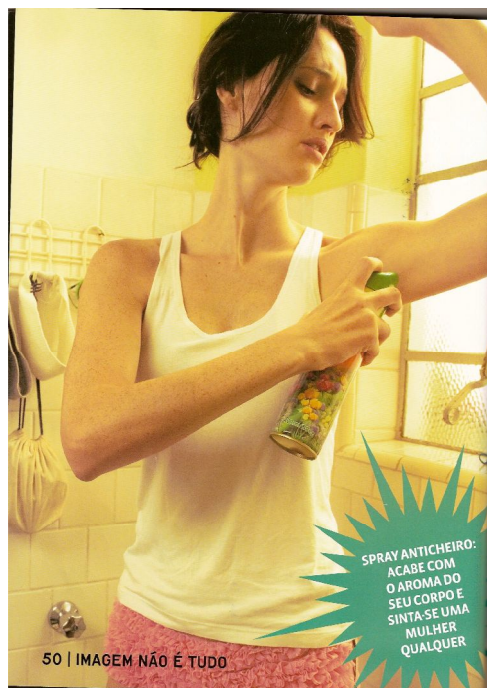


Figura 21 - Revista *TPM*, Julho 2008, p.51



Figura 22 - Revista *Tpm*, Julho 2008, p.55

Em outra matéria intitulada “Fim do Mundo”, alusiva ao mesmo tema, presente na seção *Badulaque* de Novembro de 2008, a editora informa o lançamento da primeira fragrância antienvhecimento do mundo, produzida pela empresa americana Harvey Prince. A fragrância que “promete acabar com o “odor da velhice” (revista *Tpm*, Novembro 2008, p.103) rejuvenescendo as mulheres em até oito anos, justifica a sua criação face às mudanças hormonais ocorridas no corpo da mulher, que deixam de exalar odores atraentes aos homens, com o passar do anos. A matéria inicia com o seguinte comentário da editora, “Era só o que faltava no mundo. Tudo o que podemos dizer é que essa novidade realmente cheira mal” (p.103) e acrescenta ao longo do texto, em tom de perplexidade “... Depois de cremes, plásticas e injeções, agora lançaram um perfume. E, de certa forma aproveitaram para dizer que velhice cheira mal!”.

O tom irônico, por vezes revoltado, perpassado em vários momentos da revista, compõem um conjunto de matérias que objetivam alertar as leitoras quanto às inúmeras pulverizações da publicidade, da indústria da beleza e dos veículos midiáticos como agentes normativos, coercitivos e mantenedores de uma lógica ainda sexista em relação às mulheres.

4.3.2.2 Histórias de vida, memórias da vida

O segundo sentido apurado nas páginas da revista está diretamente relacionado à percepção de que há continuidade no envelhecimento, ou seja, envelhecer faz parte da vida de modo mais natural do que parece. A construção deste sentido se dá por meio de entrevistas com mulheres com idade acima de 70 anos, nas quais são enfatizadas suas histórias de vida, inclusive com a exposição de fotos dos arquivos pessoais, mostrando todas as fases e acontecimentos relevantes, ressaltando a idéia de processo. Desta forma a revista lida com a velhice de modo a não considerá-la uma ruptura, uma cisão em relação às etapas precedentes da vida: infância, adolescência, maturidade, aceção esta condizente com o pensamento de Morin (1997) e de Bobbio (1997). O sentido atribuído remete à continuidade de um percurso, desestabilizando, desta forma, imagens culturais tradicionais que pontuam esta fase da vida como um conjunto de perdas (Debert, 2004a).

Uma análise mais detalhada das entrevistas evidencia que as trajetórias percorridas por estas mulheres foram marcadas por alegrias e tristezas, ganhos e perdas ao longo da vida. Esta constatação torna-se relevante na medida em que desconstrói possíveis crenças relacionadas ao enaltecimento da juventude como uma etapa da vida destituída de qualquer sofrimento e, inversamente, a velhice como etapa de desgosto e má qualidade de vida. Outro aspecto observado refere-se à capacidade adaptativa do ser humano frente às mudanças históricas, tanto da vida pessoal como dos condicionantes sociais.

O termo homeostasia parece-nos pertinente para elucidar a construção do presente sentido. Muitas vezes utilizado como sinônimo de equilíbrio, este termo está vinculado à existência de mecanismos adaptativos frente às demandas e desafios vivenciadas no decurso temporal, mediante situações de sobrecarga. Ou seja, ao longo de toda a vida somos impelidos e responder por certas demandas, que exigem novos arranjos físicos, psíquicos e sociais. No entanto, as histórias de vida das entrevistadas destacam as capacidades adaptativas no plano individual, no qual os estilos de personalidade das mesmas estariam relacionados aos mecanismos de enfrentamento perante as vicissitudes da vida. Uma das principais características é a concepção de que a vivência da velhice, como uma parte da trajetória, seria, também,

influenciada pelo *modus vivendi* destas mulheres, ou seja, pelos valores que nortearam as suas vivências subjetivas ao longo da vida: Num estudo realizado com mulheres com idade entre 60 e 95 anos, Krzemien (2007, p.147) aborda o tema, alegando que os estilos de personalidade são importantes na utilização de certas estratégias adaptativas ou desadaptativas, não só durante a vida como também frente ao envelhecimento. Sendo assim mediante demandas externas e internas, por vezes conflitivas, os recursos pessoais acionados poderiam explicar as diferenças de respostas, umas mais positivas do que outras, em momentos de crise. A análise do conteúdo das matérias demonstram que se as crises foram presentes, também o foram a capacidade de superação e a reinvenção da vida.

A entrevista com a primeira professora de ioga de São Paulo, Maria Celeste Castilho, de 85 anos de idade, parece emblemática.

Para entender Celeste, pense na sua avó. Ou em outra senhora que faça bolinhos de chuva, não perca novela e passe a vida servindo os outros sem alardear suas mazelas. Pense também em um a monja. Capaz de ficar 21 dias em jejum, dormir quatro horas por noite e levantar antes de o sol para meditar. Agora some uma mulher que trabalha das sete da manhã às nove da noite e não tem tempo para prepara seu suco de salada ou curtir seus filhos. (Revista *Tpm*, Dez/2008, Jan/2009, p.75)



Figura 23 - Revista TPM (Dez/2008, Jan/2009, p.74-7)

A matéria inicia relatando características passadas e presentes da professora que compõem a complexidade e riqueza de sua experiência e da sua pessoa. Conhecida por seu dinamismo continua dando aulas de ioga diariamente, todavia, o texto não se restringe ao aspecto profissional da vida da professora; aborda fatos presentes e passados, tristes e felizes. Mostra hábitos do seu cotidiano bem como relata fatos de seu passado. O primeiro aspecto observado, como já dito anteriormente, associa-se a constatação de que as perdas, os momentos difíceis podem existir independentemente da idade, no caso da professora expressos através do fim repentino do seu casamento bem como a perda de dois dos seus três filhos. Todavia mostra a sua capacidade de lidar com os obstáculos de modo a encorajar também outras pessoas. Da mesma forma, na entrevista com Lily Marinho, 88 anos, são relatados fatos dolorosos como a perda do único filho legítimo, ocorrida há 43 anos. Por outro lado, eventos satisfatórios também são mencionados, como o seu casamento com Roberto Marinho aos 68 anos de idade e o lançamento de seu livro aos 83 anos.

Ademais nas matérias há uma visível desmistificação da velhice, no seguinte sentido: as pessoas podem envelhecer bem, sem necessidade de uma série de prescrições e recomendações, apenas vivendo. Na matéria *Divina Celeste*, relatada anteriormente, o seguinte relato parece exemplificar este significado:

Quando a repórter pergunta o segredo da pele viçosa, pensando que ouvirá conselhos de uma iogue anciã, Celeste solta: “A única coisa que uso é uma bucha bem dura, que comprei nos Estados Unidos”. Sobre a alimentação, ela desmistifica: “Já passei a fase radical, de macrobiótica e vegetariana. Nessa época meus filhos fugiam na hora do almoço”, ri. “Hoje como e bebo o que tiver, mesmo que seja carne e vinho. (Revista Tpm, Dez/2008, Jan/2009, p.76)

Outra matéria realizada com a modelista Christine Yufon “que não revela a idade- mas já passou dos 80” (Revista *Tpm*, Junho 2009, p.22) expressa também, a concepção de que se pode chegar a uma idade avançada com saúde, num processo de continuidade da vida. Não que a revista deixe de tratar as mudanças advindas com o passar do tempo. Tocante à dimensão utilitarista, nas páginas de *Tpm*, vislumbra-se a acepção de que a velhice condensaria o tempo vivido, ou seja, estaria impregnada pela sucessão de atividades desenvolvidas, promovendo uma espécie de desgaste natural. O corpo, como palco deste desgaste, pode apresentar diminuição no âmbito funcional. Ademais, conscientes de que estão na última fase da vida as mulheres

entrevistadas, em vários momentos, demonstram fragilidades, temores, principalmente com relação aos riscos de perda da própria autonomia, conforme o relato de Christine: “Peço para que possa andar, que minha cabeça funcione. Não tenho mais tanta memória como antes, as palavras não vêm facilmente, mas minha cabeça está muito ativa em criatividade” (Revista *Tpm*, junho 2009, p.26).

Já Lily Marinho diz categoricamente que viverá só mais dois anos, justificando que considera incomum uma pessoa saudável com mais de 90 anos: “Meus joelhos já não me deixam andar direito... Não quero ficar toda quebrada, sabe?” (Revista *Tpm*, Julho 2009, p.23).

De modo geral pode-se dizer que o conteúdo das matérias, entretanto, não enfatiza os aspectos patológicos do envelhecimento. Concernente ao pensamento de Comfort (1979) diferencia os mecanismos fisiológicos do processo natural de envelhecimento (senescência), daqueles fisiopatológicos que caracterizam as doenças comuns do idoso (senilidade). Esta aceção reafirma, como já dito anteriormente, a premissa de continuidade, nas quais as mudanças esperadas para esta etapa da vida participam de um mecanismo maior de adaptação e de manutenção de um certo equilíbrio compensatório envolvendo perdas e ganhos. De modo geral pode-se dizer que o conteúdo das matérias, entretanto, não enfatiza os aspectos patológicos do envelhecimento, concernente ao pensamento de Comfort (1979) nos quais são diferenciados os mecanismos fisiológicos do processo natural de envelhecimento (senescência), daqueles fisiopatológicos que caracterizam as doenças comuns do idoso (senilidade). Segundo o autor em comento não se pode negar a crescente diminuição da capacidade de manutenção do equilíbrio interno em resposta às sobrecargas funcionais, com o passar dos anos, todavia, há sempre uma expectativa positiva quando há uma tentativa de adequação da magnitude da sobrecarga às possibilidades individuais. Esta aceção reafirma, como já dito anteriormente, a premissa de continuidade, nas quais as mudanças esperadas para esta etapa da vida participam de um mecanismo maior de adaptação e de manutenção de um certo equilíbrio compensatório envolvendo perdas e ganhos, implicando numa visão de que o processo é sistêmico, envolvendo mudanças não só físicas e individuais, mas também familiares e sociais.

Entretanto, em uma das matérias analisadas “*Meninas da Portela*” a revista traz como um dos aspectos importantes para a qualidade de vida na velhice, a questão da desigualdade social. A reportagem tendo como foco principal, a importância da biografia de quatro senhoras da Velha Guarda da Portela, respectivamente com 56, 67, 75 e 88 anos, para a história do samba e do

pagode no Brasil aborda o aspecto sócio-econômico como fator decisivo no acometimento de doenças e limitações na vida dessas mulheres em idade avançada.

(...) representantes autênticas da Velha Guarda mais antiga das escolas de samba, sempre levaram uma vida humilde, trabalhando demais e ganhando de menos. Como acontece com a maioria da população pobre do país, suaram muitas camisas, criaram muitos filhos, viram alguns deles morrer e não tiveram alimentação saudável. Hoje pagam a conta com o corpo acima do peso, dificuldade para andar ou doenças. (Revista *Tpm*, Agosto 2008, p.52)

Ainda que de maneira superficial, a revista aponta para esta questão, o que por sua vez, não distancia de maneira substancial a experiência do envelhecimento de mulheres pobres daquelas de classe média ou alta. Em todas elas há lutas, sofrimentos, perdas ao longo da vida, mas também a disposição para a vida presente, como nas palavras de Dona Eunice, 88 anos, a “mais velha tia da Portela”: “Não tenho nada para dizer de antigo, gosto do presente” (Revista *Tpm*, Agosto 2008, p.53).



Figura 24 - Revista *Tpm*, Agosto 2008, p. 52-53

4.4 Sentidos de envelhecimento presentes na pesquisa

4.4.1 Tecnologia X envelhecimento

O primeiro tema abrange os artigos que tratam da relação entre a mulher e o seu corpo. Esta relação, entretanto, refere-se exclusivamente aos limites estéticos impostos pelo envelhecimento e não aos limites funcionais. As alterações físicas, percebidas no corpo como perdas e sua consequência para a identidade pessoal da mulher, bem como o seu não reconhecimento, estão presentes neste sentido. Aqui a centralidade é a noção de beleza que está associada a uma dicotomia envolvendo, simultaneamente, o tempo e a qualidade da imagem do próprio corpo.

Num primeiro momento, importante são os modos pelos quais as marcas do envelhecimento são percebidas no corpo, pelas mulheres. A priori, esta percepção envolve todos os sentidos, mas, sobretudo, o visual e o tátil. O primeiro deles, comumente denominado de aspecto, se dá através de sofisticadas análises que vão desde a coloração, incluindo as variantes de opacidade, luminosidade e brilho, até a verificação da resistência de movimento, visualmente percebidas por meio da maior ou menor elasticidade. Ou seja, todas as alterações na cor, no brilho, na opacidade ou luminosidade dos cabelos, da pele, bem como a elasticidade, medida pelo maior ou menor grau de resistência da pele e cabelos, são tratadas, aqui, como sinais delatadores de um processo de modificação corporal inexorável, redundando em marcas de flacidez, falta de viço, aparecimento de linhas finas de expressão e apontados como sinais de envelhecimento. As modificações percebidas como perda da luminosidade da pele, do brilho do olhar são associadas diretamente ao passar dos anos.

Além destas, outras alterações são notadas pelo tato como, por exemplo, a textura e o grau de maciez ou ressecamento das partes do corpo. Uma vez identificados, cabe observar qual o tratamento lhes é dado, ao longo das matérias analisadas e de que modo podem vir a impor limites ou não às possibilidades da vida social das mulheres.

Este sentido abarca os artigos com forte ênfase na aparência física, na imagem visual que é um dos elementos motivadores da cultura de consumo. Um dos aspectos observados refere-se à

estreita relação entre envelhecimento e perdas de beleza. Cabe analisar, outrossim, sobre qual beleza a revista faz referência, ou seja, se há um modelo específico ou não.

Outra temática a ser discutida, a partir da construção do presente sentido é o elevado número de profissionais entrevistados nas revistas, ou seja, dando informações técnicas ao leitor, inclusive com nomenclaturas específicas.

Neste íterim, sobressaem as matérias que enfatizam a importância dada ao consumo de produtos e à submissão das mulheres às intervenções estéticas, como forma de restituição do corpo perdido decorrente do processo de envelhecimento. Relevante mencionar que esta tentativa restitutiva, a partir de intervenções corpóreas, reflete a concepção de um novo modelo de corpo.

O corpo, ao qual as revistas fazem referências, pode ser analisado sob dois aspectos: inicialmente como um corpo novo, rejuvenescido, obtido por meio de instrumentações tecnológicas, a partir de modernas descobertas científicas, ou seja, as pesquisas em laboratório estão a serviço de um resgate corporal e a tecnologia é o grande instrumento para atingir este fim. Partindo dessa premissa, o corpo propagado na revista é moldável, passível de ser trabalhado, um corpo plástico que deve se adequar ao modelo estético de beleza:

“Missão anti-idade”- Claudia encarou uma tarefa deliciosa para mostrar o que há de melhor e mais eficaz na batalha contra o tempo. Entramos em modernos laboratórios para desvendar o passado, o presente e o futuro da ciência contra o envelhecimento, investigamos mulheres que não vivem sem um verdadeiro arsenal para tratar a pele e ainda testamos os melhores cremes rejuvenescedores. Tudo isso para você se manter sempre jovem, naturalmente. (Revista *Claudia*, Junho de 2009, p.156)

4.4.1.1 Nas profundezas das rugas

Esta subcategoria identifica como principal sinal de envelhecimento a ruga, abarcando todas as denominações e adjetivações dadas pelas revistas. Conhecidas por linhas finas, linhas de expressão, marcas de expressão, vincos, primeiros sinais do tempo, código de barras, efeitos do tempo, linhas profundas, linhas superficiais, sulcos, pés de galinha, bigode chinês, efeitos da idade, nesta subcategoria estão todas as matérias que se ocupam em analisar o surgimento, o desenvolvimento e o tratamento dispendido às rugas, bem como em quais partes do corpo feminino elas aparecem e quais as repercussões esperadas para a sua aparição.

Bye, Bye rugas - a Allergan, que fabrica o Botox, entrou também no segmento de preenchedores. A linha Surgiderm, à base de ácido hialurônico, possui cinco versões, cada uma indicada para um tipo específico de ruga (das finas e superficiais aos sulcos mais profundos). “Isso garante um rejuvenescimento bem natural, pois o médico pode escolher o produto que melhor combine com as necessidades da pessoa” (Revista *Claudia*, Setembro 2008, p.100)

Aqui são encontradas, também, todas as matérias que mencionam diretamente, ou indiretamente estes sinais corporais, bem como todos os procedimentos que possam evitá-los, preveni-los ou retardá-los.

Jovem da cabeça aos pés - olhos, boca, seios, pernas... Cada centímetro do seu corpo pode rejuvenescer com os cremes de última geração: Bumbum: chegou a vez de os cosméticos atacarem a celulite em várias frentes. Agora, na mesma fórmula, são encontrados ativos drenantes, como o silício orgânico; lipolíticos, como a cafeína e a garcínia; firmadores como Dmae; e ingredientes que freiam a produção de novas células de gordura. (Revista *Claudia*, Setembro, 2008, p.114).

Considerando tais aspectos, Pires (1998) identificou nas revistas *Claudia* das décadas de 1980 e 1990, um grande número de artigos relacionados à prevenção das rugas. Na presente pesquisa, a análise do conjunto de matérias de *Claudia* mostra que é possível estabelecer algumas características comuns já discutidas na análise dos resultados.

4.4.2 O Envelhecimento como Desgaste Natural

O segundo sentido a partir da qual foi classificado o material das revistas, agrupa as matérias com temática associada ao comportamento, tratando o envelhecimento como mais uma fase da vida. Uma das características presentes é a percepção de que há continuidade no envelhecimento. Ninguém dorme jovem e acorda velho. Muitas biografias e entrevistas com mulheres idosas estão presentes, nesta categoria, ressaltando a idéia de processo, ou seja, o que elas são hoje é um reflexo do que foram ao longo de toda a vida. A principal característica é o de conceber o envelhecimento como uma parte da trajetória, sobretudo, influenciada pelo *modus*

vivendi do indivíduo, ou seja, pelo estilo de vida e valores que nortearam a vivência subjetiva das pessoas ao longo da vida:

“Wanderléa Salim é uma mulher moderna faz muito tempo. Desde antes de você, leitora de 20, 30 ou 40 anos, nascer, ela já sacudia o país com seu comportamento “prafrentex”. A musa da jovem guarda, colega de Roberto e Erasmo no movimento que trouxe o rock e outras revoluções para o Brasil, andava por aí de minissaia dirigindo carros esportes numa época em que as mulheres mal ousavam sair por aí sozinhas. E que era necessário alguém escrever, como seus parceiros fizeram, que “garota ir ao cinema é uma coisa normal” (de “Minha Fama de Mau”, gravada por Erasmo em 1964). Aos 62 anos, Wanderléa continua sendo uma mulher moderna” (Revista Tpm, Outubro 2008, p.26)

Ademais há matérias desmistificando a velhice sob o seguinte aspecto: as pessoas podem envelhecer bem, sem necessidade de uma série de prescrições e recomendações, apenas vivendo. Na matéria, *Divina Celeste*, a entrevistada, uma professora de ioga de 85 anos, apresenta o seguinte relato:

Quando a repórter pergunta o segredo da pele viçosa, pensando que ouvirá conselhos de uma iogue anciã, Celeste solta: “A única coisa que uso é uma bucha bem dura, que comprei nos Estados Unidos”. Sobre a alimentação, ela desmistifica: “Já passei a fase radical, de macrobiótica e vegetariana. Nessa época meus filhos fugiam na hora do almoço”, ri. “Hoje como e bebo o que tiver, mesmo que seja carne e vinho”. Sua preocupação é não dar trabalho para os outros e, ao confessar isso em tom de segredo, não deixa dúvida de sua porção “avó”. (Revista Tpm, Dezembro/2008, Janeiro/2009 p.76)

As matérias deste grupo apresentam, sobretudo, a história de vida de pessoas com idade acima de 60 anos, que foram ou são destaques no âmbito social ou profissional; pessoas que foram ou são referências. As pautas abrangem a vida em família, suas conquistas, suas memórias, possíveis perdas emocionais, além do processo de amadurecimento e aprendizagem perante as vicissitudes da vida, bem como as expectativas e planos futuros. Outra característica abordada refere-se à aquisição de habilidades decorrentes da experiência e que seriam indispensáveis para suportar alguns obstáculos inevitáveis da vida. Outro enfoque dado pelos artigos é o de que haveria uma certa diminuição da ansiedade decorrente de um decréscimo do nível de auto-exigência em atender as cobranças e expectativas alheias, sociais. O reconhecimento de limitações físicas, decorrentes da idade, muitas vezes é tratado, contudo, de maneira abrangente. Aqui, o aspecto mais enfatizado é o do ‘balanço’ da vida, em todos os âmbitos, não há realce no aspecto beleza e, quando este tema aparece, sempre se dá de maneira secundária.

4.4.2.1 Envelhecimento X Funcionalidade

Outro aspecto relevante diz respeito à dimensão utilitarista deste sentido. Há uma acentuada ênfase no desgaste natural, a vida desgasta-se, assim como um objeto. A idade condensaria o tempo vivido, ou seja, estaria impregnada pela sucessão de atividades que o indivíduo desenvolveu. Aqui o corpo aparece a partir do âmbito funcional, da diminuição da funcionalidade, mostrando a aproximação da conotação de que, com o envelhecimento, há uma real possibilidade no aumento da incidência de doenças. O corpo aparece como uma máquina que, em decorrência do desgaste natural, passa a apresentar problemas, déficits, doenças. Algumas matérias são de caráter biográfico, apresentando esses aspectos na vida das pessoas. Outras matérias, preponderantemente informativas, sugerem dicas de saúde, prevenção e tratamento de doenças e/ou ensinam como lidar com problemas diversos, próprios da faixa etária.

Em algumas matérias a questão da finitude é abordada, mas não é ressaltada.

‘Não tendo nada para dizer de antigo, gosto do presente’ a frase é de Eunice, 88, a mais velha tia da Portela, também considerada dona da voz mais bonita e rainha do miudinho (passo tradicional no qual não se tira os pés)(...) Agora Eunice está magrinha por causa de uma doença no coração (...). (Revista *Tpm*, Agosto 2008, p.53)

4.4.3 Envelhecimento como Produtividade

Outro sentido a partir da qual foi classificado o material das revistas, trata das possibilidades de realizações relacionadas à idade. Existem duas concepções neste grupo de matérias. Uma delas estaria vinculada a uma certa idealização de que, com a idade, a mulher poderia libertar-se de convenções sociais muito aprisionadoras. Assim, o que numa mulher jovem poderia ser visto como excentricidade, numa mulher idosa seria um direito adquirido de expressão.

Uma segunda concepção estaria relacionada diretamente ao aspecto profissional, as matérias abordam estritamente as conquistas de uma carreira profissional bem sucedida, sem sequer mencionar a temática do envelhecimento.

A principal responsável pelo sucesso do maior festival de artes cênicas da América do Sul é a médica psiquiatra e diretora teatral Nitis Jacon, 72 anos (...). Ao assumir a coordenação do festival, em 1971, Nits transformou o evento regional em nacional e internacional (..) Nitis, que sempre uniu a profissão de médica à paixão pelas artes, deixou a direção do Filo, em 2003, para presidir o Teatro Guaíra, em Curitiba. (Revista *Claudia*, Agosto, 2008, p.48)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva de um trabalho que visa explicitar aspectos concernentes ao envelhecimento feminino, no âmbito da mídia escrita, indica que estamos diante de um fenômeno extremamente complexo, com múltiplas facetas fomentadas por aspectos sócio-culturais, inscritos temporalmente, especificamente na modernidade, porém com ‘lastros históricos’ difíceis de serem abarcados em sua totalidade.

Cada pesquisador, mesmo que norteado pelo necessário rigor metodológico, a partir de um determinado recorte e sob certo referencial teórico, apresenta abordagens e análises específicas, enfatizando discussões que não esgotam a possibilidade de outras vertentes analíticas, que contemplem outros aspectos de abrangência complementar ao tema avaliado.

Todavia, mesmo cômicos da limitação do presente trabalho, se considerado em uma perspectiva totalizadora, procuramos envolver o objeto da presente pesquisa de modo a desvendar seus diversos elementos e particularidades, bem como as diferenças e similaridades percebidas a despeito dos sentidos referentes ao envelhecimento feminino, em periódicos destinados às mulheres, sobretudo da região urbana, de classe média e alta.

A premissa inicial do trabalho era a de se apreender todo e qualquer elemento que se relacionasse com esta etapa da vida, sem que uma temática específica associada fosse escolhida preliminarmente, como por exemplo, família, corpo ou beleza. O desafio, portanto, era o de se buscar os sentidos em sua forma abrangente, abordando os elementos que se mostrassem significativos e com a devida profundidade.

Desde o primeiro contato com as revistas, através das fotos e chamadas das matérias das capas de cada editorial, até a exaustiva releitura do material, em toda a sua extensão, o envelhecimento da mulher apresenta-se como uma temática relevante e merecedora de observação.

Ao lado do aumento da expectativa de vida, uma série de desdobramentos, para todas as faixas etárias, estão se configurando quanto à perspectiva do envelhecimento, suscitando uma série de inquietações e ordenamentos para a vida da mulher, em vários âmbitos, sobretudo no aspecto corporal.

A possibilidade de uma vida mais longa e mais saudável, no entanto, não acompanha a aceitação desta fase da vida sob todas as suas formas, ou seja, ao que parece, no universo pesquisado, o envelhecimento suscita sentidos ambíguos, contraditórios, que ao mesmo tempo em que refletem uma conquista, sinalizam uma temeridade. Paradoxo dos nossos tempos, mais do que envelhecer com saúde, ‘envelhecer bem’ significa ‘envelhecer jovem’.

O título escolhido para esta pesquisa “Mulheres em conserva”, parafraseando a crônica da escritora Lucivânia Fernandes²⁸, revela a constatação de que, nos sentidos conferidos ao envelhecimento feminino, tanto em *Claudia* como em *Tpm* alguns preceitos concernentes ao processo estão ‘em conserva’, mantidos aprisionados em referências passadas.

Um destes aspectos tange às manifestações corporais que são fortemente marcadas por um jogo de dominações e submissões, nos quais são pulverizados preceitos para que a mulher se mantenha ‘presa’ a um modelo que, mais do que estético pode ser entendido como estático, pois até mesmo os produtos utilizados para as marcas do envelhecimento, como, por exemplo, para combaterem as rugas indicam a paralisação de alguns músculos do rosto, principalmente os responsáveis pela expressão facial. Ou seja, de acordo com esta abordagem de exaltação da juventude que se confunde com a referência unívoca de beleza e da beleza como referência do feminino, o envelhecimento passa a ser ‘desnaturalizado’.

Todavia, a premissa da manutenção da juventude, como uma necessidade das mais relevantes, escamoteia, por outro lado, a manutenção de uma lógica de exploração e dominação do corpo feminino.

Exploração na medida em que o corpo jovem, característico de um corpo idealizado, acaba representando uma espécie de ‘objeto de consumo’, vinculado às necessidades da produção e do consumo presentes no capitalismo, porém justificado pela sua identificação com um novo arquétipo de felicidade humana, através do investimento da tecnologia nas questões do corpo, “ela mesma identificada com o progresso e a serviço do mercado, que busca se expandir ilimitadamente” (Silva, 2001, p.55). Nesta perspectiva, a ilusão pela conservação do rosto e do corpo da juventude está engendrada ao consumo de muitos produtos e serviços.

Dominação, na medida em que há a reiteração de mecanismos conservadores de desigualdades de gênero, conferindo um tratamento assimétrico ao corpo feminino, em detrimento do processo de envelhecimento, em toda a sua perspectiva biológica, social e política.

²⁸ “Mulheres em conserva” de Lucivânia Fernandes, disponível em www.redejovem.org.br

A consideração de tais elementos não pode ser analisada como mero produto da cultura de massa, sem qualquer participação das mulheres, no universo pesquisado. O próprio conceito de sentido, proposto por Spink (1999) preconiza a natureza desta interação:

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas- na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas-constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. (1999, p.41)

Seguramente, vários domínios convergiram para fazer da aparência corporal uma preocupação e do envelhecimento uma ameaça. O processo de urbanização das cidades, o incremento de mercadorias, inclusive de embelezamento, a ampliação do mercado de produtos industrializados relacionados ao conforto e aos cuidados corporais, o desenvolvimento da medicina, dos meios de comunicação de massa, o surgimento da fotografia foram alguns dos elementos históricos que impulsionaram a emergência do culto ao corpo contemporâneo e da exaltação dos padrões estéticos jovens.

Entretanto, as motivações, escolhas e experiências contempladas, nas revistas, refletem interações mais complexas, de sentidos ambíguos. Paralelamente à manutenção de certos princípios que desqualificam o envelhecimento observamos manifestações de ressignificação positiva do processo.

Uma delas exprime a idéia de que envelhecer não é uma ruptura, mas sim um processo contínuo, caracterizado pelo prosseguimento da vida, com seus ganhos e perdas.

Outra referência, associada ao envelhecimento, confere a este período a supremacia da maturidade profissional feminina, diferentemente do enfoque da aposentadoria compulsória do trabalho em função da idade.

Estas reflexões permitem-nos concluir que as mesmas revistas que participam da disseminação dos discursos dominantes, reiterando posicionamentos hegemônicos, difundem concepções distintas, com novas configurações e produções, compartilhando de um processo que não pode ser entendido como unilateral, mas que se faz dialético, que se estrutura nas relações entre os muitos agentes do tecido social.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar que apesar das matérias analisadas participarem apenas do período de 01 ano da história atual, seus elementos estão em conformidade com

reflexões teóricas que investigam as diversas manifestações contemporâneas atinentes ao envelhecimento.

Ademais, ressaltamos que a nova configuração etária brasileira, caracterizada pelo envelhecimento da população, deve ser observada por novas investigações que acompanhem não só a continuidade do processo, bem como a especificidade de seus elementos. A elucidação dos delineamentos dos modos de interiorização dos agentes sociais, homens e mulheres, face à realidade do envelhecimento da população brasileira deve ser analisada criticamente, para que ações efetivas possam colaborar para que este não se torne mais um grilhão nas relações de gênero.

REFERÊNCIAS

Araújo, L. F., Carvalho, V. A. M. L., & Moreira, E. F. (2003). Representações sociais da velhice um estudo com idosos paraibanos. In *Textos Completos da III Jornada Internacional sobre Representações Sociais* (pp. 542-556). Rio de Janeiro: Editora da UERJ & Gráfica MEC.

Araújo, L. F., Coutinho, M. P. L. & Carvalho, V. A. M. Lucena. (2005). Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicol. cienc. prof.* [online], 25(1), 118-131. Recuperado em 09 de outubro de 2009 de http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000100010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893.

Ariza D, A. (2004). *Consumo e estratégias de aparência*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Aquino, E. M. L., Menezes, G. M. S. & Marinho, L. F. B. (1995). Mulher, Saúde e Trabalho no Brasil: Desafios para um Novo Agir. *Cad. Saúde Pública*, 1(2), 281-290.

Bandeira, L. & Batista, A. S. (2002). Preconceito e discriminação como expressões de violência [versão eletrônica]. *Rev. Estudos Feministas*, 10(1), 119-141. ISSN 0104-026X.

Barbosa, P. Z., Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicol. clín.* [online], 19(1), 163-185. ISSN 0103-5665. Recuperado em 20 de março de 2010.

Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições 70.

Bauer, M.W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (P. A. Guareschi, trad., pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.

Bassanezi, C. (1992). A revista Claudia e a sexualidade. In *Informação Demográfica, Fecundidade Demografia Histórica, VII Encontro Nacional de Estudos populacionais*, pp.107-126. São Paulo.

Bassanezi, C. (1996). *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem – mulher 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bassanezi, C. (1997). Mulheres dos anos dourados. In C. Bassanezi & M. Del Priori (orgs). *História das mulheres no Brasil* (pp.607-639). São Paulo: Contexto/Unesp.

Besse, S. K. (1999). *Modernizando a desigualdade*. São Paulo: Edusp.

Bobbio, N. (1997). *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus.

Bonnewitz, P. (2003). *Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu* (L Magalhães. trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Bookstein, F. et al. (1993). *Aging as explanation: how scientific measurement can advance critical gerontology*. Nova Iorque: Springer Publishing Company.

Bosi, E. (1972). *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bourdieu, P. (1977). *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bourdieu, P. (1979). *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.

Braga, A. (2005). Corpo e Agenda na Revista Feminina. *Cadernos IHU Idéias* 3(40).

Bruschini, C. & Lombardi, M. R. (2002). Instruídas e trabalhadeiras. Trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos Pagu* 17(18), 157-196.

Buitoni, D.H.S. (1981). *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola.

Buitoni, D.H.S. (2009). *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus.

Camargo, F.C., & Hoff, T. M. C. (2002). *Erotismo e mídia*. São Paulo: Expressão e Arte.

Casotti, L., Suarez, M., & Campos, R. D.(Orgs.). (2008). *O tempo da beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares*. Rio de Janeiro: Senac Nacional.

Castro, A. L. (2004). Corpo, consumo e mídia. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 1(1).

Codo, W., & Senne, W. (1986). *O que é corpo (latria)?* São Paulo: Brasiliense.

Colavitti, F. (2004, junho). Beleza revelada. *Galileu*, 155.

Comfort, A. (1979). *A boa Idade*, São Paulo: Difel, Difusão Editorial.

Costa, C. M. L. (2007). *O que quer a Mulher? lugar de fala e representação de Gênero na Revista Tpm*. Trabalho de Conclusão de curso, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Costa, F. G., & Campos, P. H. F. (2009). Representação Social da Velhice, Exclusão e Práticas Institucionais. *Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas*, 1(1), 100-113 Recuperado em 12 de janeiro de 2010, de <http://www.crp09.org.br/NetManager/documentos/v1n1a6.pdf>.

Costa, M. P (2005). Revista Claudia: imagens femininas na moderna sociedade brasileira (1961-1985). In *XXIII Simpósio Nacional de História: história: guerra e paz*. Londrina. Recuperado em 06 de fevereiro de 2009, de <http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio>

Couto, A. L. A. (2004). *Gerontologia: Scienza Nuova? Reflexões sobre o discurso científico do Envelhecer*, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Recuperado em 6 de novembro de 2008 de <http://www.sbggrj.org.br/artigos/scienza.htm>

Csordas, T. (2008). Corporeidade como um Paradigma para a Antropologia. In T. Csordas, *Corpo/Significado/Cura*, (pp.101-146). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Currier, D.H. (1999). *Girl Talk: adolescent magazines and their readers*. Toronto: University of Toronto Press.

Debert, G. G. (2004a). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Debert, G. G.(2004b). A Cultura Adulta e Juventude como valor. In *Imagens da Modernidade: Mídia, Consumo e Relações de Poder, Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, pp.1-25.

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Del Priore, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC

Del Priore, M.(org.) (2008). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. .

D’Incao, M. A. (2008). Mulher e família burguesa, In C. Bassanezi & M. Del Priore, *História das Mulheres no Brasil* (9a ed., pp.223-240). São Paulo: Contexto.

Duarte, J. R. (1986). *O que é beleza*. São Paulo: Brasiliense.

Durand, J. C. (1988). *Moda, luxo e economia*. São Paulo: Babel Cultural.

Durham, M. G. (1995). Decoding the visual Grammar of pornography: a critical comparison of softcore pornography with women’s fashion magazines. In *Annual Meeting of the Association for Education in Journalism and mass communication*, p.14-18.

Eco, U. (2004). *História da Beleza* (E. Aguiar, trad.). Rio de Janeiro: Record.

Falci, M. K. (2008). Mulheres do sertão nordestino. In C. Bassanezi & M. Del Priore, *História das Mulheres no Brasil* (9a ed., pp.241-277). São Paulo: Contexto

Featherstone, M. (1998). O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In G. G. Debert (org.), *Antropologia e Velhice* (pp.45-64). Campinas, SP: UNICAMP.

Foucault, M. (1979) *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2008). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes.

Garcia, J. A. (2004). Mulheres exemplares: vidas contadas no anuário das senhoras de 1953. *Revista História Hoje*, 5. São Paulo.

Goldenberg, M. (Org.). (2007). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca* (2a ed.). Rio de Janeiro: Record.

Goldenberg, M. (2008a). Nem toda brasileira é bunda: corpo e envelhecimento na cultura contemporânea. In: L Casotti., M. Suarez., & R. D. Campos (Orgs.), *O tempo da beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares* (pp.124-143). Rio de Janeiro: SENAC Nacional,

Goldenberg, M. (2008b). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record.

Gomes, I. M. A., & Melo e Silva, J. C. (2005). Ciência, Saúde e Beleza nas revistas femininas. *Revista Comunicação e Saúde*, 2 (3).

Gomes, N. L. (2006). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica (Coleção Cultura Negra e Identidades).

Gomes, N. M., & Pereira, E. A. (2002). *Flor do não esquecimento: cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte: Autêntica (Coleção Estudos culturais, 9).

Guareschi, N. M. F., & Medeiros, P. F. (2008). A mídia como ferramenta de pesquisa: produção de saberes no cotidiano sobre a saúde das filhas deste solo. *Psicologia & Sociedade*, 20, Edição Especial, 87-95.

Habert, A. B. (1974). *Fotonovela e indústria cultural: estudos de uma forma de literatura sentimental fabricada pra milhões*: Petrópolis: Vozes.

Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação & Realidade*, 22(2), 15-46.

- Heer, F. (1968). *História das Civilizações*. Lisboa: Arcádia, v.3.
- Hollander, A. (1996). *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Heberle, V. M. (2004). Revistas para Mulheres no Século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? *Linguagem em (Dis)curso*, 4, 85-112.
- Hoff, T. M. C. (2005). O corpo imaginado na publicidade. *Cadernos de pesquisa ESPM*, 1(1), 9-64.
- Hollenbach, G. (2003). O Casamento e a Tpm: novos tempos, novos sentidos. *Em Questão*, 9(2). Recuperado em 22 de maio de 2006, de http://www.ufrgs.br/emquestao/2003_v9_n2.htm.
- IBGE (2009). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais. Uma Análise das Condições de Vida da população Brasileira. *Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica*, n.26. Rio de Janeiro, RJ, p.165-183.
- Kastenbaum, R. (1979). *Velhice: anos de plenitude* (J. Martins, trad.). São Paulo: Harper e Row do Brasil Ltda.
- Krassoievitch, M. (2000). Vejez y Redes Sociales. *Rev. Casa del Tiempo*. Universidad Autónoma Metropolitana - UAM, (México), 2 (14), 54-57.
- Krzemien, D. (2007). Estilos de Personalidad y afrontamiento Situacional frente al Envejecimiento em la Mujer. *Revista interamericana de Psicología*, 41(2), 107-258.
- Kofes, S. (1992). Categorias Analítica e Empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações. In *XVIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA)*, pp.19-30. Belo Horizonte.
- Laver, J. (1989). *A roupa e a moda: uma história concisa* (G. M. M. Carvalho, trad). São Paulo: Companhia das Letras.
- Le Breton, D. (2007). *A Sociologia do Corpo* (S.M.S. Fuhrmann, trad.) 2a ed. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lima, J. S., & Gonçalves, I. A. (2008). De meninas fiandeiras a mulheres operárias a inserção da mão-de-obra feminina na indústria têxtil, nas quatro primeiras décadas da República. In *VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação - Cultura Escolar Migrações e Cidadania Actas 20 - 23 Junho 2008*, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto)- Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.
- Lins de Barros, M. M., & Prado, R. M. (1981). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, v.2.

Lipovetsky, G. (2002), *Revista Veja*. Entrevista. Nº 1770, 25 de Setembro.

Lopes, M. & Casotti, L. (2008). Será que volta ao normal? Um estudo sobre beleza, maternidade e consumo. In *O tempo da beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares*, (pp 176-199). Rio de Janeiro: Senac Nacional

Lopes, M. T. (2005). *O conceito de beleza e maternidade: um estudo exploratório do comportamento feminino*. Dissertação de Mestrado em Administração, Instituto COPPEAD de Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

Louro, G. L. (2008). Mulheres na sala de aula. In C. Bassanezi & M. Del Priore, *História das Mulheres no Brasil* (9a ed., pp.443-481). São Paulo: Contexto.

Machado, M. L. B. (2004). Construindo os "anjos da casa": trabalho fabril feminino e casamento entre as décadas de 40 e 60; In I. Galleazi, (Org.), *Feminino e casamento entre as décadas de 40 e 60*. *Revista Mulher e Trabalho*, Porto Alegre, CORAG.

Magalhães-Vilhena, V. (1974). Estética In: *Pequeno Manual de Filosofia* (pp. 587-599). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

Matos, A. A., & Lopes, M. F. (2008, janeiro/abril). Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP para Mulher. *Revista Estudos Feministas*, 16(1), 61-76.

Mauss, M. (1974). As técnicas corporais. In *Sociologia e antropologia*. Vol. II. São Paulo: Edusp.

Mauss, M. (2003). *Sociologia e Antropologia* (P. Neves, trad.).São Paulo: Cosac Naify.

Medrado, B. (1999). Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In M.J. Spink, (Org.), *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (pp 243-271). São Paulo: Cortez

Melani, R. (2004, out/dez). Fragmentação e doença do corpo na sociedade do consumo. *Revista PUC Viva*, 22. Recuperado em 2 de agosto de 2006 em: www.apropucsp.or.br/revista/r22_r01.htm.

Mercadante, E. (1998). A velhice: culturas diversas, temporalidades distintas. *A Terceira Idade*, 14, 19-30. São Paulo: SESC

Miranda-Ribeiro, P. (1996). “Querida Querida”: a construção do feminino através de uma análise de conteúdo das cartas do editor da revista Querida. In *IX Encontro Nacional de estudos populacionais*. Anais... ABEP, p. 2755-2768.

Miranda-Ribeiro, P., & Moore, A. (2002, jul./dez.). Já nas bancas: a saúde reprodutiva das adolescentes vistas através das revistas Querida e Capricho. *Revista Brasileira de Estudos da População*, 19(2), 263-276.

Montagner, M. A. (2006). Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. *Ciênc. saúde coletiva*, 11(2), doi: 10.1590/S1413-81232006000200028. Recuperado em 27 de Março de 2010 de www.scielo.br.

Montagu, A. (1988). *Tocar: O significado humano da pele* (M. S. M. Netto, trad.). São Paulo: Summus, (Novas buscas em psicoterapia; v. 34).

Mora, J. F. (1977). *Dicionário de Filosofia* (A. J. Massano & M. J. Palmeirim, trads.). Lisboa: Dom Quixote.

Mora, J. F. (1994). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola.

Morin, E. A. (1997). *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago.

Motta, A. B. (1997). Palavras e convivência-idosos, hoje. *Estudos feministas*, 1(5), 129-139.

Motta, A. B. (1999). As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*. Campinas: Ed. UNICAMP, p.191-221.

Mota-Ribeiro, S. (2005). Retratos de mulher: um estudo das imagens visuais e sociais do feminino, in *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO*, vol. III, pp. 657-666, recuperado em 21 de dezembro de 2009, de <http://bocc.ubi.pt/pag/mota-ribeiro-silvana-retratos-demulher-um-estudo-das-imagens-visuais-e-sociais-do-feminino.pdf>

Muzart, Z. L. (2003). Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Rev. Estud. Fem.*, 11(1), doi 10.1590/S0104-026X2003000100013. Recuperado em 01 de janeiro de 2010, de www.scielo.br/

Nehring, M. L. Q. M. (1981). *Família e feminismo; reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres*. São Paulo: FFLCH- USP.

Neri, A. L. (1991). *Envelhecer num País de jovens: significado de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Ed. UNICAMP

Neri, A. L. (1993). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus.

Neto, R. (1998). *Principais aspectos funcionais do envelhecimento biológico*. Belo Horizonte. Aula ministrada co curso de Pós-Graduação em Gerontologia da FUMEC.

Novaes, J. V. (2006). *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. Puc- Rio, Garamond

Novaes, J.V., & Vilhena, J. (2006). Dormindo com o inimigo. Mulher, feiúra e a busca do corpo perfeito. *Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Dossiê Beleza*, 78. Recuperado em 10 de julho de 2009 de <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=15&id=144>.

Novaes, J. V. (2008). Vale quanto pesa... Sobre mulheres, beleza e feiúra. In L. Casotti, M. Suarez, & R. D. Campos (Orgs.), *O tempo da beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares*, (p 144-175). Rio de Janeiro: Senac Nacional.

Nunes, M. J. R. (2008). Freiras no Brasil. In M. Del Priore, C. Bassanezi (Orgs.), *História das mulheres no Brasil*, (pp.482-509). São Paulo: Contexto.

Oliveira, R. C. S. (2002). Velhice: Teorias, Conceitos e preconceitos. *A Terceira Idade* 25(13). São Paulo: SESC.

Olivier, G. G. F. (1995). *Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. Campinas: [s.n.].

OMS. (2002). Envelhecimento ativo: um Projeto de Saúde Pública. In *Anais do 2º Encontro Mundial das Nações Unidas sobre Envelhecimento*. Madri, Espanha.

Palácios, A. M. (2005). As múltiplas idades e os múltiplos usos: cultura, consumo e segmentação de público observados em anúncios publicitários impressos de cosméticos femininos. In *Livro de Atas – 4º Sopcom*.

Pena, M. V. J. (1981). *Mulheres e Trabalhadoras: Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril*. Rio de Janeiro: Paz Terra.

Pereira, J. K. (2006). *As representações sociais da velhice e terceira idade: um estudo de caso sobre um “grupo de terceira idade de Caratinga”*. Dissertação de Mestrado, Centro Universitário de Caratinga, MG.

Perrot, P. (1984). *Le corps féminin: le travail des apparences, XVIII – XIX siècle*. Paris : Editions du Seu.

Peixoto, C. E. (1997). Histórias de mais de 60 anos. *Revista Estudos Feministas*, 5(1), 148-158.

Peixoto, C. (2000). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In M. M. Lins de Barros (Org.), *Velhice ou Terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (pp.69-84). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Platão, (2001). *O Banquete (o amor, o belo)*. Recuperado em 26 de Junho de 2001 de www.dominiopublico.gov.

Pires, A. (1998). *Velhos em revista: envelhecimento e velhice nas páginas de Claudia e Playboy (anos 80 e 90)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Poli, P. N. (2006). *A Medicalização da beleza*. Dissertação de Mestrado, Setor de Ciências da Saúde da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Poltronieri, W. V. (1995). *A procura da Rinoplastia estética: um estudo exploratório à luz dos processos de atribuição*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Prado, K. F., & Trisotto, S. (2008). O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 115-121.

Rodrigues, M. (1992). *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática.

Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.

Rocha, D., & Deusdará, B. (2005, julho/dezembro). Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*, 7(2).

Sabino, C. (2007). Anabolizantes: Drogas de Apolo. In M. Goldenberg (Org.), *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca* (pp.139-188). Rio de Janeiro: Record.

Samarão, L. (2007). O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. *Contemporânea*, 8, 45-57.

Sant'Anna, D. B. (2000). As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, 14, 235-249.

Sant'Anna, D. B. (2001). *Corpos de passagens: ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade.

Sant'Anna, D. B. (2004a). *É possível realizar uma história do corpo?* In L. Soares (Org.) *Corpo e história* (pp. 3-22). Campinas, SP: Autores associados.

Sant'Anna, D. B. (2004b). *Ética e cultura corporal: do culto ao corpo às condutas éticas*. Recuperado em 04 de dezembro de 2004 de <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/103.rtf>

Santos, J. R. (1996). *Minha Amiga Cláudia*. Dissertação de Mestrado, UMESP. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

Sarti, S., & Moraes, M. Q. (1980). Aí a porca torce o rabo. In M. C. A Bruschini, & F. Rosemberg, (Orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas* (pp. 19-57). São Paulo: Brasiliense.

Scott, J. (1990, jul./dez). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16(2).

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise. In Gênero e Educação. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-100.

Sibilia, P. (2004). Imagens da beleza pura: o corpo digitalizado. In *Festival Internacional de linguagem eletrônica*.

Silva, A. M. (2001). *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca de um novo arquétipo de felicidade*, Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: editora da UFSC (Coleção educação física e esportes).

Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, 15(1), 155-168.

Singer, P., Campos, O. & Oliveira, E. M. (1978). *Prevenir e Curar. O controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola.

Siqueira, D. C. O., Faria, A. A. (2006). Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. In *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Unb*.

Swain, T.N. (2001). Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas "femininas". *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v.15, n.3, July. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de julho 2008. doi: 10.1590/S0102-88392001000300010.

Spink, M. J. (1999). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez Editora.

Strozenberg, I. (2006). Branca, preta, híbrida: qual é a cor da beleza na propaganda brasileira hoje? *Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Dossiê Beleza*; São Paulo, n.78, 10 jul. 2006. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=15&id=144>. Acesso em: 03 de maio de 2010.

Souza, L., & Menandro, P. R. M. (2007). Pesquisa documental em Psicologia: a máquina do tempo. In: M. M. P. Rodrigues, & P. R. M. Menandro (Orgs.) *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa e Psicologia* (pp. 151-174). Vitória: UFES.

Tatarkiewicz, W. (1970). *History of a esthetics*. Paris: Mouton, v.1.

Telles, N. (2008). Escritoras, escritas, escrituras. In C. Bassanezi & M. Del Priore, *História das mulheres no Brasil*. (9a.ed., pp.401-442) São Paulo: Contexto.

Torrão, A. F. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu* (24), 127-152, janeiro-junho.

Trinca, T. P. (2008). *O corpo-imagem na “cultura do consumo”*: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP.

Thompson, J.B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In: A. Santos Silva, J. M. Pinto (Orgs). *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.

Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(2), 479-501.

Veleda da Silva, S. M. (2008). A Perspectiva Feminista na Geografia Brasileira In Anais Completos Isbn: 978-85-7078-180-2i *Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico*.

Vianna, L. C.R. (1992). *A Idade Mídia: uma reflexão sobre o mito da juventude na Cultura de Massa*. Brasília, Fundação Universidade de Brasília. (Série Antropologia nº 121).

Vigarello, G. (2006). *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Vilela, A., Ribeiro, M. (2001). *Muitas revistas para poucas mulheres*. Gazeta Mercantil, São Paulo, 28 de Maio.

Vilhena, J.; Medeiros, S. & Novaes, J.V. (2005). Violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. *Revista Mal-Estar E Subjetividade*, Fortaleza, 5(1),109-144.

Wolf, M. (1994). *Los efectos sociales de los media*. Barcelona (Espanha): Ediciones Paidós.

Wolf, N. (1992). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. W.Barcellos (trad.) Rio de Janeiro: Rocco.

Wandermurem, M. (2006). O corpo na fronteira do sagrado e profano: a construção ética da corporeidade através da história. *Maiêut. dig. R. Fil. Ci. Afins*, Salvador, 1(2/3), 177-195, set. 2006/abr. 2007.

ANEXO 1 – Ficha de Pesquisa

REVISTA	MÊS-ANO	SESSÃO TÍTULO (p/np)	SUBTÍTULO (página)	Categoria
1-				
2-				
3-				
4-				
5-				